REVISTA DA SEMANA

Nº 48 ★ 2-12-50

CR$ 3,00 EM TODO O BRASIL



NO TEXTO: **As primeiras fotos de CESAR LADEIRA JUNIOR**

NOVOS FLAGRANTES COM JULIO LOUSADA E A "ORAÇÃO PARA O NATAL" DE 51



AO PÚBLICO DE TODO O BRASIL

COMPREM DO RIO DE JANEIRO PELO REEMBOLSO POSTAL — APROVEITEM ESTAS MARAVILHOSAS OFÉRTAS

GRATIS

Para compras acima de Cr$ 150,00, enviaremos um colar com linda medalha de prata com gravação de um verso religioso

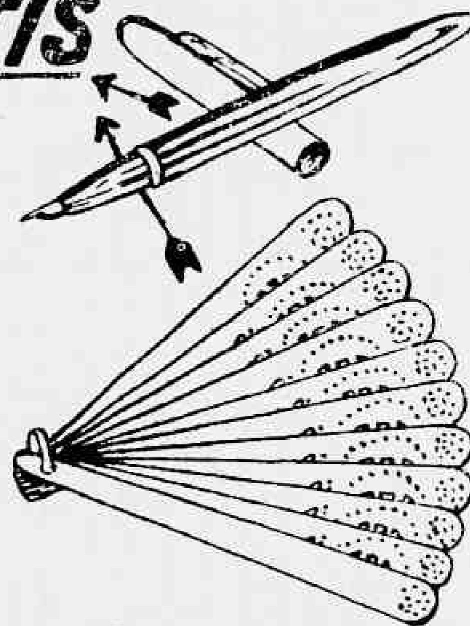
CASAS ROULIEN

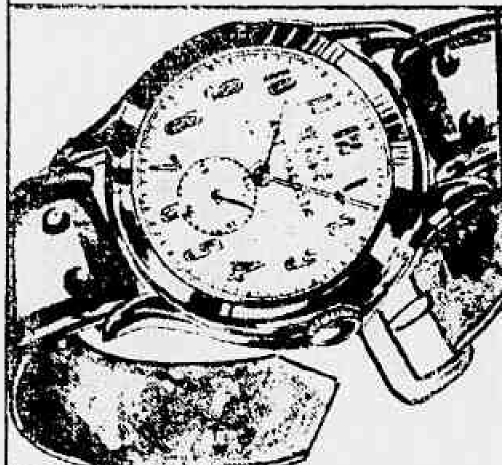
Comprem na mais antiga organização de Reembolso, que lhe apresenta as suas maravilhosas e sensacionais ofertas para 1950, por preço de reclame.

GRATIS

Para compras acima de Cr$ 250,00, enviaremos uma linda caneta-tinteiro Norte Americana, com pena e parte superior folheadas a ouro, ou, um lindo e artistico leque de celulóide maleável, resistente, lindas côres e excepcional brilho.

Compre para V.S., seus familiares e pessoas amigas, e ganhe um dos lindos brindes-ofertas.

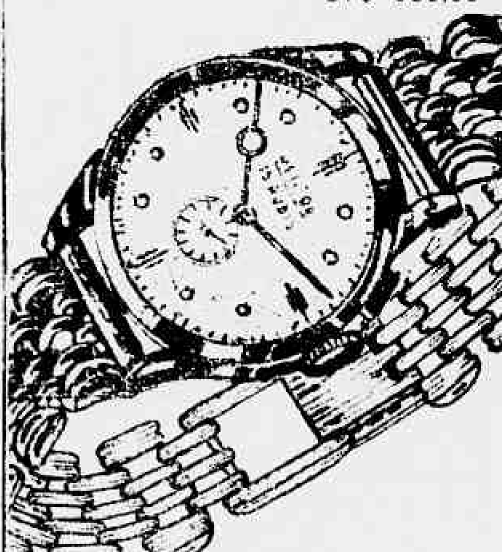




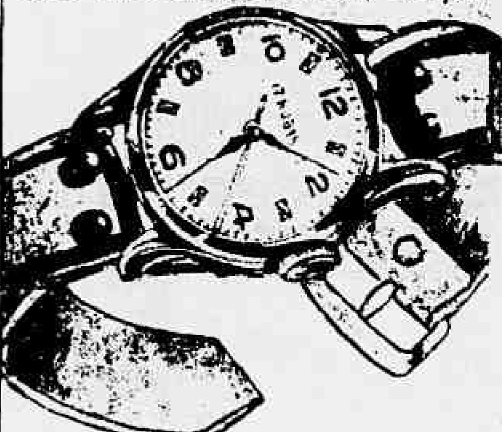
24188 MARAVILHOSO relógio de pulso para homem, 15 rubis. Suiço, folheado a ouro 18 quilates pulseira de matéria plástica, fundo de aço, anti-magnético e caixa de fina espessura. Cr$ 365,00



24189 CRONÓGRAFO, 17 RUBIS SUPER-ESPECIAL, ANCORA, para homem, máquina Suiça de absoluta precisão, folheado a ouro 18 quilates, marcando o tempo, velocidade e décimos de segundos — Cr$ 680,00



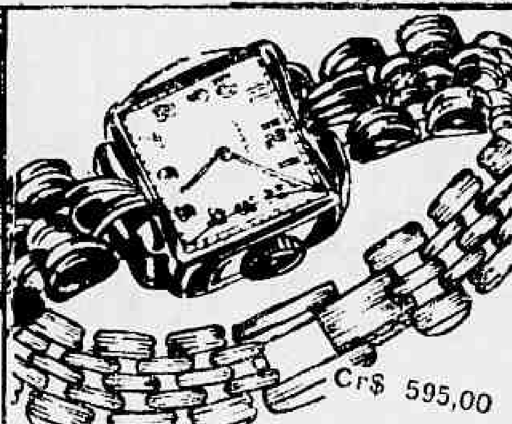
24187 SENSACIONAL!... Relógio de pulso para homem, 15 rubis, Suiço, folheado a ouro com linda pulseira também folheada a ouro com fecho de graduação. Linda jóia. APROVEITEM!.. Cr$ 425,00



24161 EXCEPCIONAL relógio para homem, 17 rubis, ANCORA, ponteiro central de segundos, máquina Suiça de absoluta precisão, folheado a ouro 18 quilates. Enviamos certificado de garantia — Cr$ 348,00

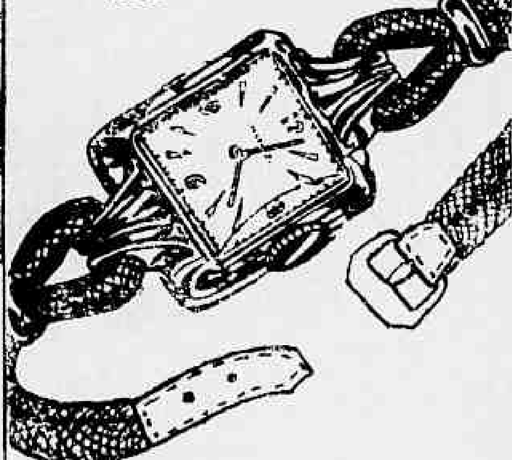


24191 DESLUMBRANTE relógio THUSSI, ANCORA, 15 rubis, para homem, máquina mundialmente conhecida, caixa de fina espessura, todo folheado a ouro, com pulseira MANCHESTER também folheada a ouro e com certificado de garantia — Cr$ 575,00

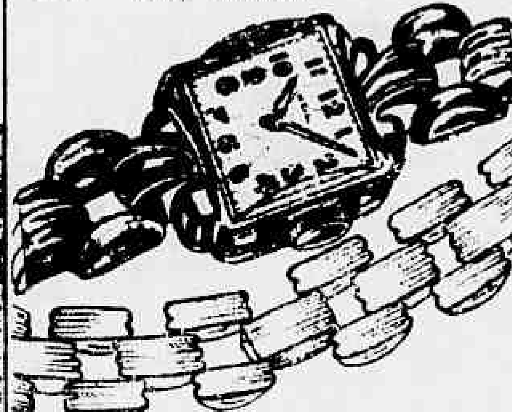


Cr$ 595,00

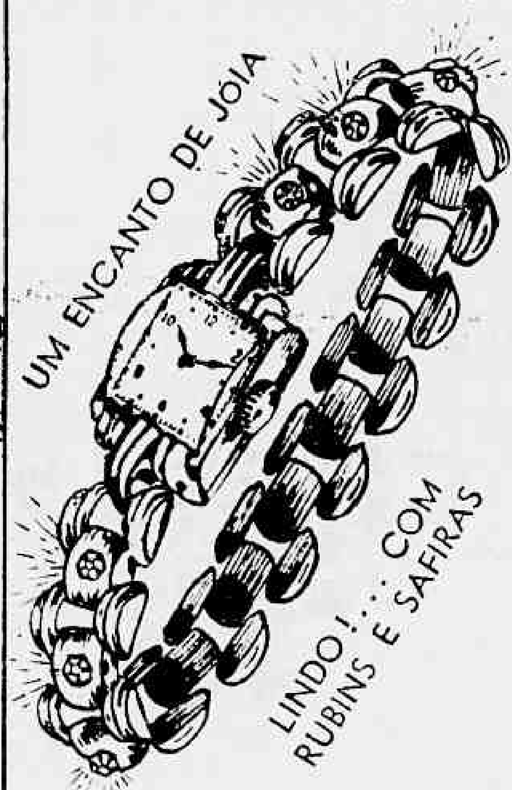
24186 SENSACIONAL!.. MARAVILHOSO relógio Suiço, ANCORA, 15 rubis, para senhora, folheado a ouro, com linda pulseira MANCHESTER também folheada Enviamos certificado de garantia Cr$ 595,00



24185 DISTINTO relógio para senhora, Suiço, 15 rubis, folheado a ouro, vidro côncavo, cordonet de seda. — Cr$ 398,00



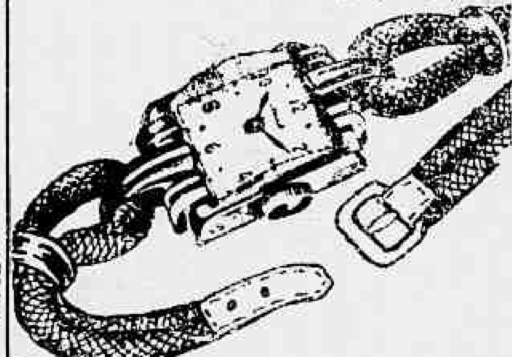
24111 LINDO relógio para senhora, 15 rubis, Suiço, com vidro côncavo, folheado a ouro, com linda pulseira também folheada. Envienos medida do pulso. Cr$ 489,00



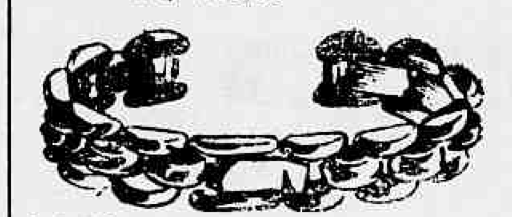
24184 DESLUMBRANTE!... Relógio para senhora, Suiço, ANCORA, 15 rubis, folheado a ouro, com valiosa pulseira BRISTAL também folheada a ouro, garantido, com cravação de lindos rubis. Enviamos certificado de garantia. Não confundir com imitações. Cr$ 655,00



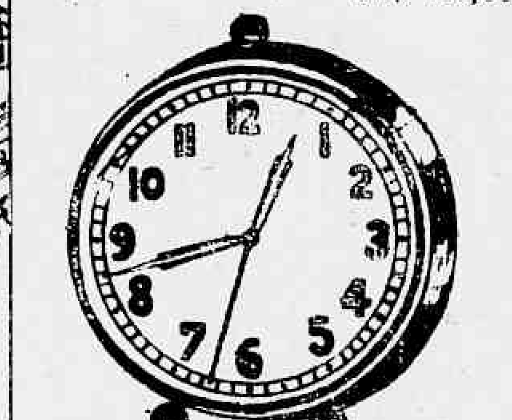
24139 Relógio Suiço, folheado, com rubis e cordonet de seda. Cr$ 198,00



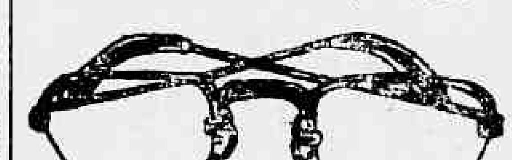
24133 — MARAVILHOSO, ANTI-MAGNETICO, para senhora, Suiço, ANCORA, 15 rubis, vidro lente côncavo, folheado a ouro, com cordoneto de seda, fundo de aço inoxidável, com certificado de garantia. Cr$ 448,00



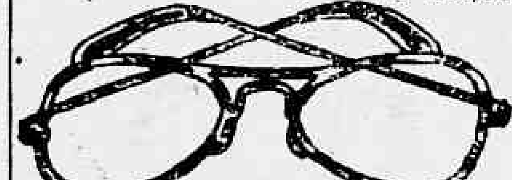
24180 LINDA pulseira de relógio para senhora, folheada a ouro, com fecho de segurança. Envienos a medida do pulso. Cr$ 133,00



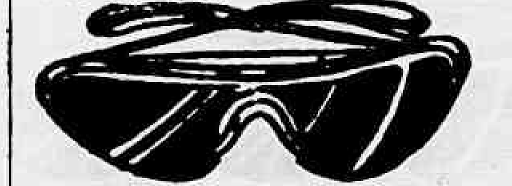
24144 DESPERTADOR Suiço, máquina de excelente qualidade e absoluta precisão — Cr$ 128,00



24099 ELEGANTE ÓCULOS NUMONT, sem aro, com excelente armação de primeira, folheado a ouro 18 quilates, ULTRA-MODERNO, garantido, com especial vidro verde, branco ou fumaça — Cr$ 125,00

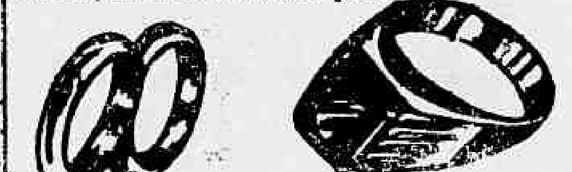


24100 DISTINTO óculos tipo RAYBAM, com aro dourado ou cromado, com vidros verde ou fumaça — Cr$ 65,00. Com especial estojo de couro para proteção, mais Cr$ 11,00.



24174 ÓCULOS MODERNOS PARAFLEX, folheados a ouro, com vidros verdes inquebráveis com estojo de couro — Cr$ 110,00

MEDIDAS PARA ANEIS E ALIANÇAS — Depois de haver tomado a medida do dedo, junte a ponta de um papel estreito, cordão ou aramo a outra ponta e nos envie juntamente ao seu pedido.



24172 ALIANÇAS de ouro 18 quilates, largas Cr$ 101,00
Par Cr$ 195,00

24159 DESLUMBRANTE anel em ouro 18 quilates, com cravação de lindo rubi — Cr$ 230,00. Envie-nos a medida do dedo



24165 - LINDO anel em ouro 18 quilates, com rubi e lindas safiras de excelente brilho. Envie-nos a medida do seu dedo em papel estreito, unindo uma ponta a outra Cr$ 285,00

24162 ANEL em prata de lei, com a estrêla da Republica em ouro 18 quilates Envie-nos a medida do dedo em papel estreito, unindo uma ponta a outra — Cr$ 56,00



24163 DEUS TE GUIE em ouro 18 quilates, com cravação de lindo rubi Cr$ 68,00

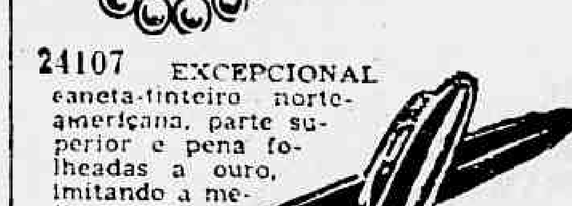
24170 BRINCOS CORAÇÃO em ouro 18 quilates com cravação de rubi. Linda jóia — Cr$ 122,00



24140 COLARES DE PÉROLAS Excelente qualidade, fabricação NORTE-AMERICANA, com ótimo fecho de segurança, cravejado de lindas pedras imitando brilhantes, brilho de côr inalterável. BELEZA e distinção de pérolas legitimas. Não confundir com imitações e qualidades inferiores com uma volta Cr$ 45,00

24141 Com duas voltas Cr$ 89,00

24142 Com três voltas Cr$ 136,00



24107 EXCEPCIONAL caneta-tinteiro norte-americana, parte superior e pena folheadas a ouro, imitando a melhor caneta americana Cr$ 35,00

ACEITAMOS REPRESENTANTES IDÔNEOS E COM ÓTIMAS REFERÊNCIAS, PARA TODOS OS ESTADOS DO BRASIL.



24203 — DESLUMBRANTE BROCHE E PULSEIRA BERLOQUES, grande, modêlo Festa da UVA, em prata de lei, folheada a ouro, original, lindo e perfeita aparência do ouro, com excepcional brilho. Cr$ 102,00

EMBELEZE O SEU RELÓGIO COM UMA LINDA PULSEIRA



21167 — DISTINTA PULSEIRA extensiva, folheada a ouro 18 quilates, de primeirissima qualidade — Cr$ 95,00

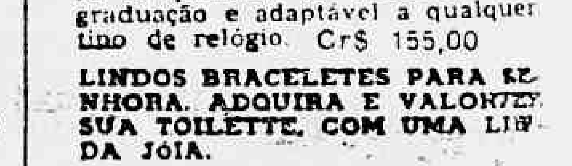


24192 — DESLUMBRANTE PULSEIRA de relógio para senhora folheada a ouro 18 quilates, com certificado de garantia Cr$ 172,00



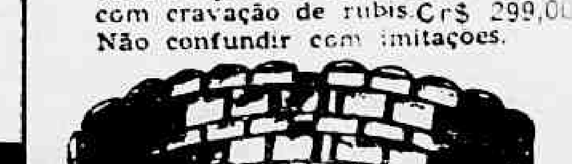
24169 — BELISSIMA pulseira para relógio de homem, folheada a ouro 18 quilates, 20 microns, com graduação e adaptável a qualquer tipo de relógio. Cr$ 155,00

LINDOS BRACELETES PARA SENHORA. ADQUIRA E VALORIZE SUA TOILETTE, COM UMA LINDA JÓIA.





24693 — MARAVILHOSA pulseira bracelete para senhora, folheada a ouro 18 quilates, absoluta garantia com cravação de rubis Cr$ 299,00 Não confundir com imitações.





24108 — VALIOSA PULSEIRA — Bracelete para senhora, folheado a ouro 18 quilates, fabricação Suiça, um moderno e lindo adorno Mantém o brilho inalterável a perfeita aparência de legítimo ouro Com cinco voltas .... Cr$ 295,00

As **CASAS ROULIEN** Garantem aos seus fregueses, preços minimos, qualidade, remessa rápida por Via Aérea, sem a menor despêsa para o comprador. **PEDIDOS AS CASAS ROULIEN** Nilo Georg de Oliveira - Rua Frei Fabiano, 543 1.° e 2.° Andares - Edifício Próprio - Meyer - Rio de Janeiro - **TEL. 49-0419**

Não confundir CASAS ROULIEN com nomes parecidos. Fujam dos imitadores desleais. CASAS ROULIEN são as maiores organizações de Reembolso Postal do Brasil, servindo ao povo amigo ha mais de 16 anos e merecendo a sua confiança pela qualidade dos seus artigos

PEÇAM NOSSOS CATALOGOS IMPRESSOS EM CORES, COM INUMEROS ARTIGOS

AOS FREGUESES DO RIO ATENDEMOS TAMBÉM À DOMICÍLIO — FONE 49-0419

A SOMBRA DE MUSSOLINI PROJETA-SE NA ITÁLIA

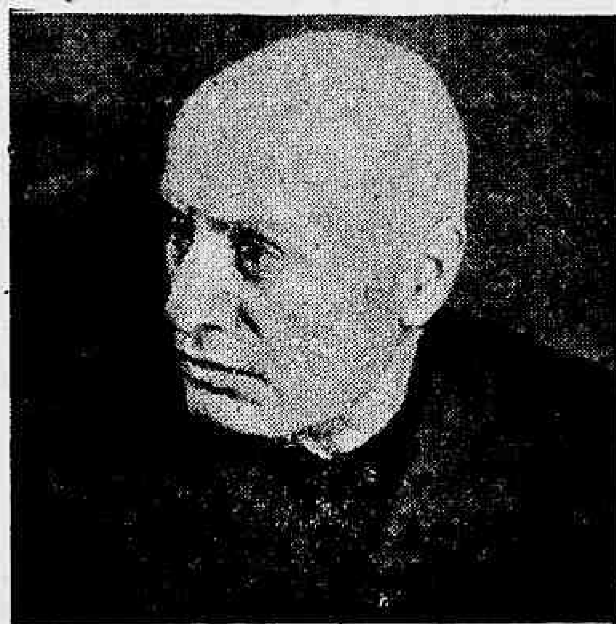
EM TÔRNO DE DOIS LIVROS RECENTES SÔBRE A VIDA DO "DUCE" ★ MULTIPLICAM-SE CONTINUAMENTE AS BIOGRAFIAS DE MUSSOLINI ★ UM TÊMA QUE OS LEITORES ACOLHEM COM TANGÍVEL INTERÊSSE

De **Leonardo COCCI** (Exclusividade de IPA — REVISTA DA SEMANA)

MULTIPLICAM-SE nos jornais os artigos dedicados a Benito Mussolini, como também é continuamente acrescido o número de volumes direta ou indiretamente ligados à figura do ditador tão tràgicamente desaparecido. Enquanto o processo pelo furto do chamado "Ouro de Dongo", marcado para o dia 15 de julho foi adiado, continua de tal modo o processo ao passado, que apaixona evidentemente a opinião pública da Itália. Poderíamos quase dizer que a sombra de Mussolini sempre mais acentuadamente, se projeta sôbre o período de após-guerra da vida italiana. Não se preocupando de suficiente perspectiva histórica, para poder dispor de todos os elementos indispensáveis para um quadro do homem Mussolini e da experiência do grande líder fascista, os autores de livros, cônscios da grande importância do argumento, tentam igualmente o agrupamento de uma síntese. Apareceram, ùltimamente, dois grandes volumes: um de Paolo Monelli, jornalista e escritor, dedicado a "Mussolini, pequeno burguês", e outro de Edoardo Susmel, intitulado "Mussolini e seu tempo". O primeiro pretende examinar o ditador fascista no ambiente delimitado em parcelas, buscando a validação da tese pre-estabelecida, isto é, do marco do pequeno-burguesismo de Mussolini.

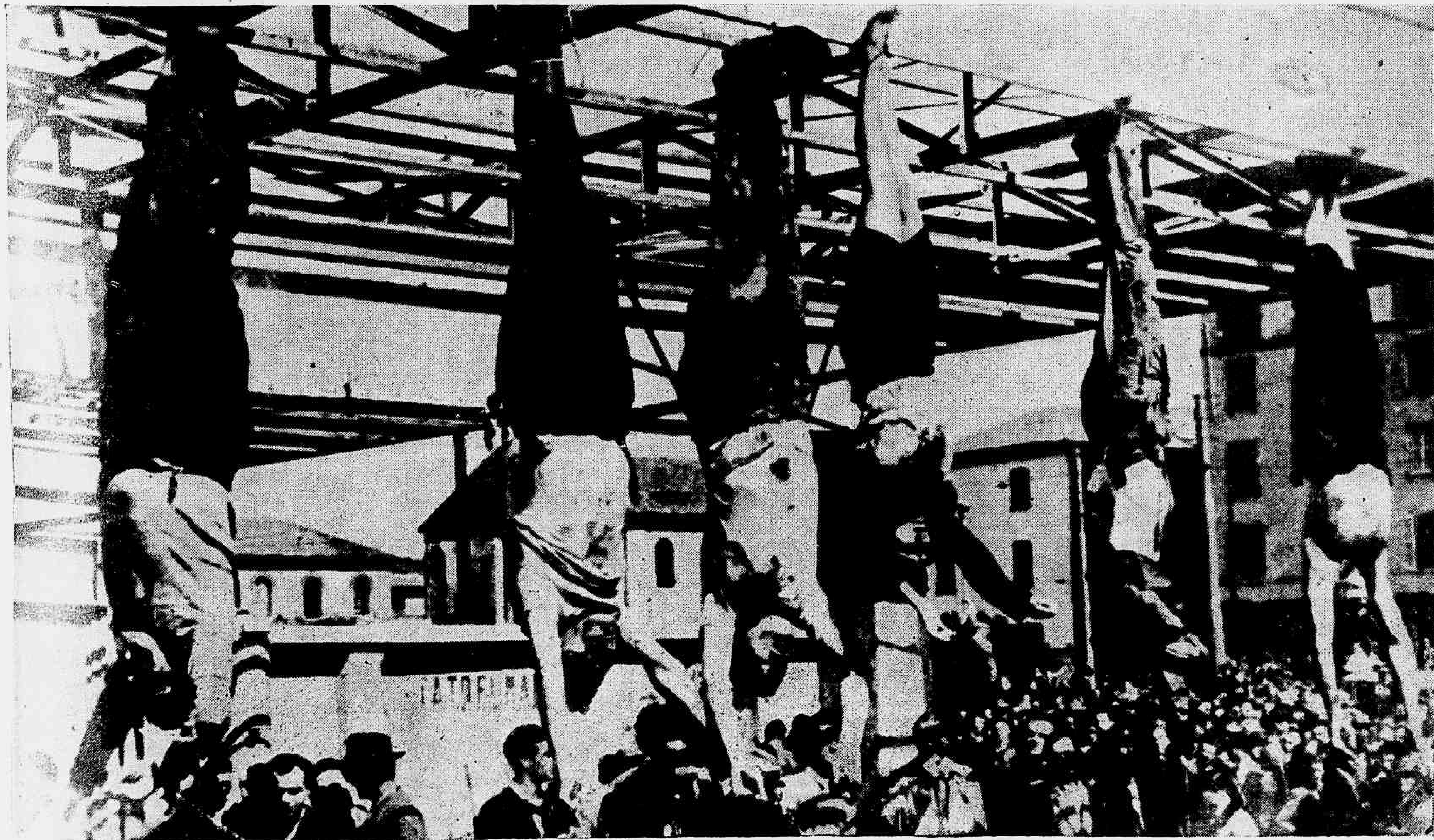
Paolo Monelli aplica tôdas as suas capacidades de admirado escritor, para construir a figura de seu protagonista com elementos extraídos do lado negativo, ou seja, o lado menos bonito de Mussolini. Êle se serve de pesquisas, de testemunhos, de episódios pouco conhecidos no gênero, para criar êsse retrato, indubitàvelmente colocado à luz de um único refletor. Não se pode negar a Paolo Monelli que o retrato não pareça eficaz, embora não completo, embora se êsse refletor, pela intensidade de luz, outorgasse mesmo, frequentemente, um teor caricaturístico à figura central, sôbre a qual se projeta. Mas, não se pode deixar à parte as observações naturais que caracterizam, depois da leitura do livro: também se a vida de Mussolini torna-se cada vez mais definitivamente fechada, parece muito cedo ainda, para poder-se dizer sôbre a mesma uma palavra serena.

Edoardo Susmel em seu livro, tenta enquadrar de um lado os lineamentos da obra extraída da vida do ditador fascista, conjuntamente com os lineamentos essenciais de sua figura e de seu caráter, e do outro lado, procura interpretar o ambiente e os acontecimentos da vida do "Duce". E' notória a preocupação do autor de ser possìvelmente objetivo, de basear-se em afirmações de testemunhos verídicos, inteirando-se de tudo aquilo que realmente aconteceu, tanto antes como depois do episódio trágico da Praça Loreto, de Milão, em 1945. Para quem se interessa por Mussolini, o volume de autoria de Samuel constitui um elemento preciso quanto precioso, pois que dizendo apenas, "elemento precioso" não estaremos ainda transmitindo o verdadeiro valor da obra. Se quisermos aproveitar ainda melhor esta ocasião, em que falamos sôbre essas duas obras, devemos também esclarecer que o aparecimento dêsses dois volumes tem um significado, indubitàvelmente muito maior de quantos até hoje têm aparecido sôbre o assunto. Para tal, basta que observemos um fato curioso: é a multiplicação contínua das biografias mussolineanas. E' um argumento que, evidentemente, atormenta inúmeros escritores da Itália, e é evidente que os leitores, por sua vez, acolham êsse tema com tangível interêsse, do mesmo modo que os editôres não correrão o risco comum de publicação. E tudo isso não é devido exclusivamente a um natural senso de curiosidade, para conhecer tôda a retro-cena do drama italiano, cujo protagonista, em sua última fase, renuncia a uma oportunidade tentativa de se subtrair à sorte, e quase fatalmente ajunta-se a essa mesma sorte, numa de suas crises.



BENITO MUSSOLINI

A nós nos parece — e podemos errar, pois que errar é humano — não obstante os acontecimentos se acavalarem nessa nossa atormentada Europa, não obstante a preocupação local e individual se agrupar formando uma preocupação geral, sôbre tôda a vida italiana de hoje, acentua-se cada vez mais fortemente a sombra incontestável de Mussolini sôbre o continente italiano. Tanto no complexo do mal por êle causado, quanto no conjunto de valorizações justas e exatas, numa tentativa de encontrar uma via de escapatória do futuro objetivo na sua quintessência, quanto, finalmente, no querer encontrar para a Itália o seu verdadeiro papel no extravagante jôgo do mundo. Parece-nos, entretanto, que êsse fato não tem um caráter temporário e passageiro e que êle determinara para o futuro a continuação do enriquecimento dos volumes e artigos dedicados a Benito Mussolini, ao seu tempo, ao seu ambiente, às suas obras, tanto na Itália como fora dela. De resto, também os erros políticos, também os lados negativos dos caracteres humanos têm um fascínio próprio, que se multiplica quando se trata de homens que se inscreveram bem ou mal nas páginas intransferíveis da História do Mundo.



A derradeira pôse de Benito Mussolini. Assim findou o Duce, em Milão, êle e outros de seus companheiros inclusive Clara Petacci. Mas a sombra ficou.

RENATA FRONZI ESPOSA MODELO





CESAR LADEIRA, sua espôsa a sra. Renata Fronzi Ladeira e o filhinho do casal, que conta precisamente 86 dias de vida. A foto ao lado pertence ao arquivo do famoso locutor que é um fotógrafo-amador notável. Foi feita no dia do batizado. Aparecem da esquerda para à direita duas avós, sras. Adosinda Ladeira, Iolanda Fronzi, Renata Fronzi e a bisavó Anita Vernati.

CESAR LADEIRA E' UM PAI CARINHOSO

E O FILHO DO CASAL É A CARA DOS PAIS ★ "A NOSSA FELICIDADE É IMENSA; DESEJÁVAMOS ARDENTEMENTE QUE O NOSSO PRIMEIRO FILHO FÔSSE HOMEM, E ASSIM ACONTECEU", AFIRMA O LOCUTOR DA CIDADE ★ BATIZADO NA MESMA IGREJA EM QUE SE CASARAM E JÁ TEM UMA FIGA DE DENTE DE JACARÉ PARA EVITAR O MAU OLHADO.

"A grande, a elevada, a importante função da mulher na sociedade humana não é ser telegrafista, ser boticária, ser jornalista ou doutôra; é ser mãe e ser espôsa" — escreveu Ramalho Ortigão.

"A mãe representa para o filho o bem, a providência, a lei, em uma palavra — a Divindade na sua forma acessível à infância" — acrescentou o grande pensador Amiel.

"Uma mulher sem filhos não pode ser feliz; amar não é nada, é necessário que o amor seja bendito" — pondera Emílio Zola.

"Ser mãe é andar chorando num sorriso!
Ser mãe é ter um mundo e não ter nada!
Ser mãe é padecer num paraíso!" — cantou Coelho Neto.

...Ser mãe é ter nas mãos a salvação do mundo. E' desdobrar fibra por fibra; é ser um anjo que se libra sôbre um berço

(Cont. na pág. 49)



«JAMAIS PENSEI QUE TIVESSE tanto geito para lidar com criança, disse-nos Cesar Ladeira. Imaginem vocês que gosto mesmo de mudar as fraldinhas, dar o banho e brincar com meu filhos. Oxalá você não mude depois do segundo disse D. Renata, sorrindo».



EM VERDADE É PRECISO que se reconheça, para cuidar de crianças não há como as mães. Nesta foto D. Renata improvisa uma fraldazinha para o seu filhinho que o seu marido acabou de dar banho. Não é preciso muita coisa basta um lenço e alguns alfinetes...



AGORA A FRALDA JA ESTA PRONTA. — E o garotinho parece estar satisfeito com o trabalho da sua mamãe. Diàriamente o pai o fotografa, razão por que já se acostumou com os clarões dos «flashes». E quando o fotógrafo prepara a máquina êle olha firme, como quem posa para a posteridade.



O CASAL DE ARTISTAS e o filhinho numa pôse especial para a REVISTA DA SEMANA. Em cima aparece César Ladeira beijando o filho afetuosamente





O CASAL CÉSAR LADEIRA-Renata Fronzi e o pequerrucho César Fronzi Ladeira em quatro flagrantes. A criança é mesmo uma gracinha, dizem todos... E para se livrar do mau olhado traz no pescoço uma figa de dente de jacaré, presente que o casal Paula Magalhães-Heloísa Helena lhe trouxe ao voltar da "boa terra"





A SEMANA EM REVISTA

REVISTA DA SEMANA
ANO LI ★ N. 48 ★ 2-12-50

TOMARÁ POSSE?



Uma das novidades mais interessantes da semana que passou foi aquela dos apuros em que se encontrava (ou ainda se encontra, não sabemos) o sr. Raul Barbosa, governador eleito do Estado do Ceará. O vitorioso político da Terra de Iracema perdeu sua carteira de reservista do Exército Nacional, e, por êsse motivo, está impedido de tomar posse do cargo para o qual foi eleito. Aflito, o sr. Raul Barbosa expediu, urgentemente, para diversos jornalistas credenciados na Câmara Federal, um telegrama solicitando que se divulgasse ter-se extraviado aquêle documento indispensável à diplomação do novo governador perante o Tribunal Regional cearense. Estava êle de partida para o Ceará, quando deu pela falta de sua carteira de reservista. Como era natural ficou bastante amolado com o acidente, mas havia um recurso: requererá uma segunda via. Entretanto, como todos sabemos, uma cópia autêntica de tal documento não se obtém do dia para a noite. O mais certo, seria divulgar a notícia, de forma que, quem a encontrou, devolvesse ao prejudicado. Entretanto, com essa divulgação, a carteira extraviada vem servir a amigos e a inimigos do deputado pessedista triunfante nas urnas de sua terra para ocupar cargo mais ligado ao seu povo. Imagine-se o que não seria uma carteira dessas nas mãos de um adversário do sr. Raul Barbosa! E, se caísse em poder de algum cidadão inescrupuloso? Quanto valeria um achado dessa natureza? Fazemos votos por que o deputado cearense resolva o problema sem despesas extraordinárias e... sem sustos!

PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA



Mais um ano de vida completou o Brasil republicano, o sexagésimo primeiro. Nosso progresso tem sido sensível, embora a vida esteja, em verdade, asfixiante. Mas a República é, inegàvelmente, o sistema que mais se adapta aos anseios do povo. Nada de privilégios. Qualquer cidadão que se projetar no cenário político e tiver os seus méritos, poderá tornar-se o chefe supremo da nação. Há, porém, certos esquecimentos em tôrno de nomes que figuraram nos acontecimentos da transição do regime monárquico para o republicano. O general Solon, por exemplo, não tem o seu nome ligado ao Distrito Federal, embora tenha sido êle quem fôra levar a ordem de banimento ao Imperador Pedro II e tôda a família real. Não queremos apurar se era aquêle militar um republicano histórico, ou se foi escolhido por ter aderido ou se conformado com o fato consumado. Mas, não resta dúvida que a República não lhe fêz justiça como deveria ter feito, reconhecendo serviços prestados na hora mais difícil para todos. Deodoro, segundo rezam as crônicas e afirmam os historiadores desapaixonados, ignorava que o movimento das tropas formadas no Campo de Santana era para derrubar a monarquia e implantar a República. E dizem memo que o brioso cabo de guerra estava certo de que iam pôr abaixo o Ministério de Ouro Preto... Deodoro era fiel ao Imperador e não conspirou com Silva Jardim, Quintino Bocaiuva e Benjamin Constant, êste, em verdade, o verdadeiro fautor do advento republicano. Entretanto, Deodoro tem estátuas, seu nome designa ruas, avenidas e praças por todo o Brasil. E o então Major Frederico Solon? Até agora, sòmente ali em Caxias inauguraram uma placa com seu nome numa estrada deserta...

O HOMEM DOS CACHIMBOS



Os senhores fumantes, especialmente os que usam cachimbo, devem estar sentidos com a morte de Mr. Herbert E. Dunhill, homem dos cachimbos. Não que êle fumasse, mas o caso é que Mr. Dunhill, filho de Henry Dunhill, era o maior fabricante de cachimbos dêste. mundo. Morreu em Milão, na Itália, aos 68 anos. Era um cidadão de boa aparência, rosto comprido, barba a Shaw, usava óculos e acompanhava o movimento mundial através de seus cachimbos famosos. Seu pai se dedicou a pesquisas em tôrno da origem do uso do fumo como meio de espairecer as mágoas. Fêz êsse homem, honesto trabalho de pesquisa em referência ao caso ainda hoje sujeito a controvérsias entre historiadores e sociólogos. Onde apareceu o uso do fumo como hoje o conhecemos? Uns afirmam que o fumar surgiu na China e dali se espalhou pelo mundo inteiro graças ao intercâmbio entre o Oriente e o Ocidente; mas Mr. Dunhill, pai, contesta a versão e garante que o fumar nos foi ensinado pelos indígenas americanos. Entre os povos primitivos dos Estados Unidos, por exemplo, era comum o uso do fumo como elemento de distração e de assinaturas de paz entre tribos desavindas ou pouco amáveis. Fumar o cachimbo da paz é frase célebre, muito conhecida também entre os silvícolas brasileiros. Leia-se "Iracema", êsse poema em prosa devido à pena de José de Alencar, e veremos que os índios brasileiros gostavam de pitar o seu cachimbo. Da América invadiu a Europa, levado por Sir Walter Raleigh, e hoje... quem é que não dá sua tragadinha? Nem mais vício é. Passou a ser "chic", elegante, social...

FRUTAS E VERDURAS



E' velha como o Pão de Açúcar a propaganda que se faz, constantemente, no sentido de educar o nosso povo a consumir leite, frutas, verduras e legumes, em lugar de tanta carne, tanto feijão e tanta farinha. Todos os jornais trazem conselhos das autoridades indicando como se deve comer e o que se deve comer para alcançar elevado nível de nutrição com as vitaminas A e C, tão importantes para a economia orgânica. Uma dessas instruções divulgadas pela imprensa recomenda que se coma fruta, legumes, verduras e leite, num mínimo de 600 gramas por dia, para os adultos. Os médicos que se ocupam dos problemas da nutrição estão cansados de explicar que o brasileiro sofre de tantas moléstias porque não cuida de sua alimentação cientìficamente dosada. Para garantir uma boa alimentação rica em cálcio e vitaminas, devemos todos ingerir bastante leite e comer frutas, verduras e legumes, abolindo excessos de feijão, farinha, arroz, e outras coisas que não têm os princípios nutritivos e saudáveis das frutas. Mas sucede uma coisa muito curiosa. Se uma pessoa fôr alimentar-se conforme mandam os especialistas da nutrição, terá que dispor de muito recurso para enfrentar a batalha. Vejamos: um litro de leite, Cr$ 3,00; seis laranjas, Cr$ 6,00; cinco cajus, Cr$ 10,00; um melão, Cr$ 36,00; duas mangas, Cr$ 6,00; só aí temos um total de Cr$ 61,00, sem incluir verduras e legumes! E como fruta sempre foi sobremesa, é claro que o herói que se meter a passar a frutas nesta terra, terminará na Santa Casa. E o leite? Um litro dêsse líquido contém 800 gramas dágua!

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE,
LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 140,00
Seis meses	Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ...	Cr$ 170,00
Seis meses	Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 270,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da «Agência Zambardino», à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição nº 58, 1º andar, sala 101, telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Este número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente:
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5603

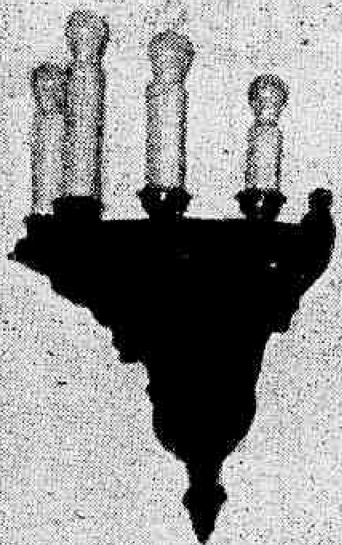
A PERSONAGEM DA SEMANA

DENTRE as perturbações nacionais e internacionais que atualmente agitam e inquietam o mundo, surge mais uma com caráter de inegável gravidade: a nacionalização do canal de Suez pelo govêrno do Egito. E' o próprio rei Farouk quem chefia o movimento popular de seu país contra a presença de tropas britânicas no Canal, presença essa que, diga-se de passagem, não é resultante de tratados entre ambos os povos, com o consentimento e aplauso de outras potências interessadas nessa porta para os mares do Oriente. Mas, embora o Egito se tenha mantido neutro na última guerra, não tendo tomado parte ativa com os seus exércitos na campanha da África nem expedido soldados para o continente europeu na luta contra os países do Eixo, é sabido que prestigiou a Inglaterra, e teria que pegar em armas se o sonho de Mussolini o levasse aos muros de Alexandria. Com o esmagamento da Alemanha, Itália e Japão, o Egito cobrou a dívida que a Inglaterra tinha para com êle e obteve a retirada de tôdas as tropas britânicas do seu território, excetuando-se a zona internacional de Suez. Agora, porém, é o govêrno egípcio que se declara rebelde e exige a retirada dos inglêses daquela região. O assunto, aparentemente local, tem uma amplitude que não se pode ocultar. O Canal de Suez está para os povos aliados do Ocidente, como o Canal do Panamá para todos os americanos. E' pelas águas de Suez que o Mediterrâneo se comunica com os mares da Índia e do Japão, evitando-se o contornar de continentes. O grande feito do estadista Ferdinand Marie, Visconde de Lesseps, inaugurado em 1869, é, pelo Direito Internacional e pelos tratados, aberto a tôdas as nações e não pode ser pôsto em bloqueio, numa área de três milhas de suas bocas. Mas o Egito quer agora inteira soberania no Canal por estar compreendido em seu território. Bevin e Attlee já declararam solenemente que não cederão às exigências do velho país dos Faraós, e suas tropas ali permanecerão até ao têrmo do tratado que regula o assunto e vai, se não nos enganamos, até 1955. Queira Deus que o atrito não degenere em conflito, aumentando a intranqüilidade mundial.



Rei Farouk, do Egito









"Jesus, derramai sôbre os homens, na Terra,
as Vossas bênçãos, neste dia de festa para as
almaas cristãs; fazei que as Vossas lições de
afeto sejam melhor compreendidas por tôda a
humanidade; que as mães possam ter, nesta
data máxima da Cristandade, a certeza de
Vosso amparo para os filhos, que se encon-
tram ausentes; que os filhos possam sentir na
lembrança do sacrifício da Virgem Santíssima,
a dor do coração das mães, quando sofrem
pela desventura dos filhos... Dai a todos a
Vossa proteção ..."

(Da Oração de Natal)



«DEIXAI VIR A MIM OS PEQUENINOS». — Duas vêzes por semana Júlio Louzada faz visitas a hospitais, sanatórios, ásilos, orfanatos e prisões do Distrito Federal, levando a sua palavra amiga e confortadora aos doentes do corpo e d'alma. A sua presença é sempre motivo de alegria, mesmo para os desventurados. Por vêzes êle sobe aos morros cariocas. Êste flagrante foi feito no Salgueiro.

"O HOMEM SÓ É GRANDE QUANDO ESTÁ DE JOELHOS"

"A VAIDADE, O ORGULHO E A AMBIÇÃO HUMANA OFENDEM AO CRIADOR, ADVERTE O LOCUTOR DA AVE-MARIA" ★ "TUDO É DEUS, TUDO É DEUS!... O MAIS SÃO NOMES" ★ "A GRANDEZA DE DEUS DÁ VIDA A TUDO... E TUDO SERVE A DEUS POR MODOS VÁRIOS" ★ A ORAÇÃO DA ESPÔSA E A QUE SERÁ LIDA NA NOITE DE NATAL, COM ANTECIPAÇÃO EXCLUSIVA.

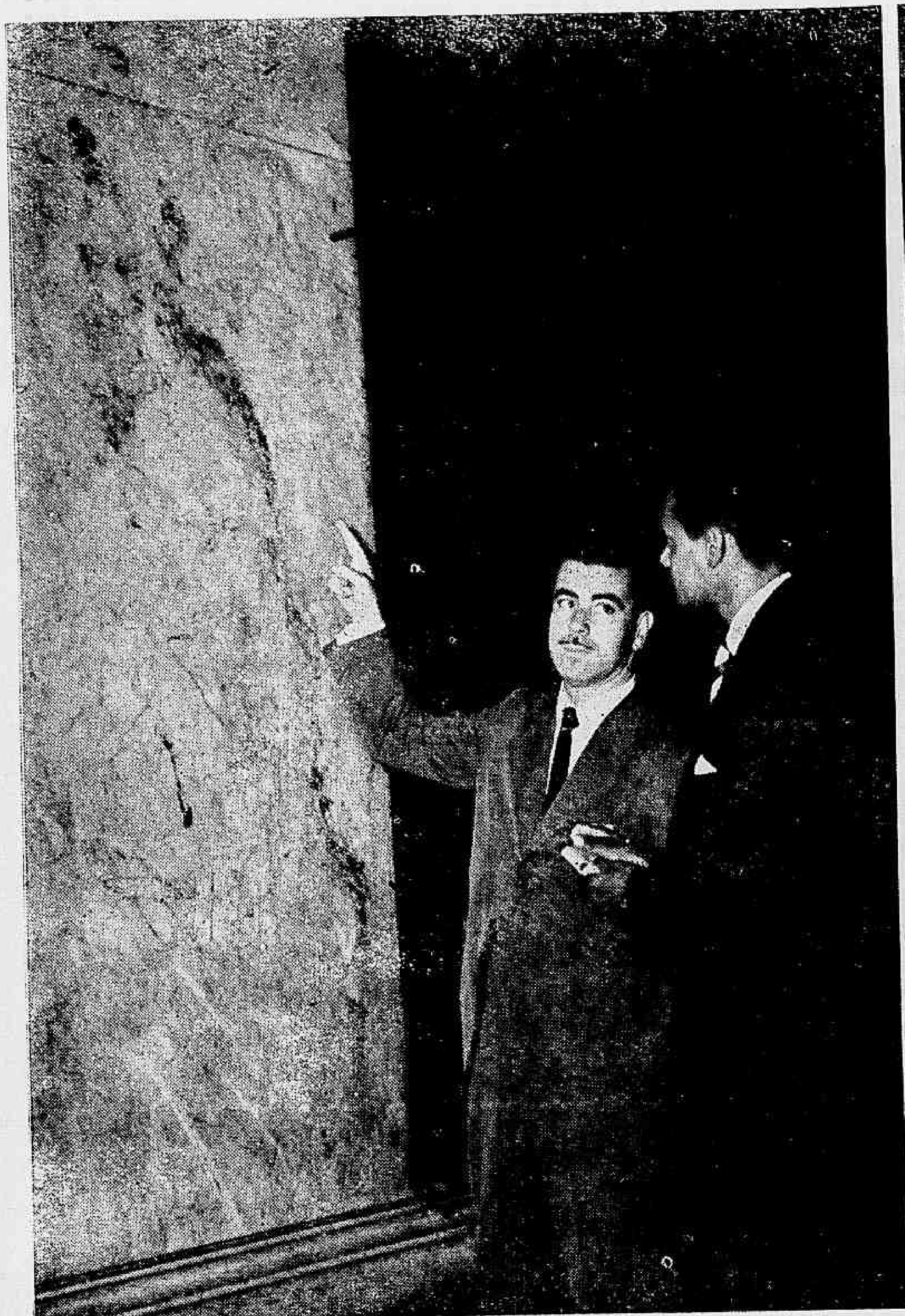
Reportagem de ABDIAS RODRIGUES — Fotos de WALTER MORGADO

PARA descrever a obra religiosa de Júlio Louzada, seria necessário um volumoso livro. Evidentemente, não se pode relatar em 14 horas o que vem sendo feito há quatorze anos consecutivos. Ademais, o popular locutor, como tôdas as criaturas modestas, é avêsso á publicidade. Todavia, a repercussão da nossa primeira reportagem com o criador de "Pausa para Meditação" foi grande. Desde aquêle dia inúmeros dos seus fãs e admiradores têm escrito e telefonado pedindo outras informações curiosas sôbre Louzada.

Custou-nos convencê-lo a aquiescer às



«Jesús, derramai sôbre os homens na terra as vossas bençãos; fazei com que as vossas lições de afeto sejam melhor compreendidas por tôda a humanidade; dai a todos a vossa proteção; na chopana ou no palácio...»



JÚLIO LOUZADA mostra ao repórter o fenômeno do monge que está se esquematizando no mármore da Igreja da Candelária. Muitos crentes já fazem promessas e têm mesmo obtido graças do Monge Santo.

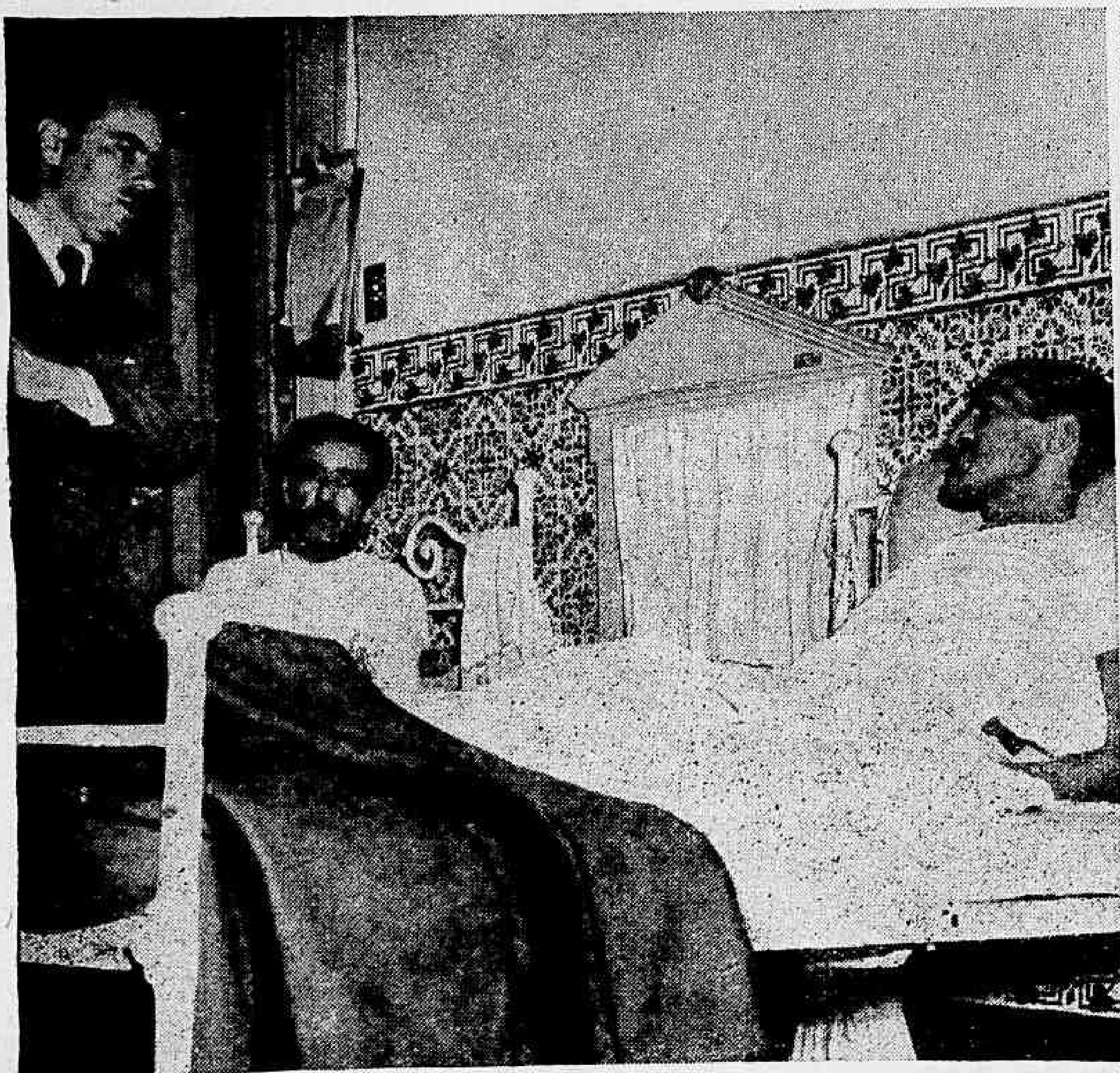


MONSENHOR HENRIQUE MAGALHAS — vigário da Igreja da Candelária — mostra a Júlio Louzada um dos seus sermões sôbre o púlpito daquêle templo, depois de discorrer sôbre a origem do fenômeno do monge.

exigências do público, mas, finalmente, aqui está um fragmento do lado místico e humano da vida de Júlio Louzada, que, jovem ainda, é uma das figuras mais popularizadas do país.

Muita gente ignora, e é preciso que se diga, o fervor religioso dêsse homem, assim como o cunho profundamente humano de sua obra, que não se restringe tão sòmente ao microfone, à hora da Ave-Maria; não.

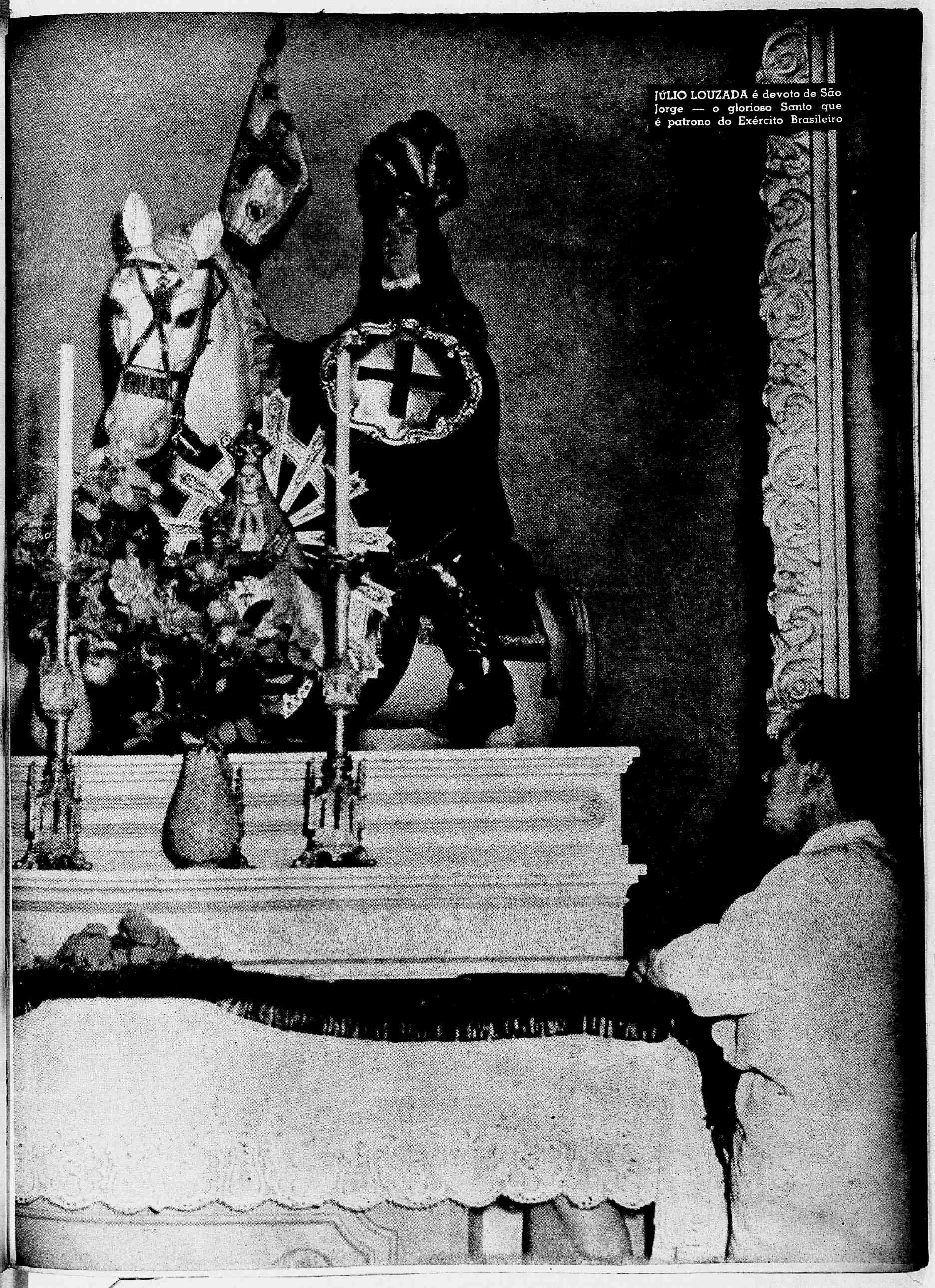
Sua vida é laboriosa e sua obra altruística. Duas vêzes por semana êle faz visitas a hospitais, sanatórios, asilos, orfanatos e prisões do Distrito Federal, levando a sua palavra amiga e confortadora aos enfermos do corpo e da alma. Muitos lhe escrevem pedindo a sua visita; pedindo a sua presença; pedindo a sua palavra amiga. como se ela fôsse o remédio para os seus males. E', por exemplo, o caso do sr. Jusselino



NA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA o locutor da Ave-Maria palestra com os doentes. Muitos escrevem-lhe pedindo a sua visita. E', por exemplo, o caso do sr. Jusselino Ribeiro, que aparece em primeiro plano.



JÚLIO LOUZADA, democràticamente, saboreia uma xícara de café. A sua popularidade é um fato. Onde chega, logo uma multidão de fãs e admiradores o cerca pedindo autógrafos.



JÚLIO LOUZADA é devoto de São Jorge — o glorioso Santo que é patrono do Exército Brasileiro



A VAIDADE, O ORGULHO e a ambição humana ofendem ao Criador, adverte sempre, nas suas orações Júlio Louzada. Embora notòriamente conhecido, o popular locutor gosta de viajar de bonde, entre o povo. Mas, quando um fã o reconhece e o aponta com o dedo, logo uma multidão de curiosos o acompanha. Foi o que aconteceu quando, acompanhado pela reportagem, perlustrava a rua do Ouvidor.



Ribeiro, que há três anos está internado na Santa Casa de Misericórdia. Quando o locutor da Ave-Maria o cumprimentou, na visita em que o acompanhamos, um clarão de alegria iluminou-lhe a fronte já sulcada pelos anos e pelo sofrimento, e as lágrimas correram pelas suas faces maceradas. Foi um momento de emoção. E pela enfermaria tôda houve um murmúrio como se ocorresse algo de extraordinário. Doentes, que já se achavam prostrados combalidos, faziam um esfôrço supremo para levantar o busto e ver melhor o homem que, tôdas as tardes, nas suas preces, roga por êles.

Como era natural, foram muitos os pedidos de orações. E com os olhos ainda marejados de lágrimas Júlio Louzada foi até a Igreja da Candelária, ajoelhou e orou emocionado e contrito.

Mostrou-nos depois o monge que vem se formando na parede daquele templo secular. E' deveras um fenômeno singular. De ano para ano os traços se acentuam cada vez mais, no mármore. Muitos crentes já fazem promesas e penitências ao Santo que ali está se esquematizando paulatinamente.

Júlio Louzada palestrou longamente com Monselhor Henrique de Magalhães — vigário da Candelária — acêrca do fenômeno. O grande orador sacro falou-lhe pormenorizadamente sôbre o assunto, mas no final da palestra acrescentou que até agora a Igreja guarda silêncio.

Da Candelária seguimos até a Igreja de Santa Rita, onde o locutor pediu a uma crente para rezar a oração da espôsa.

"ó gloriosa Santa Rita, vós que por obediência aos vossos pais, vos sujeitastes ao estado conjugal e vos mostrastes nêle o verdadeiro modêlo da espôsa cristã, eis-me aqui aos vossos pés para vos abrir meu coração que tanto precisa do céu e vossa proteção.

Vós que, durante tantos anos, tão imerecidamente sofrestes na vida conjugal, ainda que fôsseis rica das maiores virtudes, impetrai-me do Senhor a fôrça necessária para manter-me fiel a Deus e a meu espôso. Tomai conta de nós, santificai o nosso trabalho, abençoai tôdas as nossas emprêsas para que tudo reverta em glória do Senhor e em nosso bem comum.

Nada perturbe a serenidade da nossa paz. Prospere a nossa casa com a vossa proteção, ó Santa Rita; assistam-na os anjos da paz, fuja dela tôda a maligna discórdia, nela reine soberanamente a caridade, triunfe aquêle amor que une dois corações, que liga entre si as almas remidas pelo sangue puríssimo de Jesus.

Apresentai, Santa Rita, esta oração ao Senhor, obtende-me ser atendida, e fazei que um dia com o companheiro de minha vida eu chegue a louvar a Deus no Paraíso. Assim seja."

★

Da Igreja de Santa Rita fomos à de São Jorge. Júlio Louzada levava a incumbência de orar ao glorioso santo. Ajoelhou-se ante a imagem de Cristo e, após orar por mais de vinte minutos, balbuciou o famoso sonêto "Cristo Crucificado", cuja autoria é atribuída a Santa Terezinha — santa da sua devoção.

"Não me leva, meu Deus, a querer-te
O céu que me haveis prometido;
Nem me leva o tão temido inferno
A deixar-me por isso ofender-te.

Tu me moves, Senhor; move-me ver-te
Cravado em uma cruz e escarnecido;
Move-me ver o teu corpo tão ferido;
Movem-me as afrontas e a tua morte.

Move-me enfim o teu amor e de tal
[modo
Que ainda que não existisse o céu
[eu te amaria
E te haveria de temer ainda que não
[existisse inferno.

Nada me tens que dar porque te queira
Pois ainda que não esperasse o que
[espero
Eu te amaria o mesmo que te amo."

Visitou ainda o Seminário Arquidiocesano de São José, onde se demorou em palestra com o Cônego Oton da Mota e o pe. Vital Cavalcanti, respectivamente, diretor espiritual e ecônomo daquele estabelecimento. Passou pelo Abrigo do Bom-Pastor, na Tijuca, e, finalmente, subiu ao morro do Salgueiro, sempre acompanhado


"Tudo é Deus, tudo é Deus! o mais
[são nomes:
A grandeza de Deus dá vida a tudo
E tudo serve a Deus por modos vários."



O RIO DE JANEIRO é deveras uma cidade linda! E o Jardim da Glória é o recanto preferido pelo criador de «Pausa para Meditação». Tôdas as tardes êle busca aquêle recanto onde passa horas em atitudes meditativas.

pela reportagem que ia registrando, avaliando e sentindo a sua bem-querência e a sua popularidade. Nas ruas, nos bondes, ou quando parávamos para tomar um café, era enorme a curiosidade pública em tôrno de sua pessoa. No morro perguntaram-lhe por que não se candidatou a deputado ou a vereador. Mas, Júlio Louzada faz-se de surdo quando lhe falam de política. Todavia, o povo gritava: "Viva Júlio Louzada!" — Em 1955, seja candidato e pode contar com o Salgueiro! — disse-lhe um líder daquele morro, que, segundo afirmam, dera oito mil votos a um candidato eleito a 3 de outubro.

De volta do morro, passamos pelo Jardim da Glória. Júlio Louzada chega até ao cais. Contempla o mar, fica um instante meditativo e depois diz:

— "Não somos nada. O homem só é grande quanto está de joelhos. A vaidade, o orgulho e a ambição humana ofendem ao Criador. Para assombrar o homem basta um forte trovão, embora êle saiba que é um fenômeno atmosférico. Tudo é Deus, tudo é Deus! O mais são nomes. A grandeza de Deus dá vida a tudo... e tudo serve a Deus por modos vários."

Finalmente, entregou-nos uma cópia da oração que será lida na noite de Natal,

(Cont. na pág. 49)



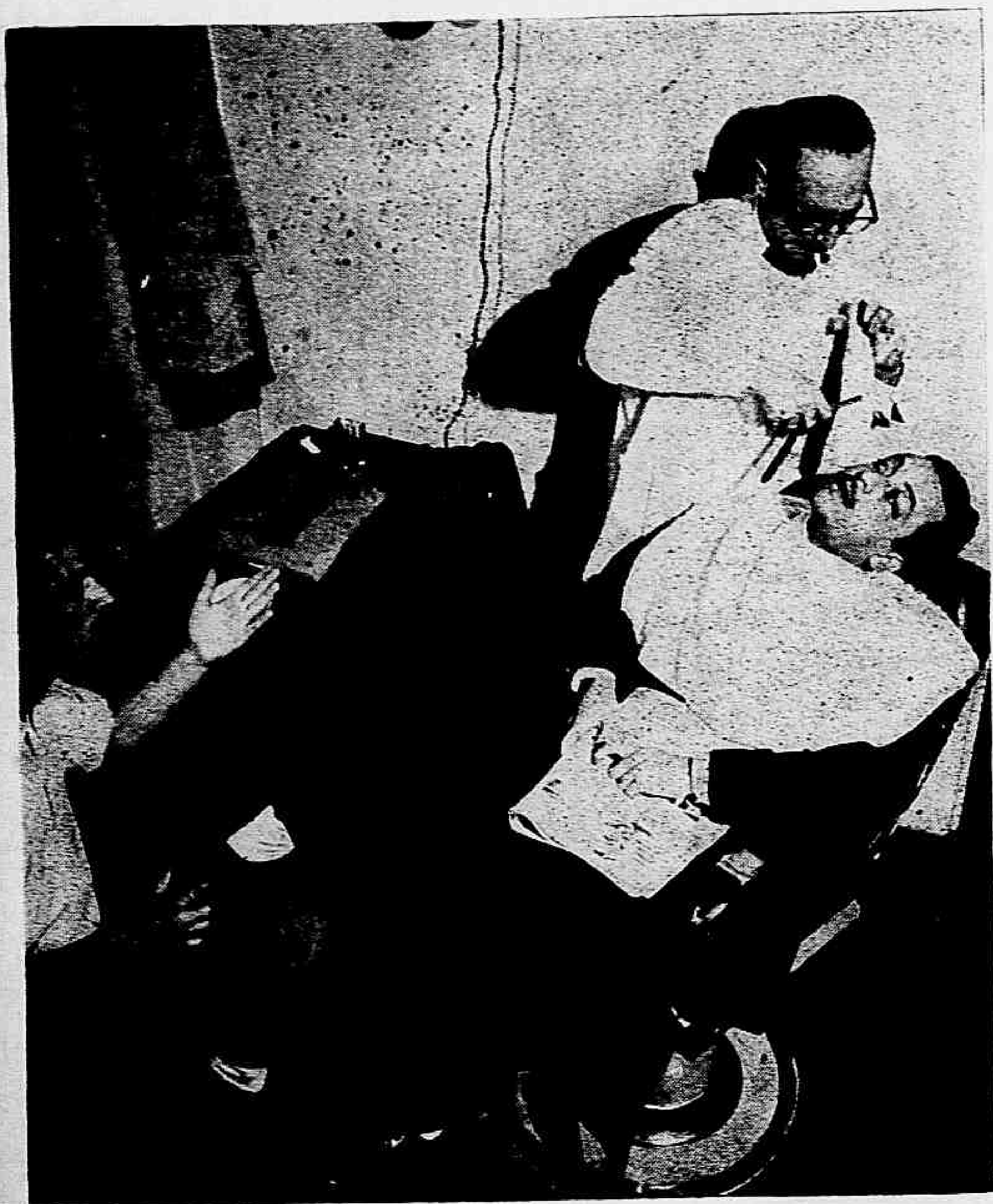
PERIÓDICAMENTE Júlio Louzada faz visita a instituições religiosas. Êste flagrante foi feito quando em visita ao Seminário Arquidiocesano de São José. Aparecem o famoso locutor, o cônego Oton da Motta e o pe. Vital Cavalcanti.

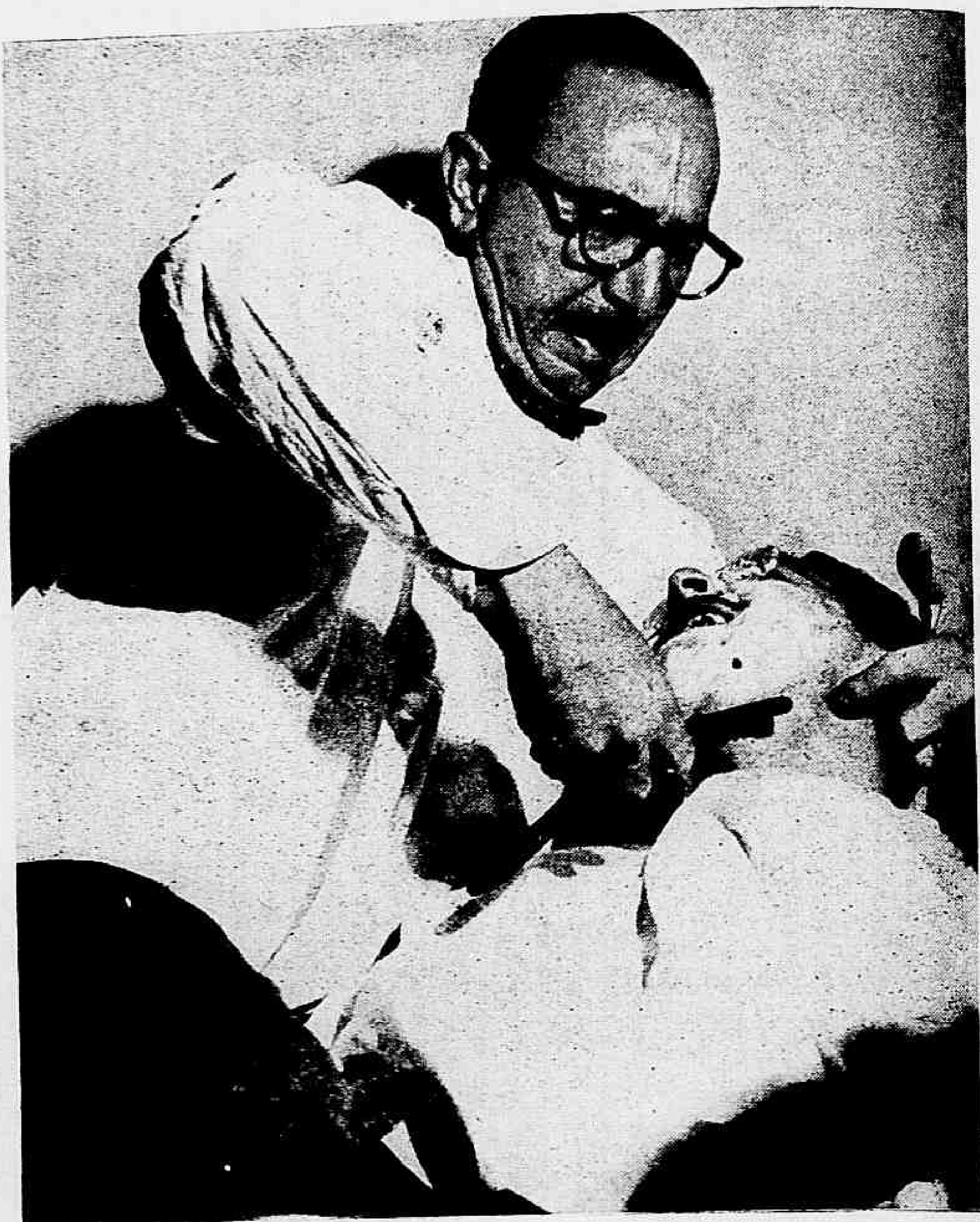


A SANTA CASA DE MISERICÓRDIA, onde vai constantemente, é sempre recebido pelos dirigentes daquêle nosocômio. Da esquerda para à direita o administrador Sr. Miguel Santos; a irmã Maria Antoinette; a irmã superiora Ivone Le Méro e o locutor.



RESPEITOSAMENTE Júlio Louzada beija a dextra da Irmã Superiora da Santa Casa de Misericórdia





"CADEIRA DE BARBEIRO"

FOCALIZAMOS nesta página algumas cenas de "Cadeira de Barbeiro", um sucesso permanente da Rádio Bandeirante de S. Paulo, apresentado diàriamente no "Expresso da Alegria", que o público batizou como "o programa mais gostoso". Notável realização de Aloysio Silva Araújo, que participa do quadro, juntamente com Henrique Lôbo e Durvalino Bottini, do "cast" de radioteatro da mais popular emissora paulista.







ÊSTE MUNDO E O OUTRO...

Oh! certos tipos que a gente encontra nos cinemas... brrrrrrrrrrrrrrr!..

-NÃO, MEU AMOR... DESDE QUE MISSE BRO-O-KILIN PARTIU, AS FLORES DO JARDIM DE ALÁ NÃO MAIS DESABROCHARAM...

VOCE JA SENTOU AO LADO DE ALGUÉM QUE LÊ AS LEGENDAS EM VOZ ALTA?

O CRIMINOSO NÃO E' ÊSTE, NÃO... E' AQUÊLE DE ROUPA ESCURA... ESTE QUE ESTÁ SENTADO, NO FINAL, MORRE TAMBÉM...

E AQUELE ESPÉCIMEN QUE JÁ ASSISTIU O FILME E COMEÇA A CONTAR O QUE VAI ACONTECER?!!

PIQUENIQUE

OQUE FUMA AS OCULTAS E SOLTA FUMAÇA NA CARA DA GENTE...

MÃO BOBA...

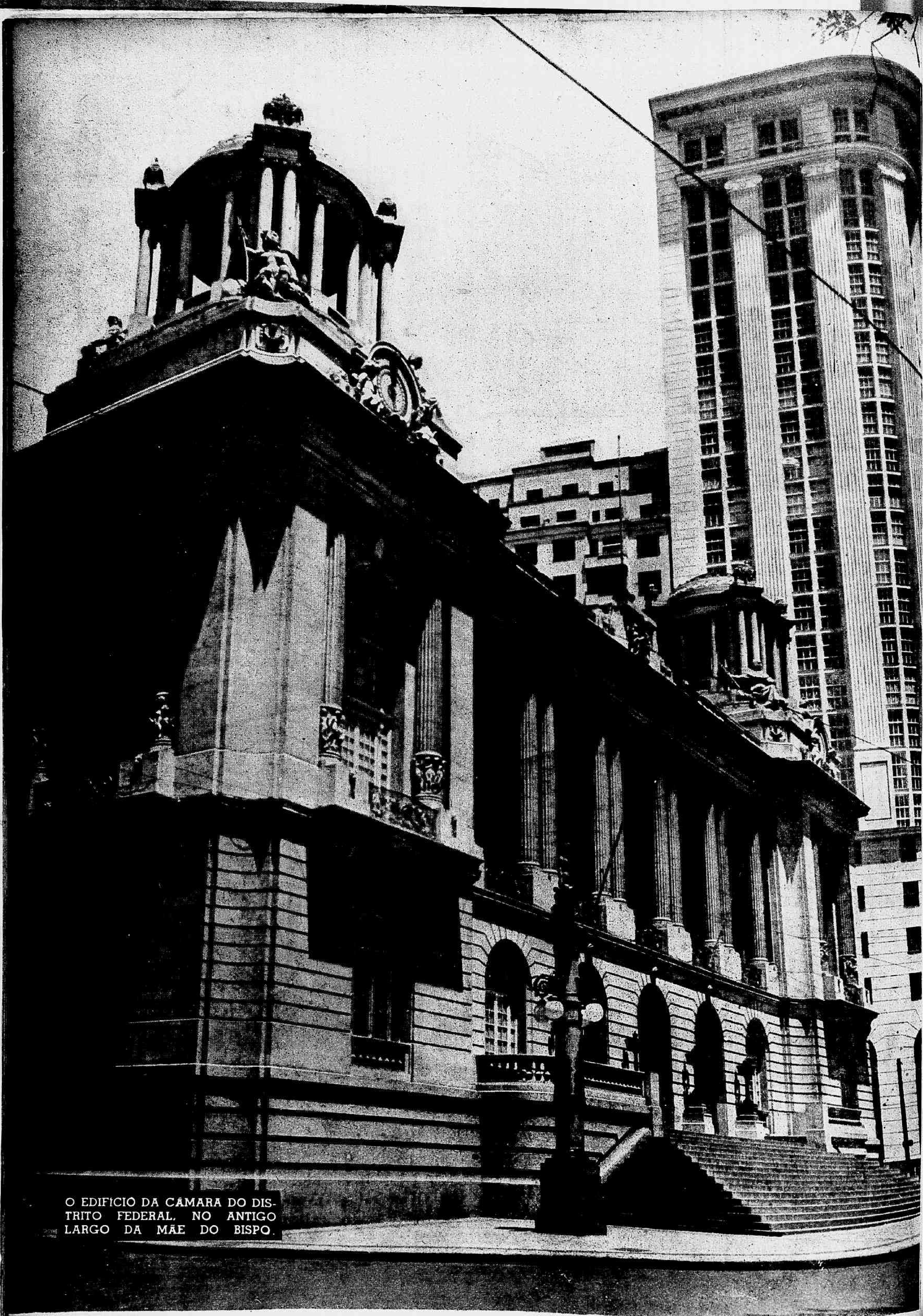
DÁ UMA BEIJUCA NA VELHA TAMBÉM, SEU BOBO!

ADOLESCENCIA EXIBICIONISTA...

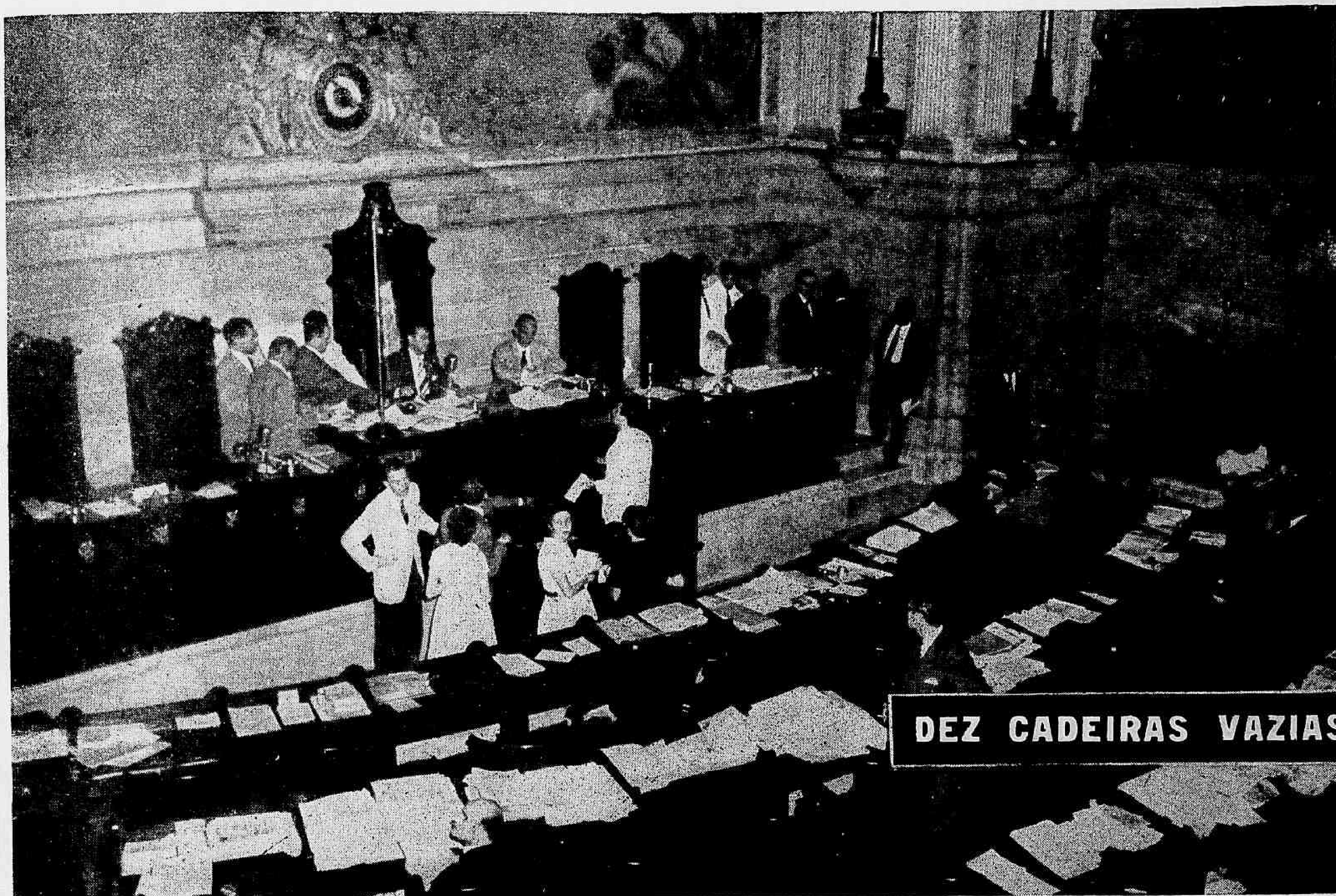
O CAVALHEIRO QUE PENSA QUE ESTÁ "EM CASA"...

"Charge" de DARCY

E' DURO A GENTE SENTAR-SE ATRAZ DE UM SUJEITO GRANDALHÃO QUE NÃO PÁRA COM A CABEÇA O TEMPO TODO...



O EDIFICIO DA CAMARA DO DISTRITO FEDERAL, NO ANTIGO LARGO DA MÃE DO BISPO.



AS CINQÜENTA CADEIRAS serão ocupadas no dia 1 de abril, quando terá início a legislatura 1951-1955. Na que terminou há pouco, sòmente trinta e dois membros compunham o plenário, anomalia trazida em conseqüência da cassação dos mandatos dos representantes comunistas e que causou seríssimos embaraços ao bom desenvolvimento dos trabalhos

A MAIORIA DEIXA A POLÍTICA

Texto de DANIEL CAETANO

Fotos de WALTER MORGADO

VEREADORES QUE NÃO SE REELEGERAM: ARI BARROSO, BENTO BRAGA, CALDEIRA DE ALVARENGA, EDUARDO BARTLETT JAMES, GERALDO MOREIRA, GUSTAVO MARTINS, JORGE DE LIMA, MERCEDES DANTAS, NILO ROMERO E TITO LÍVIO ★ O PRESTÍGIO MANTIDO POR MUITOS DURANTE DÉCADAS CAÍU TALVEZ PARA NUNCA MAIS VOLTAR ★ O ELEITORADO NÃO REJEITOU OS PIORES ★ DERROTAS QUE NÃO SE EXPLICAM

A sempre agitada e discutida Câmara do Distrito Federal ficou, como é notório, logo após o primeiro ano de trabalho, sem dezoito de seus membros. Os mandatos comunistas foram cassados. Os cinqüenta passaram a ser trinta e dois, e foi assim, mutilada, que funcionou até o fim da legislatura.

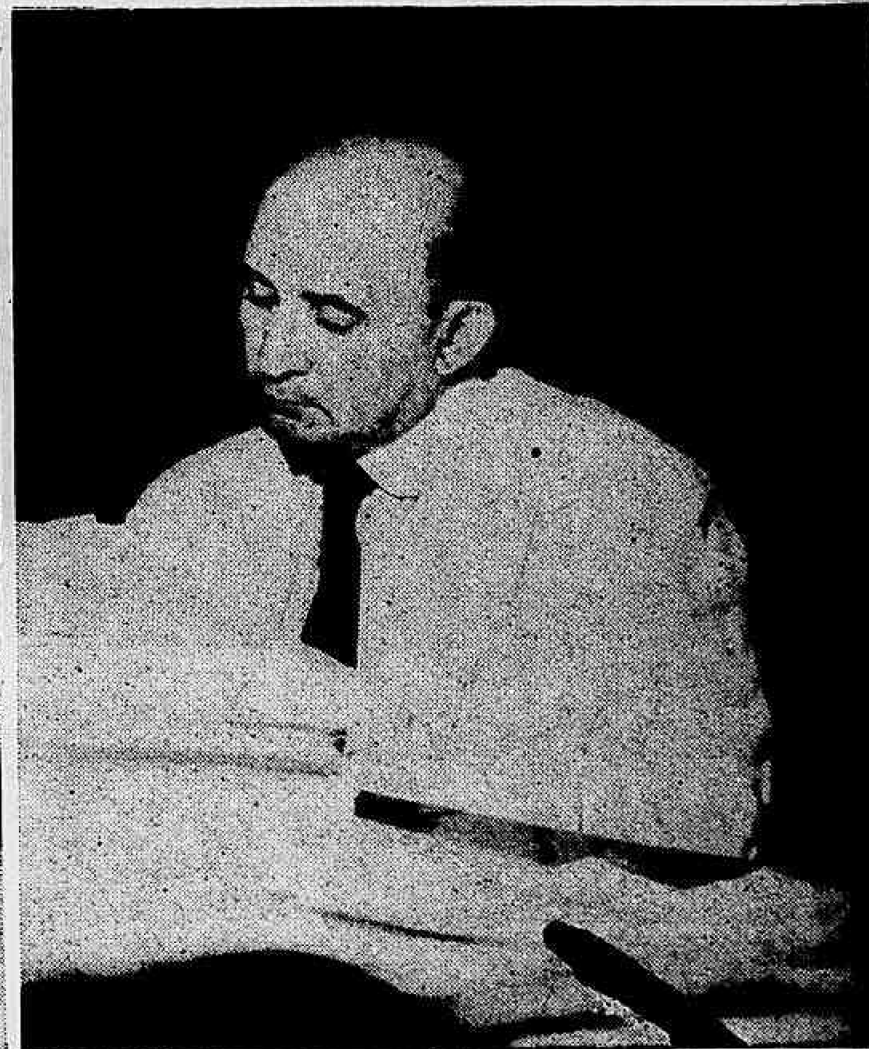
No fim da legislatura, quando faltavam poucas semanas para o dia das eleições, alguém ocupou a tribuna daquêle recinto tumultuoso, pretendendo saber alguma coisa muito séria. Num discurso cheio de exclamações, fêz uma pergunta a esmo: — "quantos voltarão a êste recinto?" Faltava pouco para que as urnas dessem resposta clara e inequívoca a tais indagações, por isto, agora já se sabe que dos trinta e dois nada menos de dez perderam suas cadeiras; e, pelo visto, o eleitorado não refugou os piores — muito pelo contrário. Mas êste aspecto não vem ao caso. Importa é assinalar que o último pleito pôs abaixo muito prestígio firmado, o que, aliás, não chega a entristecer, principalmente quando lembramos que o fato é uma característica de vitalidade, até então não sentida.



JORGE DE LIMA — Um homem deslocado no ambiente é o que sempre foi, na Câmara, o poeta, pintor, romancista, professor, médico e ensaísta de Alagoas. Ocupou a presidência, mas não se entrosou muito bem nos trabalhos



MERCEDES DANTAS — Esteve sempre ligada à vida pública. Jornalista do tempo antigo, veio da cátedra, na Escola Normal, para a Câmara, onde trabalhou muito. Não se reelegeu, mas promete fazer outra tentativa em 1955



TITO LÍVIO — Foi presidente e relator da Comissão de Finanças. Todo ano êle se entregava, de corpo e alma à feitura do Orçamento. E' engenheiro, mas se revelou um técnico na elaboração da Lei de Meios



EDUARDO BARTLET JAMES — Membro de uma família vinculada à política do Distrito Federal há muitos anos. Sua derrota no último pleito foi uma das maiores surprêsas para tôda gente. Mas, política é isto mesmo...



BENTO BRAGA — Temperamento de natural violento, só entrava nas discussões quando, no seu próprio dizer, a matéria era uma... indecência. E lutava tenazmente, com tudo o vigor, para impedir que a mesma fôsse aprovado

Vale por isso analisar os resultados da eleição no Rio, quando nada, para que se registre a ocorrência de casos singulares na vida política da capital da República, coisas que por certo nunca serão muito bem compreendidas, mas ainda assim, marcam a mudança que vem por aí.

O político de amanhã, já se diz, não vai ser mais o político de ontem, que tinha a seu serviço meia dúzia de sujeitos razoàvelmente espertos, chamados cabos eleitorais, em condições de sòzinhos fazerem todo o trabalho de aliciamento. O povo, diz-se por todo canto, aprendeu. O eleitor agora, na opinião de muitos só vota conhecendo de perto o candidato.

Ora, na verdade, se analisarmos bem as coisas, verificamos que não é tanto assim: o voto por aqui ainda se dá de maneira bem apresentada e inconciente, mas, como antigamente era tudo pior, só resta ver nos resultados obtidos verdadeira mudança de direção.

MUITO PRESTIGIO FOI ABAIXO

A política no Distrito Federal não era praticada de um modo peculiar. A coisa ficava também nas mãos de certos nomes, o que, pelo visto, daqui por diante não vai ficar mais. Os votos cariocas, de certo modo tidos por muito esclarecidos, não eram tanto como se pensa. Boa parte dêles eram trazidos às urnas por cabresto, de resto, como em tôda parte. Os manejadores se chamavam Dodsworth, Olimpio de Melo, Romero, Caldeira Alvarenga, para só falar dos grupos mais fortes. A eleição de agora entretanto pôs abaixo êsse mundo bem equilibrado num prestígio que recua por portas e travessas aos comêços da República.

A família Caldeira Alvarenga, por exemplo, vinha elegendo rotineiramente um vereador em cada legislatura. O vereador Caldeira de Alvarenga era já uma figura tradicional na Câmara. Homem calmo e pouco falador, nunca atravancou a vida de ninguém com a sua personalidade, pois no máximo, o que êle fazia era formular de vez em quando uma declaração de voto contra qualquer coisa. Não querendo briga, cercava suas considerações de tôda cautela; pedia desculpas ao autor da matéria, mas terminava expondo seu ponto de vista. Era sempre um ponto de vista exposto com bastante dificuldade, pois não tinha, quando na tribuna, a chamada facilidade de expressão. De qualquer modo, sempre dizia as suas coisas com algum mérito apreciável. E' que, por mêdo de errar, talvez, falava pouco, ia direto ao assunto; e, se se prestasse atenção, não era difícil notar nêle um natural desprendimentos pelas fórmulas gastas. Nunca lhe passou pela cabeça, por certo, a preocupação de evitar o chavão parlamentar. Evidentemente, não. E' que, de natural tocava nos assuntos sem pôse, qualidade esta, afinal de contas, pouco encontradiça nos recintos legislativos. Se alguém se der ao trabalho de procurar sua atividade nos Anais da casa vai ter pela frente umas tantas indicações e uns tantos projetos por êle apresentados, mandando consertar os buracos de suas ruas lá no sertão carioca, ruas que na verdade são mais uns caminhos ou então estradas para carroça de boi, razão pela qual nunca foram consertadas. Mas qualquer vereador sempre fica bem visto junto ao eleitorado quando pode mostrar o "Diário Legislativo", onde se lê o pedido de consêrto para a rua do eleitor, rua que possivelmente nunca será consertada. Mas sempre mostra trabalho.

O fato é que o sr. Caldeira de Alvarenga, condidato do P. S. D., não veio desta vez. E' o fim da sua carreira, quase se pode afirmar, pois a política que êle fazia não cabe mais nos dias de hoje e êle está muito avançado nos anos para se adaptar aos novos métodos. Ao que se diz, foi um moço de trinta anos, chamado Miécio, eleito pelo partido do sr. Ademar de Barros, quem levou a família Caldeira Alvarenga ao chão. O rapaz recebeu de Ademar nada menos de 2.000 enxadas, e, falando em Getúlio e distribuindo enxadas, arrumou mais votos que se poderia imaginar.

OUTRO NOME DO PASSADO

Mas em matéria de família derrotada não se pode falar apenas nos Caldeiras. Descendo um pouco as estações da Central do Brasil, a política do Rio antigamente caía na zona dos Romeros, alí em Madureira, onde êles sempre conseguiram se eleger com relativa facilidade. Na legislatura que acabou, um dêles fôra para a Câmara dos Deputados e outro para a Câmara local.

No local estava um sobrinho, o Nilo, um moço caladão, médico, que falava medindo as palavras, dando a impressão que temia sempre pronunciar errado uma proparoxitona, ao mesmo tempo, aliás que se esmerava na citação de tôda uma série de nomes consagrados pelo pensamento universal, quer na história, quer na filosofia, o que sempre era feito sem nenhuma razão nem oportunidade. Mas êle era assim.

Um dia, protestando contra as conseqüências da enchente de véspera citava Leibnitz; outro dia, pedindo providências para o surto tífico de todo ano, evocava Spinoza. Não fazia por menos. Mas era um moço simples, tirando essa mania. Nunca embaraçou os trabalhos da casa, nunca pediu a nenhum jornalista que desse no jornal um projéto da sua autoria. Na verdade, não foi o que se poderia chamar um vereador todo entregue ao trabalho legislativo. Êle sempre se mostrou bem arredio à complicada máquina parlamentar. [illegible], sob certos aspectos, uma autêntica negação de político, e, se usar de sinceridade para consigo mesmo, há-de convir que não dá mesmo para isso. Não foi reeleito, mas o outro Romero, na Câmara dos Deputados, ainda conseguia ser mais uma vez.

UMA DERROTA DIFICIL DE EXPLICAR

O mesmo não se pode adiantar a respeito de Eduardo Barlett James, êste, filho também de uma família tradicional na política do Rio, pois, nesta cidade, ninguém ignora a presença revolucionária

(Cont. na pág. 50)



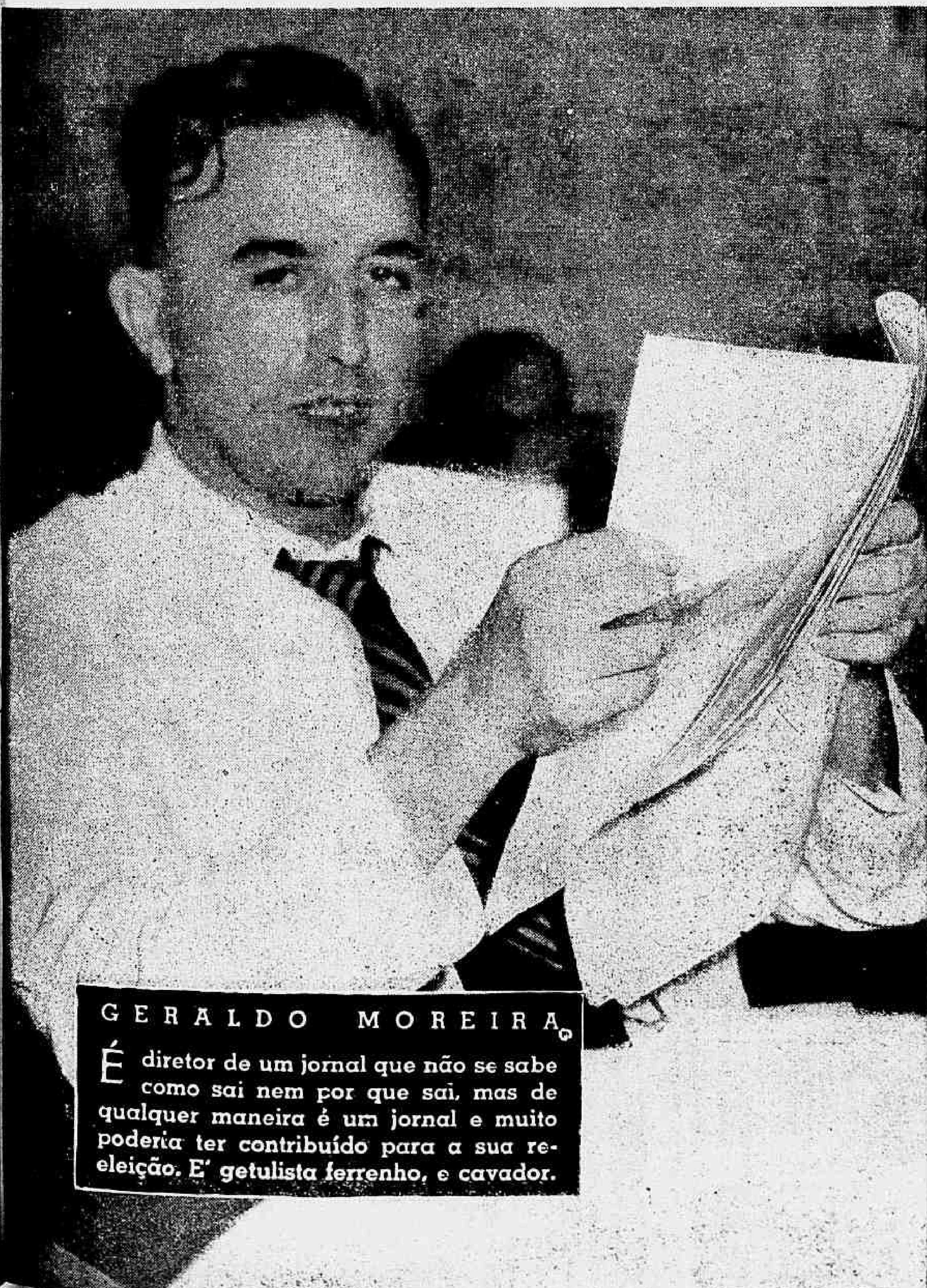
NILO ROMERO

OUTRO membro da família que não perdia eleição. A estação de Madureira era dos Romeros, o que agora deixou de ser. Mas êste rebento se revelou uma negação como parlamentar.



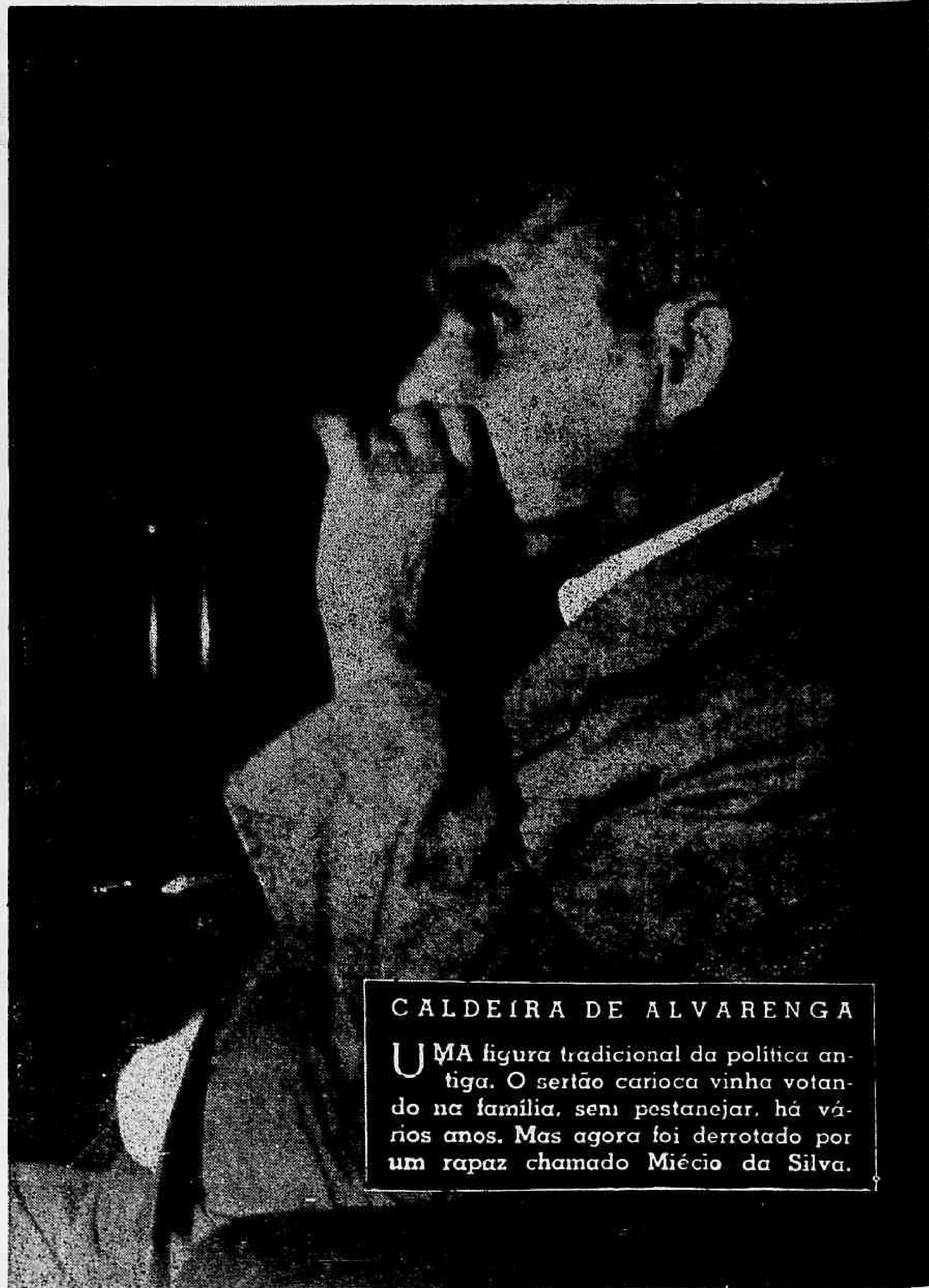
ARI BARROSO

ÊLE pronunciou os mais inteligentes discursos da casa. Foi autor de grande número de projetos. Como relator do que reestruturava a carreira de oficiais administrativos fêz um bom trabalho.



GERALDO MOREIRA

É diretor de um jornal que não se sabe como sai nem por que sai, mas de qualquer maneira é um jornal e muito poderia ter contribuído para a sua reeleição. E' getulista ferrenho, e cavador.



CALDEIRA DE ALVARENGA

UMA figura tradicional da política antiga. O sertão carioca vinha votando na família, sem pestanejar, há vários anos. Mas agora foi derrotado por um rapaz chamado Miécio da Silva.

MOMENTOS TRÁGICOS

DEPOIS de ter recebido um telegrama urgente, Dona Marta Gomes combinou com o marido que devia partir. Sua tia Rosalina Cintra estava nos últimos momentos e do médico assistente chegára êsse apêlo.

Despediram-se. Ela prometeu enviar notícias de tudo o que acontecesse. No trem. Dona Marta, começou a pensar nessa parenta que não via há muito tempo. Correspondiam-se raramente, cartas rápidas e respostas lacônicas. As vezes nem agradecimento aos seus telegramas de aniversário ou de fim de ano. Não estranhava. Essa velha solteirona sempre fôra um problema indecifrável de originalidade. Passara sua vida numa pequena cidade do interior, sempre só ou em companhia de uma empregada que trocava continuamente. Com dificuldade encontrava quem suportasse seu gênio lunático e suas manias excêntricas. A principal e mais incomodativa causa dêssas mudanças era a numerosa coleção de animais de tôdas as espécies e que viviam em contínuas hostilidades entre êles. O interior da casa de tia Rosalina era um perfeito jardim zoológico. Todos afastavam-se dêsse ambiente tão desagradável que tinha como acréscimo o caráter difícil da sua proprietária. Era muito rica. Seu ar altaneiro aumentado pela fortuna, acentuava o desprezo com que tratava os deveres sociais e familiares.

Na estação da pequena cidade ninguém esperava dona Marta. Preocupada dirigiu-se para a casa de onde tinha tão tristes recordações. Tudo estava ermèticamente fechado e o mistério da morte pairava nêssa morada tenebrosa.

Uma velha empregada, com passos abafados, veio atender ao chamado da campainha que ressoou lúgubre no interior solitário.

Dona Marta deu-se a conhecer. Entrou. Um desagradável cheiro de animais, diferentes, misturado com produtos farmacêuticos feriu fortemente o seu olfato.

— Dona Rosalina, disse a empregada, está numa prostração tão grande que mete mêdo. O doutor espera que ela ainda dure uns dois dias, mas achou melhor avisar a família. Sem que ela soubesse, está claro, porque não quer ninguém a seu lado. Só eu e o médico entramos no quarto. Mas agora, coitada, está num estado que não pode mais reclamar... completamente inconsciente... Entre, minha senhora; poderá verificar com seus próprios olhos.

Entraram silenciosas no quarto da enférma. Dona Rosalina, deitada no seu leito, parecia morta. Sòmente os olhos ressaltavam na palidez cadavérica do rosto com uma fôrça de vida tão intensa que davam a sensação de se ter concentrado alí, como um último refúgio, tôda a sua vontade dominadora.

Dona Marta contemplava com respeito os últimos momentos dessa existência que se tornára redícula pelas suas excentricidades. Um olhar respondia ao seu olhar, mas era fixo, impressionante, quase sôbre-humano.

As duas mulheres permaneceram junto ao leito, caladas, comovidas, e as horas foram passando, longas...

A noite chegou. A empregada, fatigada por tantas vigílias sucessivas não conseguia vencer o sôno que a invadia e que ela não podia dominar. Dona Marta, compadecida, insistiu para que ela se fôsse deitar.

— Ficarei junto ao leito de tia Rosalina. Basta que você me indique os remédios da noite.

Vencida, exausta, a boa mulher obedeceu. Explicou as recomendações do médico: dar a meia-noite uma colherinha da poção calmante. A mesma quantidade que dei às nove horas. Dona Marta acompanhou-a até o seu quarto, que não era longe, ouvindo atentamente tôdas as prescrições. Ao voltar, empurrando levemente a porta, pareceu-lhe entrevêr uma sombra rápida que se esgueirava desaparecendo... Quem é?... Nada se revelou...

A sombra indefinível desaparecera na penumbra do quarto. Um mal-estar agitou a moça; seus membros foram subitamente retidos pelo mêdo que se insinuou traiçoeiro. Com terror seu olhar percorreu, cauteloso, os recantos do vasto dormitório... Tudo permanecia imutável. Procurou então explicar a causa da sua perturbação e achou quase natural que o movimento da porta, ao abrir e fechar, provocasse um jogo de luz e sombra na claridade velada pelo «abat-jour». Confiante sentou-se junto ao leito e religiosamente deu início à sua solitária vigília.

De repente, involuntàriamente, voltou-se como atraída por uma fôrça desconhecida... Teve a sensação de que alguém a espreitava. Alguém que ela não conseguira vêr... O terror enregelou-a... Seu coração começou a bater desordenadamente como se quizesse sufocá-la. Olhou desvairada para todos os lados. A obscuridade silenciosa mantinha o seu segrêdo. Sentiu-se comprimida entre dois mistérios terríveis: na sua frente, essa moribunda com a alma já debruçada para o além, e por detrás?... «qualquer coisa» de incerto que a ameaçava. Pressenti que deveria se defender. Na sua imaginação alucinada, os móveis

(Cont. na pág. 53)

CONTO DE
EVA MARSAL

ILUSTROU
OSWALDO DA CUNHA



UMA CARMEN PERIGOSA — FASCINA E EMBRIAGA OS TURISTAS



A MULHER QUE MATA DE AMOR





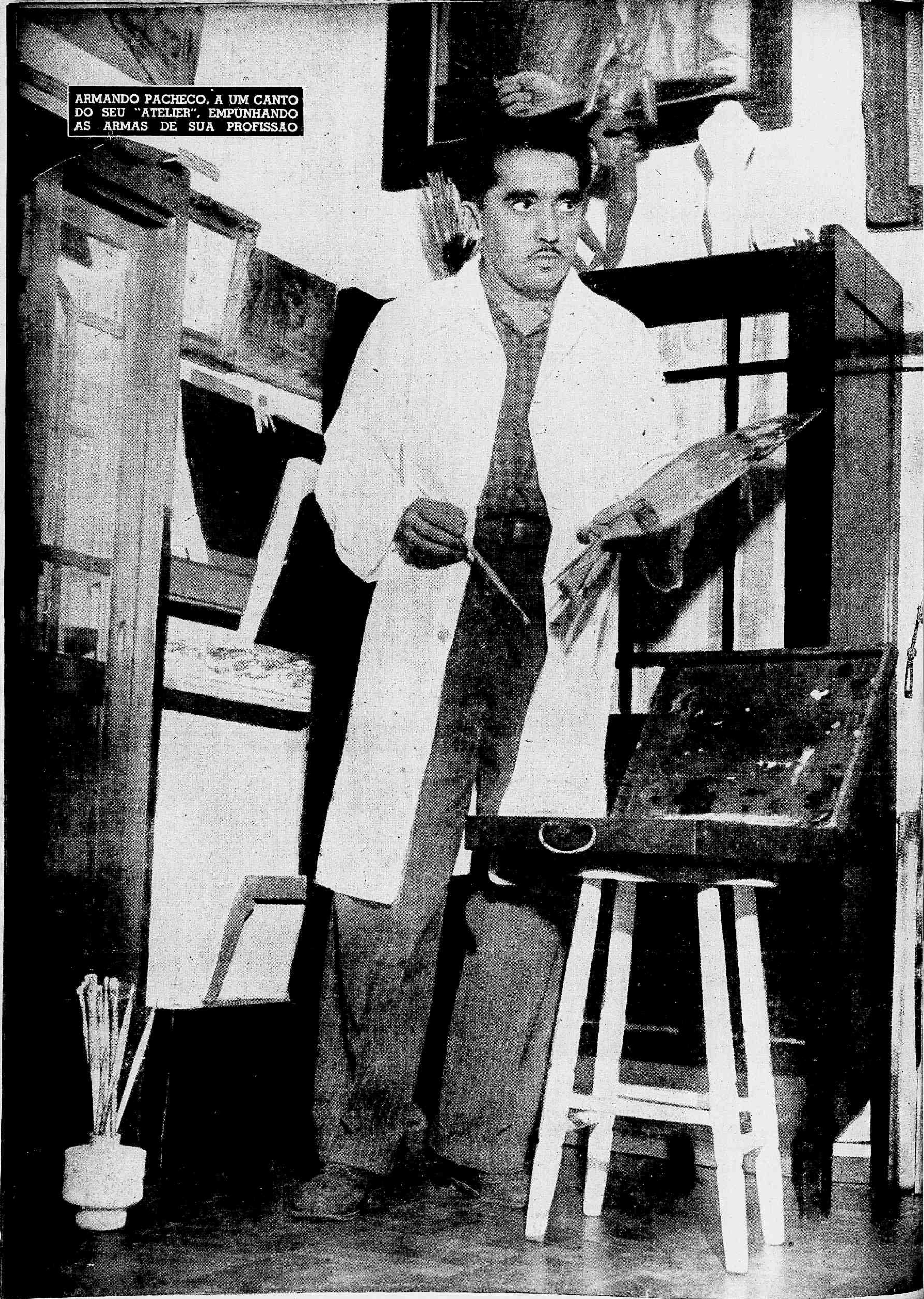
ELA se chama Anita Rodriguez nos registros do estado civil. Mas, seu verdadeiro nome é Carmen. E tomem cuidado! Suas características são bem conhecidas. Tem uma tez que se aproxima do bronzeado. Seus olhos algo oblíquos têm um brilho admirável. Lábios fortes, bem desenhados e, quando sorri, deixam ver dentes mais alvos do que amendoas descascadas. Gosta das flores e quando a vimos certa vêz trazia ela um cacho de flores de acácia preso aos dentes. Seu andar é gracioso e faz lembrar figuras mitológicas. E' de uma beleza estranha e selvagem. Especialmente os seus olhos, possuiam aquêle brilho selvagem entre a volúpia e a audácia.

Tem apenas dezenove anos, isto é, a mesma idade que dava o viajante francês, Prosper Merimée, quando encontrou, pela primeira vêz em Cordova, no cáis de Guadalquivir, a outra Carmen, em 1830. Sempre se julga que é possível encontrar por tôda a Espanha uma morena dêsse porte e beleza física. Em Madri as louras são muitas. Em Granada há muitas morenas lindas. Em Malaga, têm olhos verdes. Mas foi em Cordova que encontrei a verdadeira Carmen. Anita Rodriguez. Gosta de artistas de cinema, especialmente de Ingrid Bergman, de quem é uma fã apaixonada. Sabe vibrar as castanholas com a graça de uma sevilhana e lançar chispas de fogo dos olhos negros das andaluzas. Vê-la num bailado é ter diante de si a própria imagem da Arte e da Graça da Espanha. Por isso todos dizem: viu a Carmen? Isto é: Anita Rodriguez? Então tenha cuidado, amigo! Muitos se queimam de paixão...

Carmen edição-1950, na vida real Anita Rodriguez, banha-se à maneira das suas antecessôras, quando não havia encanamento de água...

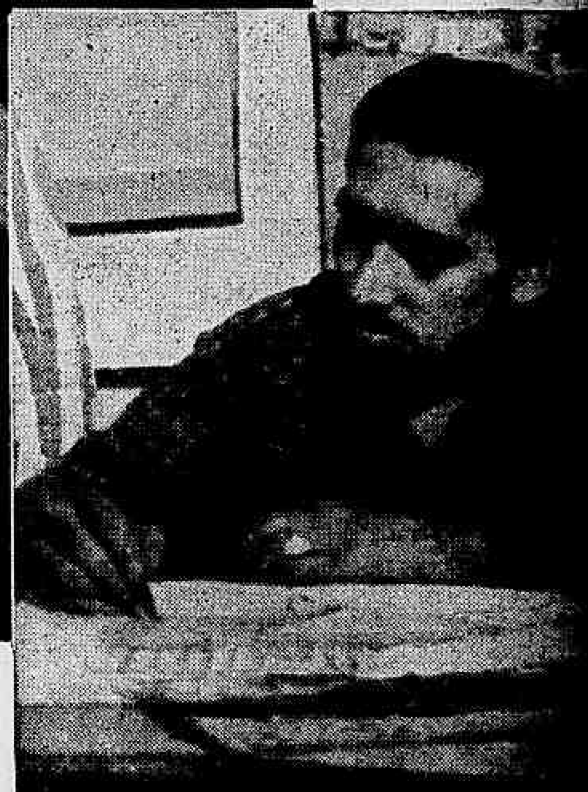


Muito «salero», duas castanholas bem vibrantes e um «olé!» para a platéia, de msitura com um sorriso perturbador e dois olhos perigosos.



ARMANDO PACHECO, A UM CANTO DO SEU "ATELIER", EMPUNHANDO AS ARMAS DE SUA PROFISSÃO





LÁUREA NO SALÃO DE 50

A LIÇÃO DE PIANO, o quadro exposto em nosso Salão de 1950 e que deu a Armando Pacheco a láurea de 1º prêmio com uma viagem à Europa. E' uma tela admirável na expres são e nas tonalidades de um belo clássico que honra o Brasil.

PRÊMIO DE VIAGEM À EUROPA
NA DIVISÃO GERAL

APÓS 16 ANOS DE PRESENÇA NOS SALÕES ANUAIS DA ESCOLA NACIONAL DE BELAS ARTES, DURANTE OS QUAIS FOI SUCESSIVAMENTE PREMIADO COM A MEDALHA DE BRONZE, A MEDALHA DE PRATA E A VIAGEM PELO PAÍS, O PINTOR ARMANDO PACHECO ALVES FOI GALARDOADO COM A VIAGEM À EUROPA ★ TRAÇOS DE SUA CARREIRA

Texto e fotos de SABINO CANALINI

EM nossa reportagem anterior abordamos a inauguração do Salão Nacional de Belas Artes, sem focalizar nenhuma personalidade em particular. Isso foi motivado pelo fato de estarmos fazendo apenas um registro do acontecimento e ainda por haver sido atrasado o resultado do juri quanto à distribuição de prêmios. Uma vêz conhecido êsse resultado, escolhemos um entre os premiados, não com o intuito de parcialidade, mas apenas por uma única razão: para contar um pouco da vida, da carreira artística e das idéias de um homem, cuja assinatura os leitores devem estar habituados a vêr de vez em quando nos rodapés dos desenhos que ilustram os contos ou as novelas publicadas pela «Revista da Semana». Aí está a razão: desta vez foi premiado no Salão um nosso companheiro de colaboração para esta Revista. Não o conheciamos pessoalmente, tanto que quando tentamos nos comunicar com êle para marcar a entrevista, pelo telefone, fomos falar com o outro Armando Pacheco, o redator.

Por sinal esta ligeira confusão entre os dois é comum; ao redator dizem que pinta bem e felicitam pelos sucessos alcançados nas exposições; ao pintor dizem que escreve bem e chamam de baiano. No fundo ninguém sai perdendo, os dois se conhecem e são bons amigos, pilheriando pelas confusões. O curioso é que também o redator é colaborador fortuito em nossas páginas, chama-se Armando Edgard Pacheco, enquanto o pintor é Armando Pacheco Alves. Feito êste esclarecimento, vamos ao encontro do personagem focalizado desta vez. Numa rua modesta, sinuosa, calçada a paralelepípedos, da zona norte da cidade, entrando numa avenida também modesta de casas de andar térreo, batemos à porta da que tem o número 12. Batemos, pois não há campainha. Por associação de idéias lembramos Beethoven, a 5ª sinfonia, o Destino e a Felicidade. Foi o que encontramos: a felicidade. Humilde, querendo desculpar a própria modestia e a do ambiente que o cercava, Armando Pacheco Alves, baixinho, moreno, de



Armando Pacheco folheando precioso volume, observa as obras espanholas do Museu do Prado, que pretende visitar quando estiver gozando do prêmia de viagem à Europa.



O consagrado pintor soube que naquêle dia a espôsa lhe ia fazer uma surprêsa; mas, como não é sòmente a mulher que é dotada de curiosidade, êle deixou o atelier e foi espiar...



Sua filha estudava a lição matinal, quando Armando Pacheco foi ouví-la e nasceu a inspiração triunfal do seu quadro.



Vera Lúcia será uma futura corredora, pelo que vemos nêsses treinos orientados pelo laureado pintor e extremoso pai



E' assim que nascem as telas magistrais. Sentado à soleira da porta de sua casa, sob o olhar da espôsa e da filhinha.



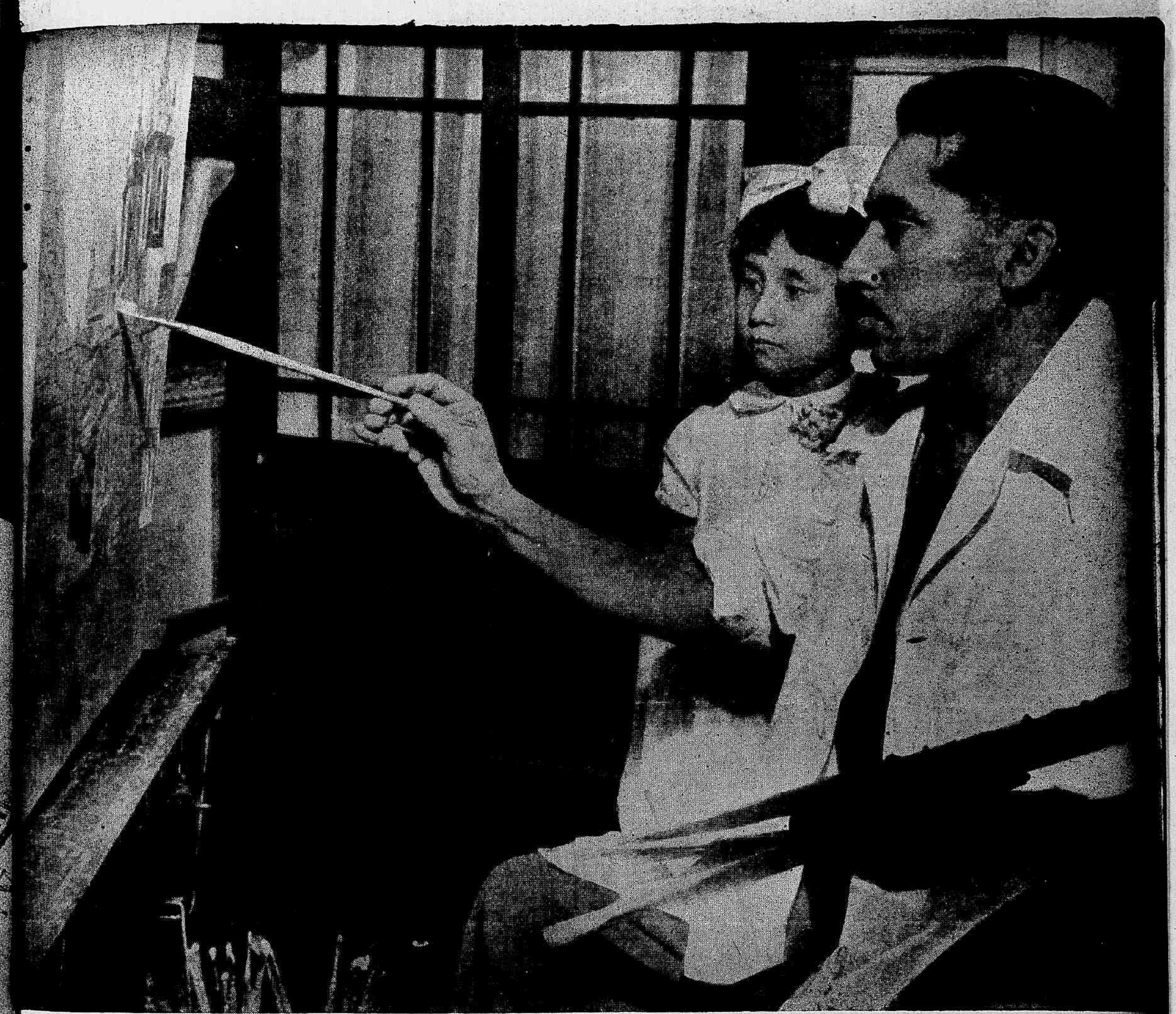
Mas Armando Pacheco não tem na pintura o seu ganha-pão. Êle vive do desenho em que é exímio e consumado mestre. São numerosas as publicações do Rio e de outros centros de cultura do país que solicitam a colaboração do artista.

sobrancelhas pretas e grossas, mostrou-se altamente sensibilizado pela «distinção que lhe era conferida» e desde logo externou seu acanhamento em falar de si mesmo. Foi mediante perguntas que conseguimos as informações e os dados que relataremos a seguir. De início furtou-se a descrever as lutas e as muitas dificuldades por que sua família e êle mesmo passaram durante toda a existência. Seu pai, o Sr. Joaquim, reforçou a opinião do filho, desejando mesmo passar por cima dos detalhes de certos períodos da vida que, segundo êles, «é difícil para todos. Todo o mundo, quem mais quem menos, tem momentos de sacrifícios e de alegrias. Esqueçamos os maus momentos e não lhe demos a importância que não têm para valorizar o sucesso».

Filho de imigrantes portuguêses, Armando Pacheco nasceu em Santa Alexandrina, carioca, portanto. Seu pai, presente por acaso à entrevista, comerciante e industriário, após altos e baixos em sua vida comercial, continua o que sempre foi: vidraceiro por vocação e especialização. Rijo ainda, apesar de seus 65 janeiros, não queria deixar se fotografar ao lado do filho laureado em Belas Artes, na simplicidade de um paletó de pijama, na costumeira visita domingueira ao lar do que lhe honra o nome. Considerava-se figura demasiado apagada e sem expressão. Afinal venceu-o nossa insistência. O Armando, mostrando desde cêdo gosto pelo desenho, não pôde todavia ser sustentado numa escola pelo pai que lhe conhecia a queda, mas que não tinha posses suficientes. Seu primeiro emprêgo foi numa fábrica de vidros, na qual escolheu a seção de gravura.

— Escolheu a gravura não para trabalhar e sim para estar em contáto com o desenho, a sua predileção, aparteou o sr. Joaquim.

A saúde não lhe permitiu continuar na gravura, devido à presença de ácidos. Passou para os escritórios, onde sofreu verdadeiras torturas psíquicas, pois sentia necessidade de desenhar e abstrair-se para reproduzir as mãos ou tudo o mais que lhe chamasse a atenção. Pôde no entretanto frequentar algumas aulas no Lyceu de Artes e Ofícios, isto em 1930, assim como depois frequentar o grupo de Bernardo Berna. Em 32 possuia umas idéias bem próprias a respeito dos artistas de nomeada. Pensava que todos tivessem «atelier» montado, com bibliotéca, cortinas e muito mais coisas. Agarrou portanto a coragem pelo pescoço e escreveu a vários dêles, oferecendo-se como empregado. Pretendia usufruir do ambiente artístico e nas horas vagas receber aulas. Recebeu algumas respostas desalentadoras. O único que lhe valeu algo foi Oswaldo Teixeira, que o admitiu não como empregado e sim para administrar-lhe aulas de modêlo vivo. Não era o suficiente para o espírito ávido de saber do Armando. Foi à redação do Globo, explicou sua situação e o vespertino publicou um «suelto», sob o título: «Pedir não humilha». O que êle desejava era apenas o seguinte: obter um emprêgo que pelo horário conveniente lhe facilitasse cursar as aulas na Escola de Belas Artes. Recebeu três cartas e o emprêgo num Instituto Químico, onde como primeiro encargo teve que desenhar uma alegoria para uma página inteira de jornal sôbre o Instituto e mais, escrever no centro, com letras desenhadas, o texto que lhe havia sido fornecido. Por causa dessas letras, viu seu trabalho recusado várias vêzes, chegando os empregadores a desconfiar de sua prática, por mais que êle afirmasse o contrário. Pôde enfim satisfazer um de seus grandes desejos, ser admitido como aluno na Escola de Belas Artes. Foi discípulo de Augusto Bracet e de Rodolfo Chambelland.



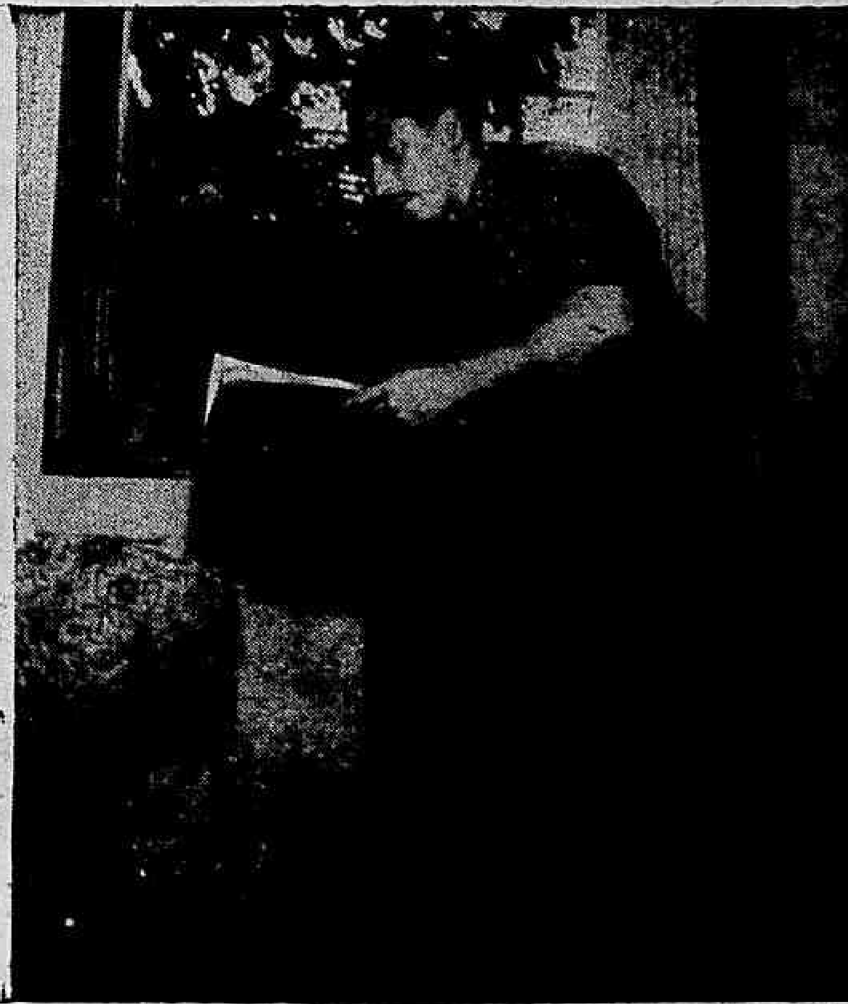
Armando Pacheco não descansa. Divide as horas de sua vida entre o pincel e as harmonias de seu lar. Em todos os instantes é procurado por Vera Lúcia que o admira e ama. Para ela não há néste mundo um pai tão meigo e carinhoso, nem pincel que produza as maravilhas daquêle do Pacheco. E as profecias de Vera Lúcia se cumpriram: Seu pai foi laureado...

No ano seguinte teve a ousadia de enviar seu primeiro trabalho para o Salão. Foi recusado. Em 34 mandou dois. Um recusado e outro aceito. Primeira vitória: expositor do Salão. Em 35 conseguiu a medalha de bronze em pintura e a medalha de prata em desenho, por um estudo de nú. Em 36 alcançou a medalha de prata em pintura, podendo então concorrer para o prêmio de viagem, o que fez logo no ano seguinte. Em 38 casou e portanto suas atividades para o Salão foram bastante reduzidas, maiores responsabilidades e necessidade de ganhar a vida como desenhista, ilustrador de numerosas revistas e enfim com o que êle chama de arte aplicada ao comércio para um rendimento imediato. Em 39, indicado para o prêmio de viagem, empatou com Honório Peçanha, que foi favorecido pelo voto de Minerva do juri, recebendo o prêmio de viagem pelo país. Em 41, indicado mais uma vez para o prêmio de viagem pela divisão geral, enquanto na moderna concorria o Pancetti, foi por êste vencido, já que contava com o apoio unânime de todos os modernistas, e ainda pelo fato de existir apenas um único prêmio de viagem. De então para cá modificou-se o regulamento do Salão, que passou a contar com igual número de prêmios tanto para a divisão geral como para a moderna. Em 43, com o quadro «Retrato de Jerônimo Ribeiro» ganhou a viagem pelo país, que realizou durante todo o ano seguinte. Finalmente em 50, apresentando o belo quadro «A lição de piano» alcançou a laurea da viagem à Europa. Há 16 anos Armando Pacheco vem contribuindo nas exposições do Salão Nacional, perseguindo o prêmio que estimule seu esfôrço pela arte. Não é por isso que considera encerrado o esfôrço e os sacrifícios empreendidos em sua carreira, pelo contrário, só agora é que avalia a grande responsabilidade que o atingiu e promete tudo o que fôr

(Cont. na pág. 52)



Uma pianista sairá dali. Armando Pacheco acompanha com interêsse o desenvolvimento artístico da filha ao teclado.



Que estará a ler? Pela fisionomia parece que são recortes, documentário antigo, páginas emotivas à alma do pintor.

A VIDA DE MME. CHIANG-KAI-SHEK

(1899...)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Pôrto Alegre)

I

OS Soongs eram uma família ativa do sul da China. Chineses aventureiros como êles é que tinham espalhado casas de chá e restaurantes por todo o litoral dos Estados-Unidos. Eram os incansáveis comerciantes desbravadores, a classe dinâmica de tôdas as civilizações. Eram a ponto que ligava leste e oeste, eram os portadores da semente de internacionalismo do século vinte.

Em 1872, a família Soong mandou um dos seus, um rapazinho de nove anos, enfronhar-se nos negócios de chá e sêda na loja do seu tio em Boston. Era uma esplêndida oportunidade, que poucos filhos da China tinham, adquirir o traquejo dos negócios e das condições de sucesso dos Estados-Unidos. Soong Yao-ju veio a Boston, trabalhou no estabelecimento do tio, e em breve descobriu que não se dava bem com aquela história tôda. Talvez que, ao caminhar ao longo do pôrto de Boston, o mar acordasse nêle o instinto poético que a hipnose dos negócios adormecera por muito tempo no resto da família. A agitação das ondas do mar fê-lo sentir saudades de coisas que não podia alcançar na lojinha de sêda: excitou nêle um vago, indefinível desejo capaz de levá-lo ou à destruição ou à grandeza.

Nesse meio tempo, porém, Yao-ju escriturava livros e tratava de se tornar uma eficiente máquina de negócios. Mas aos treze anos, afinal, não pôde mais suportar aquilo. Dirigiu-se impetuosamente ao pôrto e embarcou num navio que se fazia ao mar. Sonhador como era, não se importou em saber para onde ia o navio; mas o instinto lhe dizia que o ar do mar era bom para êle.

As coisas tomaram então um rumo radicalmente diverso. Êle desembarcou em North Carolina, converteu-se da religião dos seus antepassados ao cristianismo, e mudou seu nome para Charles Jones Soongo. Foi recebido na casa de um rico fabricante de tecidos e foi tratado como um rapaz americano de família abastada. Recebeu esmerada educação numa escola preparatória e no Methodist Trinity College. A seguir estudou teologia na Vanderbilt University e se tornou um pastor metodista bem capacitado. Decidiu voltar à China como missionário, a fim de levar a boa nova do Evangelho aos filhos e filhas de Confúcio.

Mas o jovem ainda estava desassossegado. Regressou a Xangai e verificou que nessa cidade de azáfama agresiva, de costumes ocidentais, a muito custo teria disposição para pregar a mensagem da paciência cristã e da vida espiritual, assim como fôra pregada dois mil anos antes. Durante algum tempo dedicou-se à importação de máquinas estrangeiras para moinhos e tecelagem de algodão. Foi então para o interior e viu as deploráveis condições dos milhões e milhões de cules e camponeses, o que o fêz de novo descortinar o panorama de aventura à cuja procura tinha andado. Associou-se ao movimento subterrâneo daqueles que se esforçavam por derrubar a corruta dinastia dos imperadores manchus, que tinham mantido o colosso da China, por muitos anos, numa impotência feita de entorpecimento de ópio. Tornou-se colaborador íntimo do Doutor Sun Yat-sen, o chefe da luta pela república chinesa. Fundou uma casa editôra aparentemente para imprimir Bilias na sua obra misionária, mas secretamente para publicar panfletos destinados a mobilizar o povo contra a monarquia. Na sua misão de pregador feito revolucionário, achava sua salvação. Como agitador político, entretanto, não se salientou. Contribuiu mais para a revolução na sua condição de marido e pai, mais do que podia se dar conta. Casou com uma metodista como êle e criou quatro filhos na fé cristã. E três dêsses filhos mudaram o destino da China.



Mme. CHIANG-KAI-SHEK

II

Tinham nomes encantadores, essas três meninas: Elling, que significa «Vida Suave»; Chingling, «Vida Magnífica»; e Meiling, «Vida Linda». Mas os vizinhos de Charlie Soong em Xaigai tinham pena dêle. De que serviam **filhas mulheres** para um pai e ainda por cima **três?** Na verdade, Soong fôra contemplado com muita desgraça. E quando êle declarou que estava planejando **mandar** suas filhas para se educarem na América, os chineses conservadores ficaram horrorizados. **Meninas serem educadas como rapazes**? Cem gerações de antepassados ouviriam isso e chamariam sôbre Soong a ira dos poderosos deuses da China. Até os amigos de Soong ficaram completamente perplexos quando o ouviram afirmar:

— A emancipação das mulheres será o primeiro passo para a liberdade da China.

Meilling era a mais moça das filhas de Soong; não tinha mais que nove anos ao acompanhar suas irmãs à América. Elling e Chingling entraram no Wesleyan College, na Geórgia; e Meilling, por uma disposição especial, ficou morando na vila residencial com a filha do diretor do colégio. Era uma guriazinha levada da breca; fôra criada nos mesmos hábitos do seu irmão. Contudo, eram seus imensos olhos e sua extraordinria beleza que lhe justificavam o nome: Vida Linda.

Nunca temia a luta. Tinha um temperamento buliçoso e apaixonado, altercava ardorosamente. Certa vez, uma pessoa mais velha entrou no quarto em que ela discutia com sua amiguinha, e dise:

— Meilling, não está envergonhada de se comportar assim?

E Meilling respondeu, corando:

— Oh, Mrs. Ainsworth, eu estou é gozando com isto!

Aos dez anos, seus pendores eram literários. Tinha lido Dickens linha por linha. Falava um inglês elegante com sotaque georgiano, semelhante ao do pai. Era uma americana que se orgulhava da América. Passou um verão numa escola do norte; e quando a professôra de história pediu-lhe que descrevesse a marcha de Sherman através da Geórgia, a menina de Xangai replicou:

— Desculpe, mas eu sou uma sulista, e êste assunto é muito penoso para mim. Estou dispensada de falar nêle, não é?

Nesse meio tempo, grandes acontecimentos haviam se passado na China. O milagre se realizara. Em 1911 a dinastia dos imperadores manchus fôra derrubada pelo partido de Sun Yat-sen. Como uma árvore podre, a monarquia caíra ante o golpe rápido do machado revolucionário. As tropas rebeldes tinham ocupado Wuchang, Hankow, Nanquim e Xangai cèleremente. O êxito da revolução pegara até o Dr. Sun Yat-sen desprevenido. Êle estava viajando pela América com o fim de angariar fundos. Mas regressou depressa à China, tornando-se presidente da República Chinesa. A irmã de Meiling, Chingling, trêmula de emoção, escreveu um artigo sôbre a nova república no jornal do colégio, o **Wesleyan:** «E' um dos maiores acontecimenaos do século vinte, o maior acontecimento desde Waterloo... Há cinco meses o nosso sonho mais louco não podia ter sido com uma república... A Revolução estabeleceu na China a Liberdade e a Igualdade, êsses dois direitos inalienáveis do indivíduo que têm causado a perda de tantas vidas nobres e heróicas. Mas ainda existe a Fraternidade a ser conseguida. Dean Cranshawe, da Colgate University, afirmou numa das suas preleções que a Fraternidade é o ideal ainda não realizado da humanidade, que a Liberdade só tem como alicerce sólido o amor entre os homens, e que a verdadeira Igualdade não passará nunca de um mero sonho enquanto os homens não se sentirem entre si como irmãos. Pode ser que caiba à China, a mais antiga das nações, apontar o caminho para essa Fratendidade...»

III

Assim que completaram sua educação, Eling e Chingling voltaram à pátria para participar da grande aventura, e Meilling ficou sòzinha na América. Ingresou no Wellesley College e fêz um curso brilhante. Provocou a admiração de suas colegas com seu curioso sotaque sulista, com suas maneiras sino-americanas, com o seu variado talento. Retornou afinal à China com a idade de dezenove anos, após uma estadia de dez anos na América, um período durante o qual «andei por todo os Estados-Unidos, estive pràticamente em cada um dos Estados». Saíra de Xangai quando criança e agora voltava uma mulher feita, para passar por um processo de reajustamento que não seria fácil. Entre outras coisas que tinha de fazer, estava a reaprendizagem da sua lingua materna. Uma estrangeira na sua terra natal, numa terra estranha para ela.

E de fato era uma China estranha aquela à qual regressava. Os acontecimentos tinham tomado um rumo trágico para os inflamados visionários. A facção reacionária derrubara o govêrno liberal; e Sun Yat-sen, juntamente com o pai de Meilling (que era então o tesoureiro da Comissão Ferroviária Chinesa), fôra forçado a fugir para o Japão.

Mas nesse momento de derrota amarga, a admirável família Soong comprometeu-se pelo casamento com os homens progressistas que lutavam pela nova China. Eling casou com um jovem liberal abastado, Dr. Kung, descendente dos financistas proeminentes da China. Chingling, que se tornara secretria do Dr. Sun Yat-sen, desafiou as tradições da China conservadora anunciando seu compromisso com êsse filósofo de meia idade que já tinha filhos da sua primeira espôsa. Na China, uma segunda espôsa era encarada quase como uma proscrita. Mas Chingling mostrou a coragem da sua emancipação casando com o homem cujo ideal ardente ela partilhava.

Só Meilling não tinha marido. O Dr. Sun e o seu govêrno já haviam conseguido voltar às provincias do sul antes que ela chegasse a Xangai. Da calma comodidade do colégio ela passava agora de repente para o meio do mais tempestuoso período da história do seu povo. A China concebera o sonho de uma república unitária, e saíra dêsse sonho um país dividido e sangrado. As províncias do norte tinham sido dominadas e devastadas pelos chefes militares que se haviam mobilizado contra o Dr. Sun. A nação ia atravessar a primeira fase de uma guerra civil.

Na casa de sua mãe, em Xangai, Meilling conheceu o conselheiro militar e braço direito do Dr. Sun, o indomável Chian Kai-schk. Em 1912 êle estudara a arte da guerra numa escola militar japonêsa. Tinha aderido à causa revolucionária e conduzira um exército numa campanha bem sucedida contra a dinastia manchu.

Agora, repentinamente, via-se abrasado por outro ideal. Porque seus olhos tinham encontrado os de Meilling. Pediu a mão de «Vida Linda» à mãe dela, mas recebeu um não sem rodeios. Era divorciado. Murmurava-se que era um galanteador vezeiro. «Havia no Cantão pelo menos duas mulheres com quem êle poderia ter casado». Além do mais, não era cristão.

Desesperado, o jovem Chiang dirigiu-se ao seu amigo, Dr. Sun, pedindo-lhe conselho.

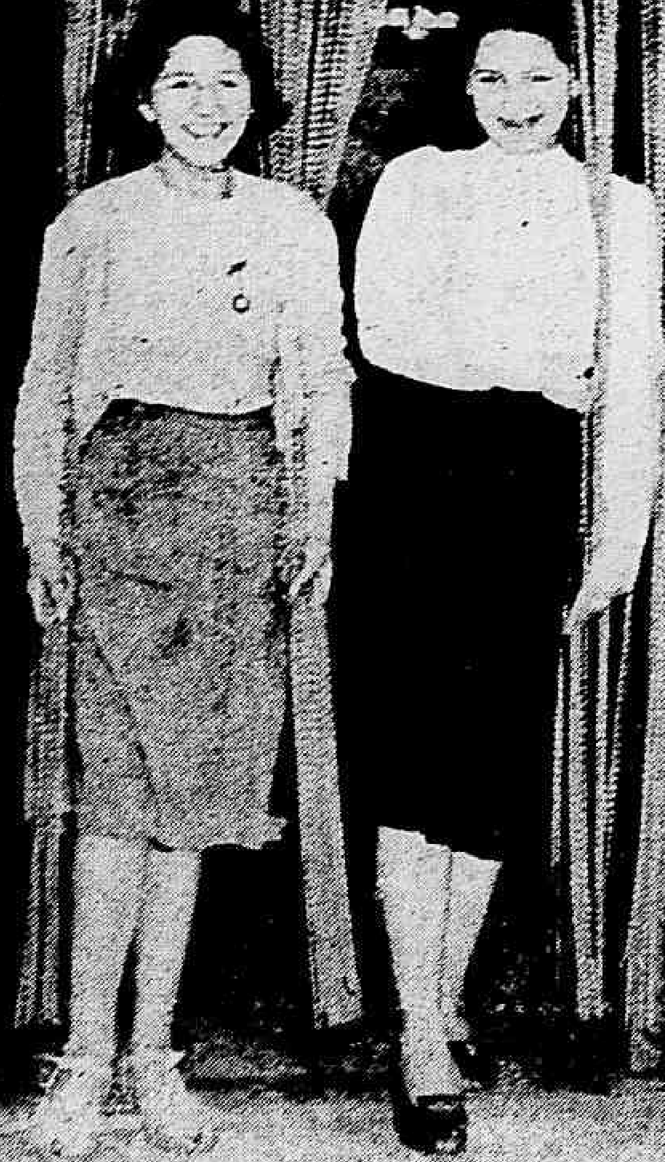
(Cont. na pág. 51)

A MAIORIA... POR THEO









«EL CHUMBITO» estava deserto ao cair da tarde, porque o movimento só é forte à noite, quando os trabalhadores da Bôca vão palestrar sôbre as ocorrências de cada dia, beber o seu «copetin» e ouvir um pouco de rádio. Lá dentro, o pai dêssas jovens simpáticas acompanha os preparativos do jantar, enquanto elas posam com um sorriso amavel para o repórter brasileiro. Em baixo, «los pibes» da beira do cáis simulam uma luta que vale tudo, mos trando suas aptidões para a «nobre arte» — têm bons músculos!



SETE DIAS EM BUENOS AIR

UMA VISITA À CA

HISTÓRIA DE UM COCH DE T
GUIU LOGRAR OS TRÊS T TAS
GILANTE" FIÉL CUMPRI DE SE
ÇÃO DO REPÓRTER QUE URA
CÁIS MAIS BEM COMPO DO D
LOURA DO CARDIFF BA ANJO
PEÕES DA PELOTA ★ O POR M
AVELLANEDA ★ NÃO HÁ TIGI
MAS VITROLAS ELÉTRIC M QU
BA, O BOL E A R

Te fotos

BUENOS AIRES, novembro — Não tem o cidadã gentino o proverbial defeito — ou qualidade — do sileiro que, ao receber a visita de um turista ami apressa em lhe mostrar os flagrantes mais tipicos bora pouco recomendáveis, da sua terra. Quem conhecer as mazelas, o "bas-fond" carioca, os lugares deprimentes, as favelas, os focos da miséria — não cisa mais que aproximar-se do cidadão carioca. Eu e inflamado, com um entusiasmo delirante, êle se em levar o visitante às ruas transversais do Mangu recantos suburbanos em que se batem macumbas logradouros onde a falta de salubridade faz ponto.

Com o argentino é diferente. O argentino mostra ao sileiro os arredores da sua Buenos Aires querida, as onde o movimento aumenta à razão que a madrugad entrando, orgulha-se do "subway", aponta a tirage tissima de seus diários, mesmo com a falta de leva-nos a saborear o decantado "baby-beef" e iguarias, indica-nos os cartazes de cinemas às dezen que são exibidos apenas filmes nacionais que êle não para o ridículo por piores que sejam — mas quan pergunta onde ver alguma coisa de tipico, de caracte camente portenho, dá de ombros, faz um jeitão sim de ignorância e diz com tôda a naturalidade:

— Isso não há, amigo. Em Buenos Aires você nã contra coisa alguma de tipico. Tudo é moderno, asseado e rivalizando com o melhor das grandes poles do mundo, não está vendo?

Só temos porque nutrir simpátia por éstes "mucha macanudos que escondem com o seu pudor de gen nesta, alguns vestigios menos agradáveis aos olhos do pede a quem êle sabe, entretanto, cumular de genti E para esquecer a curiosidade do impertinente, des assunto, compra bilhetes para o Ópera e vai mostra

o se
palco
Ne
mico
teira
—
—
E os
tango
Pa
um
—
enco
nada

As
temp
novo
bras
do
tivo
esta
vale
tem
a t
coch
está
vez
do
cob
—
—
volt



ÊSSES GAROTOS fizeram miséria para ser fotografados. São
sa, conhecem todo o vocabulário da Bôca e aqui os vemos cando
grupo para um filme tipo «anjos-de-cara-suja»! Paquito, Ramon,

S AIR II

ÀCA - E ARREDORES

COCH DE TIPÓIA QUE NÃO CONSE-
TRÊS TI TAS BRASILEIROS ★ E UM "VI-
MPRID DE SEUS DEVERES ★ A DECEP-
QUE F URAVA EMOÇÕES FORTES NO
OMPO DO DO MUNDO ★ A MOÇA
FF BAR ANJOS DE CARA-SUJA CAM-
★ O P OR MELANCÓLICO DA PONTE
ÃO H STÍGIOS DE CARLITO GARDEL,
ÉTRIC M QUE PREDOMINAM A RUM-
O BOLE E A RANCHERA.

Te fotos de CELESTINO SILVEIRA

o cidad
ade — d
rista ami
ais típicos
. Quem
os lugares
ria — nã
rioca. E
, êle se a
do Mangu
acumbas
z ponto.
mostra a
erida, as
madrugad
a tirage
falta de
beef" e
às dezen
ue êle nã
mas quan
de carac
jeitão sim
e:
s você n
oderno,
grandes
es "mucha
r de gen
s olhos d
de genti
nente, des
ai mostr

o seu mais luxuoso cinema com "shows" magníficos no palco.

Nem mesmo nosso particular amigo Pablo Palitos, cômico dos mais justamente famosos dentro e fora das fronteiras, ídolo de seus compatriotas, nos dá o serviço:

— Não adianta procurar, rapaz. Aqui não há disso.

— Mas... e a famosa Bôca? E os seus botecos típicos? E os seus frequentadores personalíssimos, mesclados de tangos, de rancheras, de guitarradas?

Palitos joga o chapéu sovado para o cocoruto, mostrando um pouco da sua monumental careca:

— Bah! Nada de novo, rapaz. A mesma coisa que você encontra em qualquer boteco do Cais do Pôrto, mais nada...

★

Assim mesmo insistimos. E ontem à tarde, arranjamos tempo para uma escapada à Bôca, fugindo, é claro, a novos "apuntamentos" com esta gente fidalga. Somos três brasileiros à busca de um táxi que nos leve para o lado do cais. Não é fácil: táxi anda tomado de assalto, motivo porque decidimos utilizar um dos velhos fiacres, estacionados na Praça do Congresso. Nestas carruagens valetudinárias, só preferidas por gente de fora que não tem vergonha de circular pela cidade, de cara descoberta, a tração animal, há também relógios tipo táxi. Mas o cocheiro vai dizendo, com seu ar matreiro, que o relógio está quebrado. Não temos porque nos surpreender, de vez que o mesmo dizem com frequência os "chauffeurs" do Rio, mais ainda quando pela "pinta" do freguês, descobrem vestígios de turista.

— Vinte pesos à hora. Combinado?

— Mas preferimos fixar o preço pela viagem, ida e volta. Quanto, amigo?



«CARDIFF BAR», em Pedro de Mendonza 1543, também na Bôca, onde a «señorita» Ketty Zuicer sabe preparar o mais delicioso aperitivo, mantendo as tradições da casa. Nas paredes, retratos autografados de astros do pugilismo, do tango e do cinema. Carlos Gardel em lugar de honra. O pai de Kitty foi lutador de box e a filha dêle herdou, pelo menos, um gracioso espírito desportivo. Ei-la ouvindo «Ay que difícil es», na vitrola luminosa. Em baixo, o «team» invencível dos «pibes» das margens do rio.



fotografado ... ui os vemos ... » ! Paquito, Ra... São atrevidos mas simáticos, impetuosos no ataque e na defe... cando cada qual o mais duro golpe no adversário. Que bom ... mom, Pêpe, Juanito, Pablito e outros, valem quanto pesam!





— Quarenta pesos por duas horas. Por menos — nada. Não há remédio: é aceitar. O tempo urge, a tarde está convidativa para bater chapas, e, mesmo adivinhando o golpe do cocheiro, arriscamos.

E lá seguimos, cruzando ruas e avenidas, sem ligar aos carros de luxo que passam de lado, de onde os ocupantes olham, com ar matreiro, os três ocupantes da tipóia. Lep, lep, chicote no lombo dos muares, lep, lep, a carriola vai se distanciando do centro. Nenhum de nós tem a menor noção do itinerário, razão porque, certamente, o cocheiro vai ganhar tempo. As duas horas combinadas não prometem dar para o serviço, porque já se passaram quarenta minutos e estamos ainda longe, muito longe da Bôca.

Interpelamos o cocheiro:

— Eh, moço! Falta muito?

— Bastante... A Bôca é longe do centro, amigo!

E o chicote continua estalando no lombo dos burricos. Do cais, da Bôca, nem vestigios!

Mas, numa esquina adiante, nossos olhos posam na figura imponente de um "vigilante", tipo acabado dos "policemen" de cinema, irrepreensivel no seu uniforme azul-marinho de botões prateados, o rosto corado, mechas de cabelo alourado saindo do quépi. Solicitamos do cocheiro para estacionar um momento — e nos dirigimos ao "vigilante".

— Eh, amigo! Está longe a Bôca?

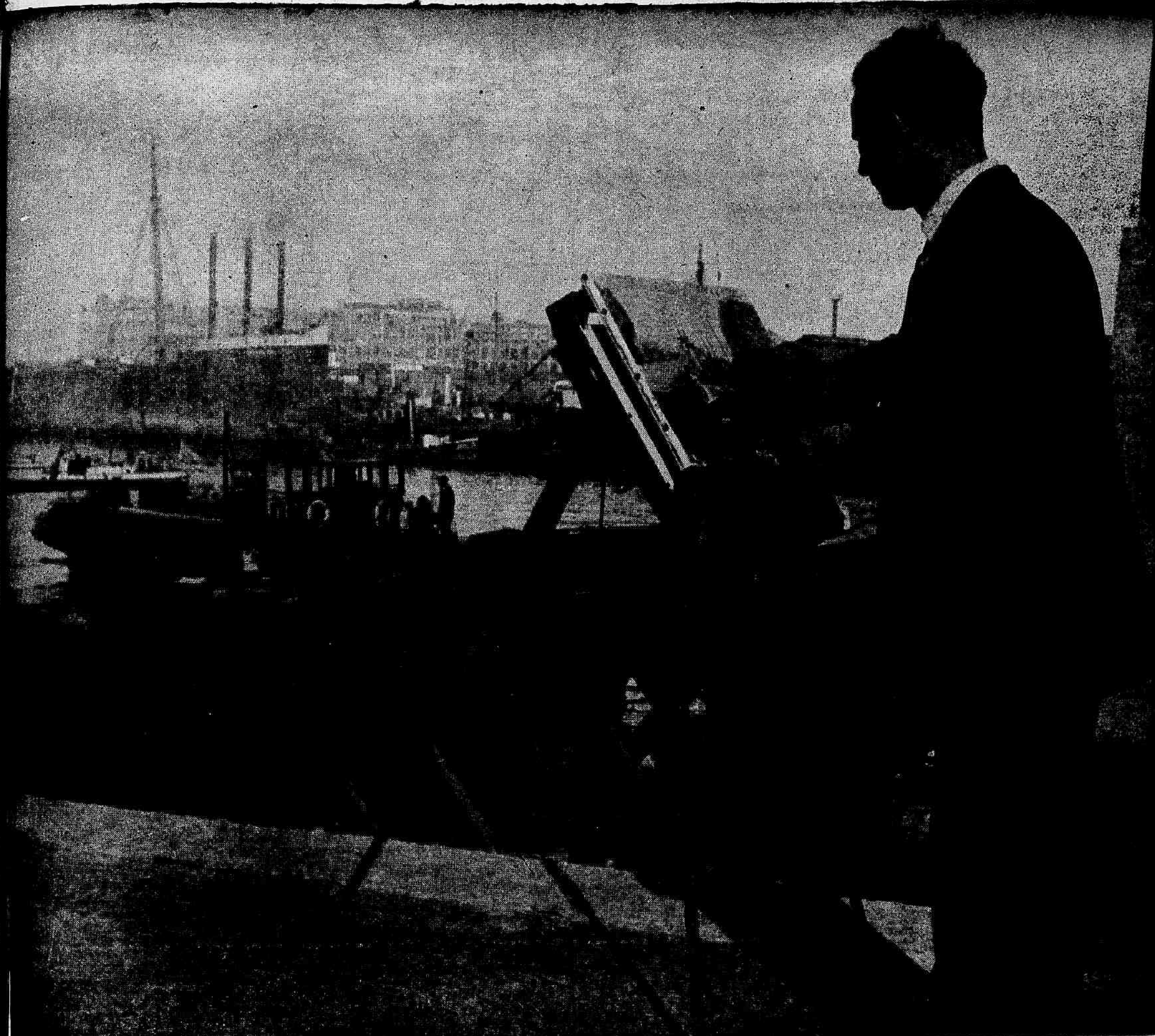
O homem empertiga-se, avança o passo, vem até nós:

— Que diz?

— A Bôca... O Cais...

TIPOS COMUNS que o repórter encontrou nas imediações da Bôca, margeando o rio La Plata, entregues ao seu repouso domingueiro. São homens simples, do trabalho pesado, que alí se reunem para tagarelar e desfrutar o sol da tarde. Quando souberam a nacionalidade do repórter, mais ainda se aprumaram para a pôse. Nada máu, um retrato publicado no Brasil, terra de gente amiga — dizem todos. E apressam-se em perguntar quando será empossado o Sr. Getúlio Vargas. Em baixo, pescadores a linha, esperando que algum peixão cáia no anzol...





PINTORES enamorados dêsse panorama clássico da beira de cáis instalam o seu cavalete na Bôca e fixam, na téla, o panorama bizarro que se oferece aos seus olhos de artistas. Sob a ponte Nicolár Avellaneda, êsse jovem nem dá conta que o repórter bate um flagrante. E continua manejando a paleta subjugado pela variedade das côres de um pôr de sol repassado de poesia. — Em baixo, três locutores brasileiros que foram a Buenos Aires transmitir os jogos de basket-ball: Raul Brunini ladeado por Sérgio Paiva e Waldir Amaral, saindo do «subterrâneo» da Avenida de Mayo.

— Vão "ustedes" para a Bôca... por êste caminho?

O que se passa então, senhores, é qualquer coisa de edificante. Para começo de conversa, o guarda quer saber quem é, de nós três, o "chefe". Desce o "chefe", atendendo ao convite do guarda, e dá-lhe os esclarecimentos pedidos. Êle nos escuta, alarmado. A Bôca? Mas a Bôca, "señores", fica exatamente no sentido oposto dêsse para onde nos dirige a tipóia! A Bôca fica do outro lado da cidade... Assim como se estivéssemos na altura do Leblon pretendendo seguir para a Tijuca...

Compreendemos o golpe do cocheiro: dando voltas e mais voltas, em tôrno à periferia da cidade, mas consumindo muito mais tempo que o estabelecido no preço, iríamos chegar à Bôca noite fechada. Tipo da malandragem comum em tôdas as grandes cidades. Mas não é em tôdas as outras que um "vigilante", incontinente, toma as providências que ali foram adotadas. Depois de autuar o cocheiro, multando-o e apossando-se de sua carteira, o guarda fêz que êle e seu calhambeque voltassem, vazios, para a Praça do Congresso, seu ponto obrigatório. O resto, o pobre homem iria saber mais tarde. Quanto aos três passageiros — vimo-nos sem demora transferidos da vetusta carruagem para o táxi que tanto havíamos procurado e agora requisitado pelo "vigilante", com severas instruções ao motorista:

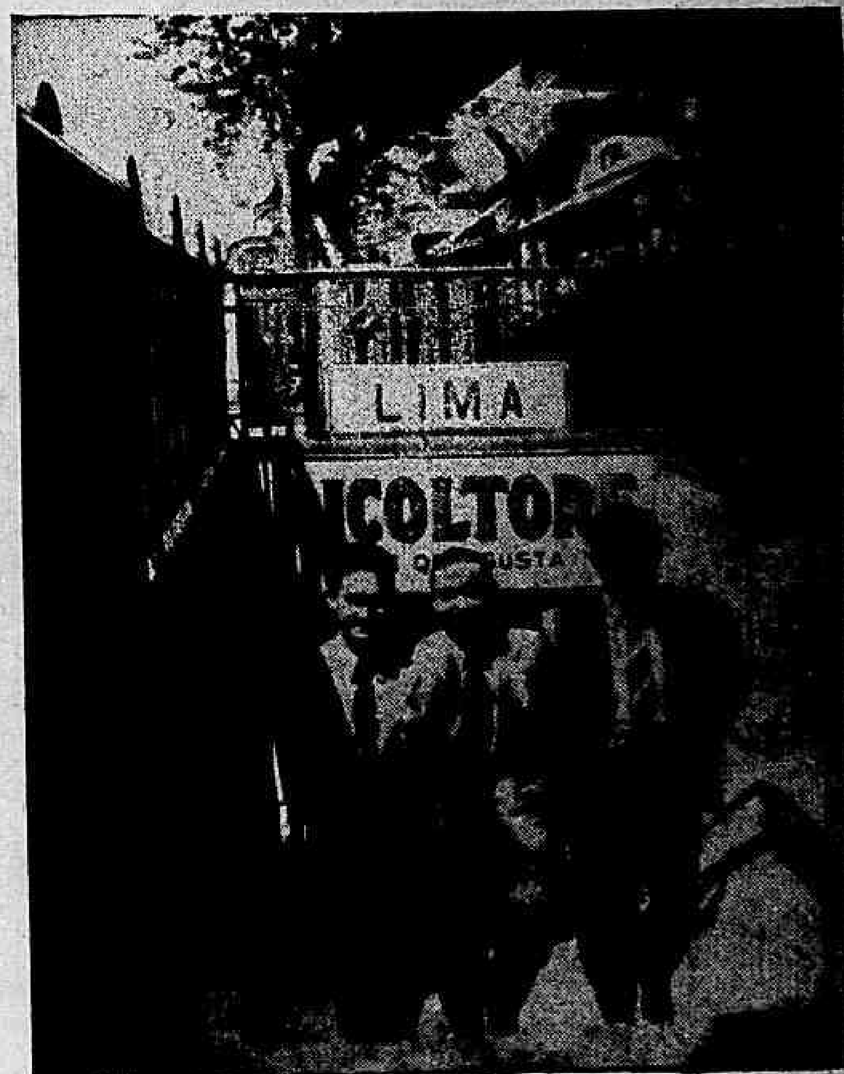
— Ficam sob seus cuidados êstes três cavalheiros... Atente que o número de sua matrícula está em meu poder... Trate dêles com a atenção que merecem — e nada de exploração! Olhe que são brasileiros. E não podemos consentir que gente amiga, de fora, volte para sua terra levando uma impressão desairosa dos nossos serviços públicos...

Não será preciso acrescentar que em poucos minutos estávamos na Bôca, precisamente no local que em pura perda havíamos procurado até então. O pagamento da corrida foi exatamente aquêle fixado no relógio — dez vêzes menor que o combinado com o homem da tipóia.

★

Depois disso, vamos dar a mão à palmatória: Não era a Bôca dos nossos sonhos, a Bôca dos rufiões e tipos malencarados, das musas inspiradoras de Gardel, o que nos foi mostrado — mas um banalíssimo recanto de cais, com os lugares-comuns de tôdas as docas do mundo. Tal como nos preveniam. Mesmo assim, há muito de curioso para ver quando se faz essa visita com espírito de observação. Sob a ponte Nicolár Avellaneda, lá estava o clássico pintor que é tanto da Bôca como das margens do Sena ou até mesmo da praia do Arpoador. Nos terrenos baldios, imediatos, grupos de moleques estilo "cara suja", improvisavam uma equipe de futebol e lutas-livres, posando para a nossa objetiva com uma irradiante simpatia. E, alvoroçados ao saber que seus retratos iam sair no Brasil. No "Cardiff Bar", situado em Pedro de Mendonza, 1543 (vale o endereço), dona Ketty Zueicer, a dona da casa, foi muito amável, retocando seus cabelos côr-de-espiga e o "make-up", para ser fotografada junto à vitrola caça-níqueis. Depois mostrou ao repórter, um por um, nas paredes, os retratos autografados de ilustres figurões do box, do rádio — e particularmente do tango. O "Cardiff Bar" era propriedade do pai de dona Ketty, antigo boxeur, motivo porque ainda por ali se reúnem pugilistas decadentes, bebericando um copo de cerveja que

(Cont. na pág. 52)



Escola sentimental para moças

HÁ seis meses estava ali hospedada; a bolsa de estudos que me trouxera à América não terminaria antes de mais outros seis meses. Tudo era para mim motivo de distração e nêsse dia sentia-me particularmente alegre. Assobiei de satisfação quando contemplei o pequeno ramo que Betty, a copeira, colocára gentilmente em minha mesa. Ao erguer os olhos dei com Miss Ane. Entrára, como habitualmente, muito estirada no costume escuro que a fazia parecer mais sêca e angulosa, o comprido pescoço adornado pela imprescindível gola de seda branca e o pequeno chapéu equilibrado nos cabelos grisalhos. Por um extraordinário pressentimento, eu senti que ela estava diferente. Talvez fosse o brilho de seus olhos perscrutadores que me pareceram apagados nêsse momento. Miss Ane era uma americana de uns sessenta anos, cujas atitudes rígidas e opiniões quase sempre saturadas de grande filosofia, eram o divertimento do hotel. Aquela gente alegre não se interessava, e creio que nem mesmo notava, quanta verdade havia nas palavras e conceitos da velha «miss». Viam apenas o seu rosto anguloso que tomava uma expresão ridícula quando ela falava. Miss Ane percebia isso. Aliás, creio que nada pasasva despercebido aos olhos atentos e esbugalhados de Miss Ane. Todavia, não se alterava, emitia suas opiniões quando achava oportuno e retirava-se em seguida, muito espigada no seu costume escuro, sem tomar conhecimento dos risinhos que explodiam quando se afastava. Como percebia tudo, percebeu também que entre todos os hospedes, eu era a única pessoa que a levava a sério e aproximou-se de mim. Interessante é que, quando estávamos sós, ela nunca dava as suas célebres opiniões. Ficava quase todo o tempo calada, deixando-me falar e inclinando por vêzes a cabeça em sinal de aprovação. Não há quem não goste de falar sôbre sua própria pessoa. Eu não fujo a essa regra e por isso me agradava muito estar em companhia de Miss Ane. Como não aparecesse na sala durante o jantar, fui ao quarto dela.

— Miss Ane, que tem a senhora, está doente? indaguei ao entrar.

— Não, em absoluto. Por que pergunta isso? indagou enquanto me analisava com o «lorgnon» como se nunca me houvese visto antes.

— Porque — respondi um pouco constrangida com aquele olhar — a senhora não foi à mesa durante o jantar...

— Mas, às vezes, não vou à mesa durante o jantar...

Calei-me sem saber o que responder.

Miss Ane apontou-me uma cadeira: — Sente, menina, não importa pelo que você veio, o principal é que veio e eu lhe agradeço.

Sorri-lhe aliviada, enquanto me sentava na cadeira que me indicara.

Começou a andar pelo quarto em longas passadas, pois possuia êsse hábito, geralmente peculiar aos homens, até que, abrutamente, parou diante de mim e indagou:

— Sabe porque eu hoje não pude jantar? E, antes que eu pudesse dar qualquer resposta continuou: — Foi porque tive a certeza de que agi deslealmente, que pratiquei uma «chantage» quando abri a minha «Escola Sentimental para Moças»...

— Escola Sentimental Para Moças?!... exclamei, sem compreender nada.

— Sim, a minha escola. Deveria agora devolver àquelas jovens ou aos seus pais, se ainda fossem vivos, as importâncias que dêles recebi.

E foi da maneira que abaixo reproduzo, que ouvi a narrativa sôbre a mais original das escolas de que já ouvi falar.

★

— Eu tinha, começou Miss Ane, depois de uns momentos de abstração — 15 anos, quando meu pai morreu. Eu e minha mãe fomos para casa de uma tia minha e lá ficamos até que eu terminase meu curso. Com 18 anos e sem dinheiro, resolvi ganhar o meu pão. Nossa cidade era pequena e por isso parti para Los Angeles à procura de emprêgo. Minha mãe ficava até que eu estivesse em condições de mandar buscá-la. Eu era bonita, também fui bonita, e até então minha vida se limitara aos estudos e ao namoro com um primo em segundo grau, namorozinho tolo, que vinha dos tempos de criança.

Quando me vi em liberdade e empregada, lancei-me àvidamente à vida. Um ano depois minha mãe mandava chamar-me; casara-se com um negociante e não havia necessidade da filha continuar a lutar pela vida. Não fui. Jàmais poderia voltar definitivamente a viver da mesma maneira que vivera até os 18 anos. Justamente três meses antes conhecera John, um pintor a quem me entregara completamente. Mais tarde, voltei a morar, durante algum tempo, com minha mãe, onde continuei como se o passado não tivesse existido a ser a mocinha de família. Mas, isso não vem ao caso senão para lhe provar que atravessei por todas as situações na vida; hoje tendo um amante, amanhã um noivo, depois um namoro de colegial, ou vivendo sòzinha, afastada do amor de qualquer homem, completamente esquecida de tais sentimentos, assim, vivi muitos anos. Um dia, já mulher, cheguei à conclusão de que já posuía da vida e do amor conhecimento bastante para traçar com segurança o roteiro sentimental de qualquer jovem de 18 anos. Foi então que me surgiu a idéia de abrir uma escola sentimental para jovens entre 15 e 20 anos.

Com perseverança e entusiasmo organizei o programa para todo um curso e inaugurei a escola. Foi um sucesso estrondoso. As familias mais eminentes de Boston onde eu a abri e a quem mandara um resumo do programa da minha educação sentimental, enviaram-me suas filhas para que pertencessem à primeira turma de moças, no mundo, a serem sentimentalmente formadas. As moças alvoroçaram-se e os rapazes irritaram-se. Tentaram mesmo, me apedrejar em plena rua. Alguns jornalistas de idéias mais avançadas, puseram-se ao meu lado e todos estes incidêntes redundaram em «reclame» para a minha escola que ficou super-lotada.

As minhas alunas foram divididas em três grupos de acordo com as suas qualidades físicas, morais ou intelectuais. Entraram tôdas dispostas a se deixar conduzir pela minha experiência. Porém, os mese e os anos foram passando e uma a uma, me foi abandonando, ou melhor, eu as fui expulsando. Agia lealmente e estava certa de que o que recebia delas era mais em proveito delas próprias do que no meu. Por isos preferia perder uma aluna a permitir que ela se desviasse das normas por mim traçadas para os seus casos sentimentais. Muitas voltavam arrependidas, jurando nunca mais se afastarem de meus conselhos, mas, assim que encontravam outro amor, revoltavam-se com as minhas teorias e preferiram sair a ceder.

(Cont. na pág. 50)



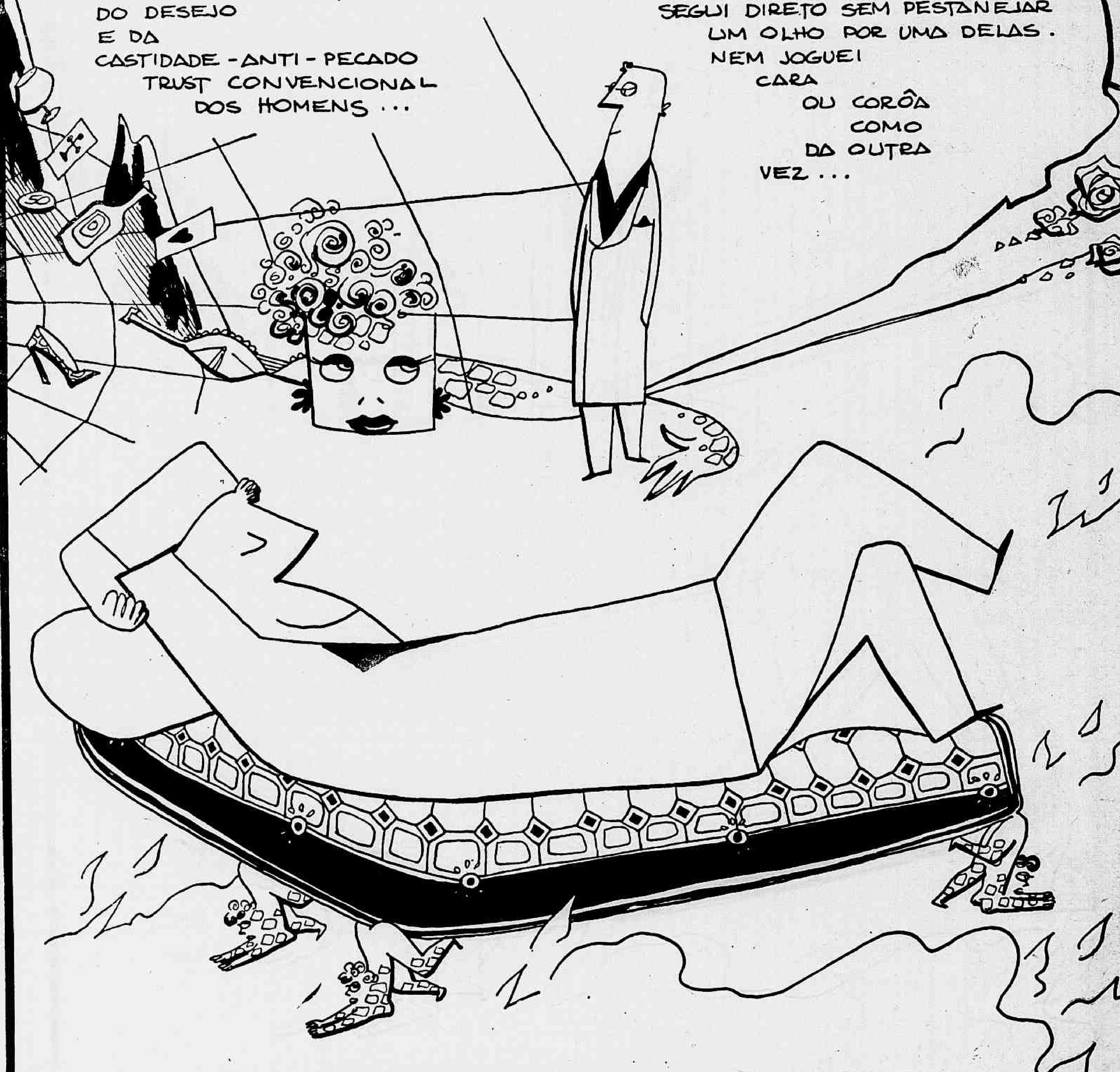
Novela de YVONNE DE MIRANDA

Nicodemus NUMA EDIÇÃO BARATA APRESENTA AQUILO QUE LHE E' MAIS CARO:

O PECADO

UM DIA DÊSSES
ME ENCONTREI
NA BIFURCAÇÃO DAS ESTRADAS
DO DESEJO
E DA
CASTIDADE - ANTI - PECADO
TRUST CONVENCIONAL
DOS HOMENS ...

SEGUI DIRETO SEM PESTANEJAR
UM OLHO POR UMA DELAS.
NEM JOGUEI
CARA
OU CORÔA
COMO
DA OUTRA
VEZ ...



... MESMO PORQUE SE POR PECAR SE PEGA O INFERNO
TRAGO SEMPRE COMIGO AQUI NO BOLSO. A PROMISSORIA DAS
PRESTAÇÕES PAGAS E LÁ UMA CADEIRA CATIVA
DESSAS POLTRONAS - CAMAS ESTOFADA DE MOLAS
RESERVADA COM TODO O MAXIMO CUIDADO
HA MUITO MUITO MUITO TEMPO, AMEN.





OS MARUJOS norte-americanos W.G. Hop e G. Wilson, vieram da Coréia para umas férias na pátria. Mas foram a Hollywood retribuir a Joan Crawford suas gentilezas quando partiram, e a visitam com beijocas e uma braçada de flores lindas.



ÊLES FÓRA DA TELA

A ATRIZ cinematográfica Josette Day, ao assinar o nome no registro civil, em Paris, quando desposava o milionário e industrial Maurice Solvay, que está com um sorriso de felicidade pela coincidência de ser «L'homme du jour», um dos filmes dela.



GRAHAM DALE, artista de Hollywood lançou esta nova indústria: com ovos e processos químicos e petrechos, faz bonecos famosos na política e na arte... Em seguida, Norma



Shearer, com a filha e o espôso, visitando Milão. E por fim, esta velhinha elegante nada mais é do que o conhecido Bob Hope, no papel de «A tia de Carlos», que muito faz rir. ►





AL JOLSON (ao centro) quando se despedia do general Spaatz (à esquerda) e do general Ira Eaker, em sua ida à Coréia para divertir os soldados da ONU. O artista que já estava com 63 anos, fez o primeiro filme sonoro, em 1927, «O cantor de Jazz». Em baixo: a bela artista Collen Towsend que abandonou o cinema para dedicar-se aos estudos teológicos da Bíblia no «Pasadena College», onde adquire cultura e outros sentimentos de viver pelo menos durante o curso.





MAILLOTS DE

HOLLYWOOD vem mais uma vêz por intermédio de suas estrêlas apresentar modelos de «maillots» e «shorts» para o verão. Faith Domergue da RKO apresenta um «short» branco e «sweter» de mangas compridas. June Haver (Fox) com um encantador «short» em linho branco estampado em côres vivas. Coleen Gray, também



BILHETE À MARQUESA DE SANTOS

HOJE me lembrei dêsse belo Museu Mariano Procópio, na cidade de Juiz de Fora, a cidade a que Manuel Bandeira chamou, em um poema — "primeiro sorriso de Minas Gerais"... Êsse museu colocado no vetusto palácio senhorial, em meio ao grande parque, onde na infância coloquei tôdas as personagens de Perrault... Em cujos canais, cheios de cisnes pavlowianos, aos domingos, os namorados passeiam de barco, sob copadas jaboticabeiras e entrançados docéis de bambus, enquanto os "chaperons" — mamães e titias — se eruditam nas salas do Museu, admirando as alfaias e tabaqueiras do Segundo Império e as lindas miniaturas — de Prud'hon, de Madeleine Lemaire, entre outras — da senhora Viscondesse de Cavalcante...

A última vez que visitei o Museu Mariano Procópio, encontrei, entre suas preciosidades mais recentes, além dessas lindas miniaturas, coleção pouco antes ofertada pela Viscondesse de Cavalcante — seis cartas dirigidas pelo Imperador Pedro I à Marquesa de Santos. São, podemos dizer, documentos autógrafos dêsse romance, as cartas de amor do "Rei Cavaleiro" à linda Domitila. Talvez as cartas do Museu Mariano Procópio, uma preciosidade de sua coleção de manuscritos, sejam mesmo os documentos mais confidenciais do grande romance do Primeiro Império. Graças à gentileza da secretaria do Museu, a escritora Geralda Ferreira Armond, posso transcrever aqui uma dessas cartas do fundador do Império, que li na sua caligrafia irregular e na pitoresca ortografia que conservo. Diz assim:

"Meu amor:
..Pela preça não respondo.
Mas vá a cidade e volte cedo pa eu ter ogosto de estar com mecê omais tempo pofsivel. Tem hum presente pa lhe offerta.
Este seu Amte.

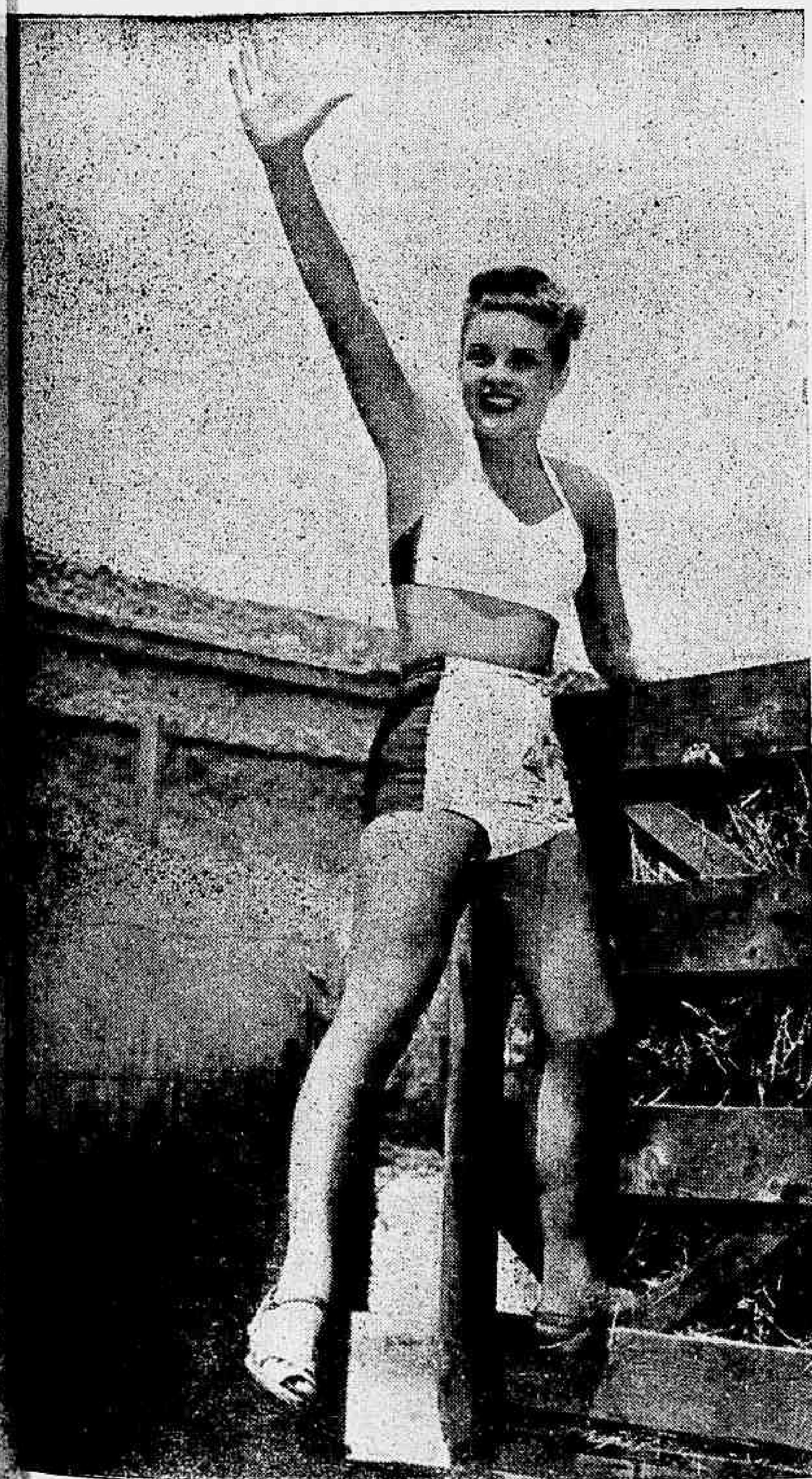
O IMPERADOR

(Cont. na pág. 50)



HOLLYWOOD

da Fox exibe êste modêlo de duas peças com a parte da frente pintada. Jean Peters da Fox apresenta êste «maillot» de duas peças, enfeitado de branco. Em baixo, outro modêlo apresentado pela encantadora Jean Peters, à direita, Vera Ellen da Metro usa êste modêlo em lastex preto, com a parte da frente franzida.







ESTA coleção de modelos em tafetá, apresenta sugestões para tôdas as horas. **Gola e punhos terminando em ponta são as características dêste modêlo com saia godê. Modêlo de costas núas, aberto na frente, com saia franzida. Lindo vestido com saia godê franzida e corpo decotado, com amplas mangas bordadas. Vestido de alças, para noite. Saia bem justa, com uma faixa formando duas grandes pontas.**





EM TAFETÁ



VARIAÇÕES DA MODA









OS trajes de verão variam muito, usam-se modelos simples ou trabalhados, saias e blusas, costumes ou qualquer outra toilette, nas diversas horas do dia. Vestido em seda com plissado no corpo e na saia, grandes bolsos e faixa em tafetá quadriculado. Vestido sem mangas, saia justa com abas casando na frente. Bolero bordado de mangas compridas. Costume de «shantung», duas tiras saem do interior do casaco e dão um laço no decote. Linda blusa em seda branca com a frente trabalhada em rendas e pregas, entre um entre-meio e outro.





TAILLEURS



OS «tailleurs» de verão apresentam o estilo clássico ou não e são confeccionados em várias espécies de fazendas como faile, linho, tafetá, etc. Êstes modelos apresentam várias sugestões de elegância e bom gosto.





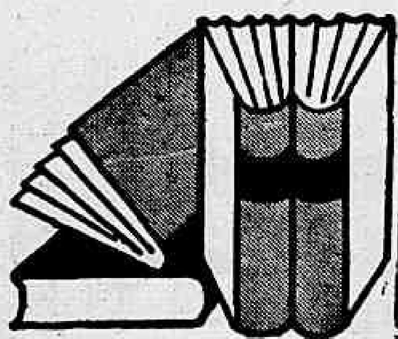


NAS reuniões à tarde ou à noite são muito usados os vestidos sem alças, por adaptarem muito bem à estação. Vestido em faile com o corpo recortado, bordado. Modêlo em tafetá com saia godé, recoberta de organza bordada. O bordado da organza é aproveitado no feitio dêste vestido. Modêlo em jersey com o corpo e a saia drapeados. Vestido justo em cetim, inteiramente abotoado. Na altura do busto forma uma larga prega, debruada de fazenda escura.

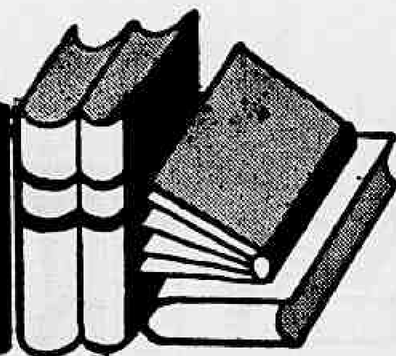




MODELOS PARA O "COCK-TAIL"



SEMANA LITERARIA



EDMUNDO LYS

ALBUM DE FAMÍLIA



MANUEL BANDEIRA nasceu em 1886 no Recife. Fez os estudos primários na cidade natal, e os secundários no Rio, no Colégio Pedro II. Destinava-se à arquitetura, mas por motivo de doença teve de interromper no segundo ano o curso da Escola Politécnica de São Paulo. Esteve na Suiça pouco mais de um ano (1913-1914). Iniciou a sua carreira literária em 1917 publicando o livro de versos «A Cinza das Horas» ao qual se seguiram «Carnaval», «O Ritmo Dissoluto», «Libertinagem», «Estrêla da Manhã», «Lira dos Cinquent'anos» e «Belo Belo». Tem colaborado na imprensa da Capital e dos Estados como cronista e crítico de literatura e de artes plásticas. Em prosa publicou os livros «Crônica da Província do Brasil», «Guia de Ouro Prêto», «Apresentação da Poesia Brasileira», etc. Em 1940 foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras, e em 1946 o Instituto Brasileiro de Educação e Cultura conferiu-lhe o Grande Prêmio Nacional de Literatura.

DICIONÁRIO DE SOCIOLOGIA

NO momento em que aparece no mercado brasileiro de livros um «Dicionário de Sociologia», da autoria do Professor Emílio Williems, parece oportuno mostrar por um exemplo o serviço que se pode prestar a um estudioso. Veja-se uma palavra como «cerimônia», definida nos dicionários comuns da língua apenas como «forma exterior e regular de um culto». Tal definição, embora corresponda ao sentido geral da palavra, não nos auxilia a medir-lhe exatamente nem a extensão nem a profundidade. Eis agora como a define o Professor Emílio Williems: «Ato ou série de atos estandardizados, mímicos ou verbais, aos quais se associa um determinado significado, secular e sagrado. Refere-se a certas situações, ou acontecimentos, pessoas, símbolos ou divindades, em tôrno dos quais um determinado grupo deseja desenvolver, fixar ou conservar atitudes estereotipadas. E' evidente, portanto, que a execução de cerimônias contribui para a «institucionalização» e a formação de tradições. Embora as cerimônias estejam à «convencionalização», é necessário admitir que possam exercer a função de conservar integrada a cultura, ligando o presente às exigências do passado e revivendo acontecimentos e sentimentos cujo significado seria esquecido ou modificado se não existisse essa maneira de repetição rigorosamente uniforme. Embora condicionada a um processo, às vêzes complicado, de aprendizagem, a cerimônia exerce a importante função de facilitar a «conduta» individual. Uma vez aprendida, a cerimônia define, em todos os detalhes, o procedimento a ser adotado em certas situações e com relação a certas pessoas ou símbolos. (As palavras entre aspas têm seu verbete no Dicionário). Vê-se por esta amostra que hoje em dia, quando o vocabulário das ciências sociais está penetrando cada vez mais na linguagem comum, a obra do Professor Emílio Williems tem o seu lugar em tôdas as bibliotecas ao lado dos dicionários gerais do idioma.



Outra charge de Ben, na série de «Les Nouvelles Litteraires: o bazar de Diderot.»

UM POUCO DE... LÍGIA FAGUNDES TELES

LYGIA Fagundes Telles é de São Paulo, tendo estreiado em 1938, recém-saída do ginásio, com o livro de contos «Porão e Sobrado». Ingressando na Escola Superior de Educação Física, diplomou-se no ano de 1940 e iniciou então seu curso na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, bacharelando-se no ano de 1945. Em 1944, publicou seu segundo livro, também de contos «Praia Viva». Casou-se em 1947 com o Professor Goffredo Telles Júnior, lente da Faculdade. Em 1949, publicou seu terceiro livro de contos e novelas «O Cacto Vermelho», lançado pelo Círculo Literário do Brasil. Prêmios recebidos: em 1943, no concurso entre universitários brasileiros, promovido pelo Instituto dos Advogados do Brasil, por ocasião do Congresso Jurídico Nacional, teve premiada sua tese «Reflexos da guerra atual no campo do Direito. Em 1944, com o conto «Os Mortos» obteve o primeiro lugar no concurso universitário instituído pela Academia de Letras da Faculdade de Direito de São Paulo. Em 1949 obteve o prêmio Afonso Arinos da Academia Brasileira de Letras, com o livro «O Cacto Vermelho». Opinião do crítico Sérgio Milliet sôbre o último livro de Lygia: «Eis um livro excepcional da nossa literatura de ficção, comparável aos melhores dêstes últimos anos. Um livro de primeira ordem».





CINEMA E LITERATURA

A famosa peça de Georges Neveux — «Juliette ou la Clef des Songes» — em adatação de Jacques Viot está sendo filmada pelo grande cineasta Marcel Carné. Aqui temos a formosa «Juliette» — a jovem atriz Suzanne Cloutier.

POEMA DE OUTUBRO

Polígono encerrado em si mesmo.
Desvario contínuo, êste será o Cisma da mesma causa.
O Tempo é o da Inconsciência do Crime
repetindo sôbre um só corpo.
Reverência em Londres
(o rei morrerá amanhã)...

Não agora veremos a volta do que foi perdido.
O êrro persistirá antigo na imobilidade do gesto.
Haverá reformadores
que desconhecem o passado das massas.
Não bastará um sorriso
para os perturbados. E outro para os andróginos.

O processo
não se realizou convenientemente.
Apenas correu o murmúrio dos profetas esquartejados.
A covardia derramou-se sôbre o véu percebido.
E o silêncio
não mais se tornou impune
no Tempo do Cansaço...

Peçamos o pecado
que nos prometeram os poderosos.
Deixemos nosso braço com os que morreram outra vez.
Escondamos nosso rosto,
já para sempre carcomido.
Paremos ante os vivos,
suados de perpetrar louvor...

(Do livro inédito: "O Tempo do Cansaço")

FÓRA DO PRELO

ASSIM FALAVA ZARATUSTRA - Nietzsche - Trad. de José Mendes de Souza — 3ª Edição — Edições e Publicações Brasil Editôra — S. Paulo. Na Bibliotéca de Autores Célebres, acaba de aparecer esta tradução do célebre livro «para tôda a gente e para ninguém», de Frederico Nietzsche. Trata-se de uma terceira edição e êste fato basta para recomendar, não a obra, por demais recomendada, mas a tradução que, de fato, é muito boa, conservando o movimento e a densidade da prosa poética do grande filósofo, Zaratustra é uma das mais perturbadoras criações do espírito humano. E admiravelmente escrito. E', sem dúvida um dos livros indispensáveis da humanidade, requerendo, entretanto, sólida base cultural, para ser compreendido e admirado.

A iniciativa desta tradução que recomenda a série, veiu facilitar aos leitores que não sabem alemão ou que só podem lêr em língua portuguêsa, o conhecimento do grande livro de Nietzsche.

★

GRACILIANO RAMOS — H. Pereira da Silva — Editôra Aurora — Rio. O autor dêste ensaio crítico-psicoanalítico sôbre Graciliano Ramos veiu formar galhardamente na nova crítica brasileira, um dos departamentos menos evoluidos de nossa atividade literária. Ainda recentemente H. Pereira da Silva nos dava o excelente estudo que consagrou a Machado de Assis, e, já agora, com o programa de completar uma História de Literatura Brasileira Moderna, nos brinda com êste ótimo e claro estudo da figura singular de Graciliano Ramos, certamente uma das mais significativas expressões de nossa ficção.

O grande romancista que o autor situa muito bem, separando-o dos modernos e, sobretudo, dos modernistas, estava exigindo um estudo como êste, menos superficial e apressado, menos laudatório e menos ôco. Assim, com o anterior e, agora, com êste livro, H. Pereira da Silva nos faz aguardar com justa anciedade a História que nos promete e na qual empregará o elemento novo, para nós, no gênero, qual seja a psicanálise.

O LIVRO ILUSTRADO



Não se trata pròpriamente de um livro ilustrado, mas de um livro de ilustrações — uma seleção de desenhos publicados pela famosa revista inglêsa — «The Yellow Book» compilada por Norman Denny e recentemente editado por Bdley Head. O desenho acima, que é o frontespício da obra, pertence à série que Aubrey Beardsley desenhou para a revista.

Êste estudo veiu trazer uma inestimável contribuição à crítica de Graciliano, um de nossos isolados, talvêz o neoclássico que lhe descobriu, chamando-o apenas clássico, o autor do ensaio que ora temos em mãos e cuja leitura é sem dúvida apaixonante, principalmente porque o grande romancista é um contemporâneo, ainda pouco penetrado, ainda vivendo dêssa crítica fácil de elogios cordeais, mais de emoção que de inteligência e a que dificilmente o crítico pode escapar.

O estilo de Graciliano, tão pessoal e sedutor, na sua secura, o seu regionalismo, tôdas as suas inconfundíveis e aliciantes particularidades, bem como o seu meio, o seu ambiente, a sua época e seu mundo absconso, são revelados pelo ensaista, estudados com uma transparência extraordinária, nêsse estilo simples e agradavel que H. Pereira da Silva possui e que é uma das melhores fôrças de sua crítica, além de sua isenção, de sua simpatia pela missão da crítica, de seu respeito pela obra literária, de sua documentação honesta.

Graciliano surge dêste ensaio mais forte, mais próximo do lugar que deve ocupar entre nossos grandes ficcionistas. E isto vale pelo melhor elogio que poderiamos fazer ao ensaista que está valorizanndo a crítica literária brasileira, até agora fiél aos velhos processos e, por isso mesmo, tão atrasada em relação à nova literatura brasileira, quase tôda ainda por criticar.

★

POEMAS — Cyro Pimentel — Cadernos do Clube de Poesia — São Paulo. Um jovem poeta de São Paulo nos trás êstes belos versos, cuja frescura o tempo não alterou e que ainda hoje, dois anos depois de saido publicado o livro, parecem acabados de sair do coração e das mãos trêmulas do autor, com cheiro de tinta, ainda quentes do prélo. E' que esta é uma poesia que não tem idade, que há de parecer sempre nova, assim, sempre palpitante de sua emoção e de suas claras formas, de seu conteúdo lírico e de suas linhas estruturais. Poesia nova, comovida, sincera, com uma inquietante mensagem, nos seus vôos, na sua fuga permanente para o além da vida, para as serenas regiões que conformam o mundo ideal dêste poeta.

Um têma permanente, quase constante da nova poesia é, por certo o da angústia do poeta diante do perecimento cada vêz mais rápido da vida. Êsse, com certeza, o principal problema da poesia de nosso tempo. O poeta é colocado diante de uma realidade cada vêz mais instável. Não possui mais aquêles valores absolutos em que se apoiavam os poetas antigos. Tudo passa, ràpidamente. Tudo se altera. Tudo é um constante e inquietador vir-a-ser. O mundo exterior é, assim, um contraste hostil, para o seu mundo interior, o seu mundo lírico, que visa objetivar-se em formas, estáveis, fixando emoções profundas o que constitui a própria razão de ser de sua necessidade de escrever versos. Eis, porém, que êle sabe que nada mais se fixa, nada mais pode permanecer em formas, nos limites do mundo exterior, daí se torturando e se martirizando para criar alguma coisa para além do mundo. E' nêsse momento dramático que êle encontra a salvação pela fuga, pela evasão dêste mundo de fatal perecimento

Não se pode condenar, portanto, a poesia que procura fixar sua eternidade para além das estreitas fronteiras de nosso mundo miseravel com suas miseraveis contingências.

Cyro Pimentel é, também, um nostálgico. Nostálgico da eternidade, de um mundo que não encontra na realidade ambiente e que, por isso, êle procura criar no seu lirismo, aí confinando sua emoção, dando-lhe forma, a vaga forma, a vaga música que a tornará permanente, porque ela paira além das mediocres e ameaçadoras fronteiras de nossa realidade.

O problema poderá tornar um pouco hermética uma poesia assim. Essa poesia poderá ser acusada de essencialmente misteriosa e confusa — quando, em verdade, nela, tudo é harmonia, ordem, luz e transparência. Ela quer voar para o infinito, para longe da sempre e, cada vez mais, vil matéria. E' o caso de Cyro Pimentel. Seus versos são por isso alados, na sua temática e na sua forma, arrastando-nos insensivelmente para êsse mundo que o poeta quer que conheçamos, que é a região estranha e serena de suas emoções, o distante horizonte em que êle quer nos comunicar o seu lirismo, os seus instantes de beleza que não podem perecer. E que não perecerão.

★

O U T R O S L I V R O S As Edições Mantiqueira acabam de apresentar em belo trabalho gráfico o livro de Da Costa Santos — «Poemas da Terra e do Mar». Adotando o conceito de Mallarmé: «A poesia é expressão do pensamento entre a linguagem falada e a música», bem como citando Walter Pater, quando fala na «condição musical» da poesia, Da Costa Santos faz, por assim dizer, sua profissão de fé, optando pelas formas tradicionais do verso. E' aqui o lugar para dizer-se que as formas modernas da poesia não excluem a música, embora a metrificação, como era natural, não tenha muito que fazer na poesia moderna, esquecida de tôdas as artinhas metricas, de Boileau e dos d e m a i s mostras de versificação. O poeta prefere os temas pátrios é um lírico, um bucólico, um paisagista: escolhe em geral o ingrato soneto para vasar seus versos e consegue, dentro dessas limitações que estão a tolher-lhe sem dúvida, mais largos vôos líricos, realisar, sua emoção poética.

★

Ainda não constitui um hábito entre nós, ao contrário do que sucede na Inglaterra, por exemplo, a leitura sistemática e permanente dos livros do Velho e Novo Testamento — as Sagradas Escrituras — leitura essa que tão grande influência exerceu e ainda exerce sôbre a literatura dos paises de língua inglêsa. O brasileiro em geral, salvo as exceções ditadas por motivos religiosos, não se dedica habitualmente à leitura da Bíblia, muito embora tenha plena consciência dos valores que encerra êsse monumento da antiga literatura hebraica. E' provavel, aliás, que uma boa parte dêsse retraimento face do livro dos livros, provenha do fato de ser a Bíblia uma obra de vasta extensão material, e, dada a natureza dos seus ensinamentos e dos seus simbolos, exigir de quem a consulta ou penetra, uma atenção das mais absorventes. Vasta, profunda e muitas vêzes difícil, a Bíblia não admite aproximações superficiais, e daí a conveniência, para os não iniciados, da leitura separada das suas diversas partes constitutivas. Atendendo precisamente a êsse aspecto da questão, a Livraria José Olympio Editôra vem de publicar «O Livro dos Provérbios», atribuido a Salomão, na clássica tradução do Padre Antônio Pereira de Figueiredo e prefaciado por Tristão de Ataide. Num volume de bela apresentação gráfica, terão assim os leitores brasileiros oportunidade de um contacto mais intimo e profundo com a sabedoria dos antigos hebreus, facilitada pela independência do texto apresentado em relação as demais partes da Bíblia. Além do «Livro dos Provérbios», a Livraria José Olympio Editôra também já publicou, na Coleção Rubaiyat, o «Eclesiastes», «O Cântico dos Cânticos» e «O Livro de Job», anunciado para breve «Os Salmos» de David.



Flagrante tomado na Academia Brasileira de Letras por ocasião da posse do escritor e jornalista Elmano Cardim, como sucessor do sr. Rodolfo Garcia na cadeira de que é patrono Francisco Adolfo Vernhagen. O novo acadêmico, que foi saudado pelo sr Levy Carneiro, aparece entre o sr. Presidente Eurico Gaspar Dutra e o sr. Claudio de Souza.

★

POESIA FEMININA NORTE-AMERICANA

F U T I L I T Y

(ELEANOR GRAHAM)

I ask myself what difference it makes
Wheter I mar this page with words or [tears —
People grow.weary of a heart that breaks;
People.grow.tired of reading throagh the [years
That love is pain; and beauty, cruelty;
And these are what we live for. Strange [that I
Should go on telling of the inner me,
Knowing my words can only flare and die.

Perhaps an angry witch pronounced a curse
Above my bed the day that I was born.
Why do I not destroy my faded verse?
Why do I cling to something old and worn?
I do not know. But far into then ight
I scorn desire and tears — and write and [write.

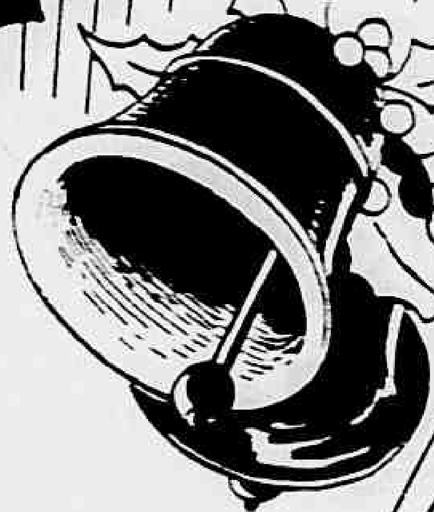
★

MASCARA MORTUÁRIA



Máscara mortuário de Alexandre Dumas Filho

Natal
Festa das Famílias.
Festa da Cristandade



Artigos finos
para cavalheiros
de bom gôsto

Grande e variado
sortimento para as
festas de Natal e
Ano Novo

A
TORRE EIFFEL



Ouvidor
97 - 99



FATIAS DE ARROZ

200 gr de arroz, 1 litro de leite, sal, 2 a 3 ovos, 5 colheres de queijo ralado, farinha de rôsca e gordura. Na véspera cozinha-se o arroz com leite e sal até formar um mingau grosso. No dia seguinte misturam-se-lhe as gemas, o queijo e a metade da clara batida em neve. Desta massa cortam-se fatias que se passam no resto das claras batidas e farinha de rôsca e que se frigem depois em gordura bem quente.

SPETZELI DE FARINHA

1 colher de manteiga, 1 xícara de farinha, 1 ôvo, 1 colher de leite, sal. Bate-se a manteiga muito bem, juntando-se o sal, o ôvo e, em seguida, o leite e a farinha e vai-se mexendo tudo até formar uma massa consistente. Mergulha-se uma colher em água quente e com ela vai-se tirando spetzelis que se deitam na sopa, onde devem ficar por 15 minutos, sem deixar ferver.



KNEDEL DE BATATAS

½ k de batatas cozidas, 1 pãozinho, 1 ôvo ou 2 colheres de farinha, sal, cebola e salsa picadas, um pouco de manteiga. Passam-se as batatas no passador e misturam-se com as cebolas refogadas em manteiga, salsa, ôvo, sal e quadradinhos de pão fritos em manteiga. Com esta massa formam-se knedels redondos que se cozinham durante 6 a 8 minutos em água fervendo com sal. Antes de servir, cobrem-se com farinha de rôsca torrada em manteiga ou cebolas fritas também em manteiga.

BOLINHOS DE MAIZENA COM MÔLHO DE FRUTAS

250 gr de maizena, 2 a 3 colheres de nata, 2 ovos, 125 gr de açúcar, 250 gr de rigota, um pouco de sal. Misturam-se êstes ingredientes, 15 a 20 minutos, em uma travessa. Mergulha-se uma colher em manteiga quente e com seu auxílio vão se tirando bolinhas que se frigem em manteiga. Servem-se com môlho de frutas.

BOLINHOS DE BACALHAU

Tome 300 gr de bacalhau aferventado, passado na máquina e leve ao fogo num refogado com cebola, salsa e cebolinha bem picada. Retire do fogo, junte 150 gr de p... rão de batata, meia colher de manteiga e 4 ovos, as claras em neve. Misture tudo e vá fritando as colheradas em banha quente.

BIFES ENROLADOS COM SALSICHAS

Corte 12 bifes finos, estreitos e compridos. Deite sôbre cada um uma salsicha. A salsicha deve ser mais comprida, passando alguns centimetros de cada lado. Firme com um palito. Faça um bom refogado, junte os bifes, regue com um cálice de vinho, uma xícara de água, adicione duas cenouras em rodelas e leve a cozinhar em fogo brando. Estando macios, tire para um prato e cubra-os com o môlho desengordurado e passado pela peneira.

MÔLHO MAIONESE PARA SANDUICHES

Bata muito bem duas gemas frescas, junte uma colher-de-chá de sal, bata e vá juntando meia xícara de azeite gôta a gôta para principiar, e depois deixando cair por um fio e sempre batendo fortemente com o batedor. Adicione então meia colher de caldo de limão e continue a bater deitando azeite, sempre por um fio, até ter empregado outra meia xicara. Junte mais meia colher de limão, bata algum tempo, e termine com duas colheres de creme de leiteria ou de leite, pôsto aos poucos e sempre batendo. Se ficar mole junte mais azeite gôta a gôta sempre batendo até obter a consistência desejada. Fica muito delicado, especial mesmo. Junte mostarda ou môlho inglês querendo mais picante.

ALMÔNDEGAS

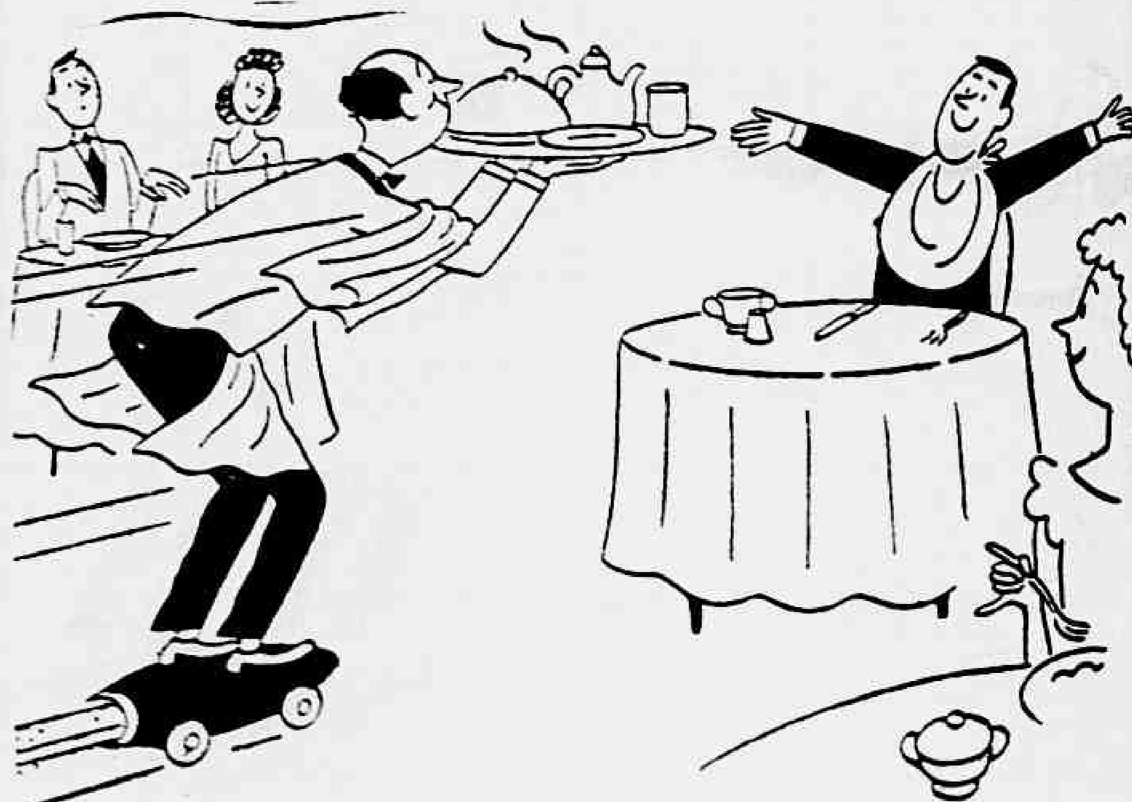
Passe na máquina 1 k de carne sem peles e junte 2 colheres de refogado coado e 2 ovos. Misture bem; faça bolas do tamanho que desejar; passe em farinha de trigo ou em pó de pão, que é melhor, e leve a fritar ligeiramente em banha quente. Faça um bom refogado com bastantes tomates, molhe com 1 concha de caldo e deite as almôndegas, para cozinharem um pouco. O môlho deve ser grosso e farto.

TORTA DE CASTANHAS

180 gr de manteiga, 220 gr de açúcar, 5 ovos, um pouco de açúcar ou essência de baunilha, 200 gr de castanhas, 100 gr de farinha de trigo, 1 colher-de-chá de fermento em pó e meio litro de creme Chantilly.

Bate-se a manteiga, o açúcar, as gemas e a baunilha até ficarem como um creme: adicionam-se as castanhas já frias e por último a farinha e as claras em neve.

Enche-se uma fôrma untada e fo...



NA COZINHA

rada com farinha de pão e leva-se ao forno regular.

Cobre-se êste bôlo depois de frio com o creme de Chantilly batido com um pouco de açúcar e de baunilha, do qual tinge-se a metade com anilina rosa apropriada. Com o auxílio de uma colher ou de um cartucho, enfeita-se a torta, colocando-se nela alternadamente bolas de creme, brancas e côr-de-rosa. Serve-se imediatamente.

FATIAS DE HAVANA

250 gr de amêndoas raladas, 5 gemas, 200 gr de manteiga, 250 gr de açúcar, 3 a 5 gr de canela, 350 gramas a 400 de farinha de trigo. Passam-se duas vêzes as amêndoas pela máquina e misturam-se com as gemas; bate-se então a manteiga com o açúcar e vai-se misturando devagarinho à massa das amêndoas. Põe-se por último a canela e pouco a pouco a farinha de trigo. Bate-se a massa até ficar bem ligada e deixa-se descansar em lugar fresco. Estende-se depois a massa na grossura de 1 centímetro, cortam-se tiras da largura de 6 a 8 cm, pincelam-se com gema, polvilham-se com açúcar cristal e levam-se ao forno regular. Ainda quente, cortam-se tiras de ½ a 2 cm de largura.

ECLAIRES REAIS

80 gr de manteiga, 1/4 de litro de vinho branco, um pouco de casca ralada de limão, 80 gr de açúcar, 150 gr de farinha de trigo, 5 a 6 ovos.

Cozinha-se o vinho com a manteiga, junta-se a casca ralada de limão, o açúcar, a farinha e também os ovos, um a um. Põe-se esta massa em um cartucho de papel e aperta-se, distribuindo-se montinhos dela em uma assadeira bem limpa; assa-se em forno quente. Cortam-se em duas partes, enchem-se com glacé de limão.

Recheio: 2 gemas, 1 copo de vinho branco, 15 gr de maizena, 15 gramas de açúcar e um pouco de caldo de limão. Batem-se sôbre o fogo êsses ingredientes até começarem a ferver; tira-se do fogo e continua-se a bater até esfriar.

ARROZ COM FÍGADO

200 gr de arroz, gordura, cebola picada, salsão, 300 gr de fígado, sal, 5 a 6 xícaras de caldo de carne. Refoga-se o arroz na gordura quente com a cebola e salsão picados. Juntam-se-lhes o caldo de carne e o sal e cozinha-se tudo durante 15 minutos. Pica-se o fígado que se refoga em bastante gordura com cebola picada. Deixa-se frigir até parar de sangrar. Mistura-se êste fígado com o arroz e serve-se imediatamente. Querendo, arruma-se em uma fôrma com o formato de anel e vira-se sôbre um prato redondo.

ARROZ COM CURRY

200 gr de arroz, manteiga, cebolas picadas, 1 colher-de-chá de "curry", 3/4 de litro de caldo de carne. Frige-se o arroz na manteiga, juntamente com a cebola picada e o "curry". Cobre-se com caldo de carne, juntando-se sal. Cozinha-se em fogo brando e mexe-se de vez em quando com um garfo. Por fim, acrescenta-se um pouco de manteiga. Pode ser servido com ovos, frango ou peixe.

SPETZELI VIENENSE

50 gr de manteiga, 70 gr de farinha, 1 ôvo inteiro, e 1 gema, 1 pitada de sal e 1 pitada de pimenta do reino. Bate-se muito bem a manteiga, juntando-se-lhe o ôvo, a gema, sal, pimenta e por fim, a farinha peneirada, devendo esta massa ser batida durante 10 minutos. Esparrama-se esta massa sôbre uma taboinha que se mergulha de antemão em água quente, devendo a massa ficar com a grossura de 1/2 centímetro. Com uma faca, vão se cortando spetzelis bem miudinhos que se vão deixando cair na sopa. Deixa-se que os spetezelis cozinhem durante um minuto.



KNEDEL DE BATATAS

6 a 8 batatas, 1 ôvo, farinha de semolina, sal, 1 colher de manteiga. Cozinham-se as batatas, descascam-se e passam-se pelo passador. Juntam-se-lhe a manteiga, o ôvo, sal, preparando-se uma massa, juntando-se a farinha, e a semolina. Formam-se knedels ovais que se cozinham durante 12 minutos em água e sal. Antes de servir, abrem-se o knedel um pouquinho com dois garfos, no sentido do comprimento e rega-se com farinha de rôsca.

PANQUECAS COM MAÇÃS

Massa de panquecas, 4 a 5 maçãs grandes, açúcar, meia xícara de nata. Cortam-se as maçãs em fatias finas que se juntam à massa das panquecas. Frigem-se panquecas bem finas que se pulverizam com açucar, se enrolam e se colocam, uma junto da outra, em uma assadeira ou prato que possa ir ao forno, untado com manteiga. Por fim, regam-se com nata e levam-se ao forno durante 12 minutos.

OVOS ESTRELADOS COM PEIXE DEFUMADO

Tiram-se as peles e as espinhas de um peixe defumado, que se corta em fatias finas e que se refoga em manteiga quente. Com cuidado, abrem-se alguns ovos sôbre o mesmo, juntando-se sal. Servem-se.

MAKRONEN DE CHOCOLATE

300 gr de açúcar, 250 gr de amêndoas raladas, 125 gr de chocolate em pó, 4 claras.

Batem-se bem as claras em neve, mistura-se o açúcar, as amêndoas e o chocolate em pó. Com o auxílio de uma colher fazem-se desta massa montículos em papel pergaminho untado, assam-se em forno regular e tira-se depois o papel, com cuidado.

BOLACHINHAS DE AMÊNDOAS

180 gr de farinha, 100 gr de amêndoas descascadas e raladas, 100 gr de açúcar, 125 gr de manteiga, 1 pitada de sal, 1 pitada de canela e 1 colher das de café de fermento em pó.

Bate-se a manteiga, mistura-se com os outros ingredientes, e amassa-se tudo depressa com a mão. Deixa-se descansar 1 hora, estende-se com o rôlo na grossura de 1/2 centímetro; com o auxílio de um copo cortam-se rodelas e assam-se em forno médio.

Compre a melhor gordura...



GORDURA de CÔCO CARIOCA



...e terá uma linda lata para mantimentos

PUXE PELO CEREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura superior	Estudante ginasial
De 11 a 15	Cultura média	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 — QUAL DENTRE ÊSTES PAISES O MAIOR PRODUTOR DE ERVA-MATE:
Brasil?
Argentina?
Paraguai?

2 — QUE FEZ EROSTRATO PARA TORNAR-SE CÉLEBRE:
Comandou uma das guerras púnicas?
Lutou contra Alexandre Magno?
Incendiou o templo de Diana em Éfeso?

3 — QUE ERAM OS «CARAMURÚS» NA POLÍTICA DO BRASIL ANTIGO:
Os defensores da volta de Pedro I?
Os primeiros republicanos?
Os amigos dos portuguêses?

4 — QUE QUER DIZER BANDARILHA:
Chefe de bando?
As farpas que os toureiros cravam nos touros?
Enfeite de chapéu de senhora?

5 — QUE É «COLOMBÓFILO»
Os historiadores de Colombo?
O que cria pombos-correio?
Moléstia das veias?

6 — QUAL A ORIGEM DA FRASE CONTIDA NA BANDEIRA DOS INCONFIDENTES MINEIROS, «LIBERTAS QUAE SERA TAMEN»:
Sugestão de Tiradentes?
De um versículo da Bíblia?
De um verso de Virgílio?

7 — COMO CHAMAVAM OS FRANCESES A ILHA DA LAJE NA GUANABARA:
Villegaignon?
[illegible]
Coligny?

8 — ANTES DE CHAMAR-SE PÔRTO ALEGRE, QUE NOME TINHA A ATUAL CAPITAL DO RIO GRANDE DO SUL:
Pôrto dos Casais?
Laguna Grande?
Pampa?

9 — QUAL O PAPA QUE CANONIZOU SANTA RITA DE CASSIA:
Leão XIII?
Pio X?
Bento XV?

10 — QUE COINCIDÊNCIA DE DATAS LIGA O ATUAL REI DOS BELGAS A HISTÓRIA DO BRASIL:
Ter nascido no dia 7 de Setembro?
Ser de 15 de Novembro?
Ou de 13 de Maio?

11 — QUAL A ORIGEM DE DOR «CIÁTICA»:
Excesso de bebidas alcoólicas?
Nevralgia?
Hereditariedade?

12 — POR QUE MOTIVO DERAM A SCIPIÃO PÚBLIO CORNELIO, O APELIDO DE AFRICANO:
Por ter nascido na Africa?
Por ser filho de africanos?
Por ter vencido Cartago?

13 — QUAL O NOME CIENTIFICO DE «PIOLHO DE COBRA»:
Imbuá?
Scolopendra?
Salamandra?

14 — QUE PROFISSÃO EXERCIA O GRANDE ESCRITOR E POETA ESCOCÊS, SIR WALTER SCOTT, ANTES DE DEDICAR-SE AS LETRAS:
Músico?
Artista de teatro?
Advogado?

15 — DE ONDE VEM O NOME SÉ, DADO A IGREJAS:
De S.E. (Sua Eminência)?
Do sobrenome de grande prelado?
Do latim sedes?

16 — QUE QUER DIZER GLANDULA SERICIGENA:
A que secreta substância da seda animal?
A que evita a coagulação do sangue?
A que dirige a circulação cardiaca?

17 — QUE SIGNIFICA SEDIÇÃO:
Domínio de uma pessoa sôbre outra?
Tumulto popular?
Esgotamento nervoso?

18 — QUE QUER DIZER A PALAVRA SEGREL:
Cavaleiro trovador?
Comprador de animais na Idade Média?
Pagem de Reis?

19 — QUE NOME DAVAM OS GREGOS A LUA COMO DEUSA DE SUA MITOLOGIA:
Tetis?
Diana?
Selene?

20 — A QUE DENOMINAVAM OS ROMANOS DE «CALENDAS»:
Ao primeiro dia de cada mês?
Ao conjunto dos meses de um ano?
Aos últimos meses do ano?

(Respostas na página 58)

A VIDA DE ELIZABETH...

(Cont. do número anterior)

Mas havia vêzes, escrevia ela ao pai, em que o pirralho "sentava-se quieto nos joelhos da mãe, ouvindo seu pai tocar piano, apresentando sua boquinha para um beijo cada dois minutos".

E em resposta a tôdas essas cartas, o silêncio. Quando Elizabeth foi a Londres, seu pai recusou-se a vê-la. Ordenou aos criados "dizerem à filha, se alguma vez ela aparecer nesta casa, que eu não estou".

Êsse final repúdio por parte do pai, a quem ela ainda queria com cega adoração, foi um severo golpe para Elizabeth. Sua saúde começou mais uma vez a se debiliatr. Seus pulmões não podiam suportar a aspereza das névoas londrinas. Voltou a Paris, e em seguida à Itália e ao consôlo da sua pena. Apesar do declínio das suas energias, ou antes, por causa dele, pôsto que ela sentia ser seu tempo curto, empreendeu a mais ambicionada de suas obras: *Aurora Leigh*, um romance em verso. A sua própria vida contada com ampla dose de ficção. O enrêdo era fantástico, as situações eram irreais, e os caracteres exagerados. Mas a poesia de *Aurora Leigh*, como a dos *Sonetos do português*, revelava — para Robert Browning —, "uma natureza totalmente angélica, um coração tão divino como Deus jamais fizera".

E muitos críticos concordaram com Browning. Barry Cornwall elogiou-o "mais de cem vêzes como o mais delicado poema já escrito por uma mulher". Walter Savage Landor afirmou que não tinha idéia "de ninguém nesta época que fôsse capaz de tanta poesia... Estou meio tonto com o livro". John Ruskin foi ainda mais pródigo no louvor. "Considero *Aurora Leigh* o maior poema da língua inglêsa, ultrapassado apenas por Shakespeare; mas *não* pelos *Sonetos* de Shakespeare. Portanto, *é* o maior *poema* pròpriamente dito da língua".

Elizabeth leu êsses comentários, sentiu-se devidamente lisonjeada, e meneou a cabeça com um sorriso. A cegueira dos críticos! Aclamavam a luz bruxoleante dos versos dela ao passo que não enxergavam o esplendor solar da poesia do seu marido. Com que estupidez e injustiça, com que desígnios pontificais os *juízes* do mundo distribuíam os benefícios das suas decisões aos *litigantes* do mundo!

Que assim fôsse; ela seria feliz não no brilho da sua própria pequenez, mas na obscuridade da grandeza do marido. "Algum dia", disse, "êles o aplaudirão, a *êle* que vale vinte vêzes mais que *eu*".

Não viveu bastante, porém, para ver êsse dia. Suas fôrças depereciam ràpidamente. Um calmo e resignado esvaecimento, molestado por uma única aflição: o inexorável silêncio de seu pai. Mas afinal êsse silêncio teve um fim. Chegou uma carta do pai, acompanhada de um pacote. A tremer, ela abriu a carta. Era um bilhete dirigido a Browning; curto e incisivo. "No pacote junto vão as cartas que me foram enviadas por sua espôsa. Nenhuma dessas cartas, como há de reparar, foi aberta. Os selos delas permanecem intatos".

VI

Seu pai morreu pouco depois da remessa das cartas. A notícia do falecimento dele causou-lhe um abalo do qual Elizabeth nunca se recobrou.

Browning sentava-se à cabeceira dela. Estavam casados havia mais de catorze anos, que lhes pareciam catorze dias; uma curta lua de mel. Mas essa lua de mel ainda não terminara. Passaram muitos outros dias de poesia e afeição. Era tão agradável repousar deitada sob o amparo dos olhos dele! Estendia os braços para êle, e êle a estreitava. Ela dormia um pouco; e quando acordava, via que ainda estava nos braços dele. Sorria.

— És tão bom para mim, Robert ! — disse-lhe numa dessas ocasiões.

E, quando o sono de novo se apoderou dela:

— Se me pudesse abraçar assim... para sempre...

— Sim, sim !

Elizabeth encostou a cabeça no rosto dele. Mais uma vez fechou os olhos. E quando Robert falou novamente com ela, não teve resposta.

A VIDA DE JANE...

(Cont. do número anterior)

reunião foi um grande sucesso. Uns e outros ficaram igualmente satisfeitos em verificar que os estrangeiros eram exatamente como todos os demais sêres humanos. Agradeceram a Miss Addams por tê-los "curado" dos "preconceitos viciados" que uns tinham contra os outros.

Jane Addams foi a pioneira americana no fundir as diferenças de centenas de nações num único ideal democrático. E agora que os alicerces da sua "sonhada catedral de entendimento interracial" estavam lançados, ela passou à nova fase da construção. Queria ver uma geração mais feliz de crianças e uma estirpe mais pacifica de homens. Por isso começou a agir pela abolição do trabalho infantil e pelo estabelecimento da paz universal.

Na última década do século XIX, o trabalho infantil era uma das manchas da nossa civilização. A imponente estrutura da prosperidade americana fôra parcialmente erguida sôbre as costas das crianças. Nos centros industriais os menores trabalhavam em excesso e eram mal pagos; uma situação aterradora. Alguns de sete anos eram em certas ocasiões sujeitos a catorze horas de trabalho por dia, a quatro centavo por hora. Nas oficinas de costureiros, muitas vêzes as crianças eram postas a trabalhar aos quatro ou cinco anos, arrancando os fios de alinhavo das roupas que seus pais estavam costurando. Muitas eram mutiladas, e não poucas mortas, pelas máquinas em que eram obrigadas a trabalhar sem que fôssem suficientemente crescidas ou fortes para manejá-las.

Jane Addams tinha sentimentos maternais para com as crianças. Fêz da causa delas sua própria causa. Não obstante seus numerosos deveres, atirou-se à investigação dos problemas do trabalho infantil. Tornou-se, na verdade, a primeira autoridade da América no assunto. Conclamando sob a sua bandeira as várias organizações femininas e operárias de Illinois, conseguiu a promulgação de uma lei estadual (1903) que proibia "o trabalho de menores de dezesseis anos antes das sete da manhã ou depois das sete da noite, assim como o trabalho dos menores de catorze anos depois das seis horas da noite". Essa "Medida Jane Addams" foi um bom começo na direção certa. Tornou-se o modêlo de medidas semelhantes em outros Estados. "Se quereis prevenir os males do trabalho infantil", escreveu o *Journal of Education* de Boston, "pegai um exemplar do código de leis do vosso Estado e enviai-o a Jane Addams. Ela vos dirá, melhor do que ninguém no país, se êle é justo".

Na sua sabedoria, Jane Addms planejava não só afastar crianças das fábricas, como também tirá-las das ruas. Um observador contemporâneo reparara: "Num reduzido quarteirão achei setenta e cinco crianças brincando na sarjeta". Miss Addams agiu com o fim de afastá-las das sarjetas e as levar às praças de recreio. Graças ao carinho maternal da "Santa Jane" sem filhos, as crianças de Chicago gozam até hoje de um dos maiores e mais bem administrados sistemas de praças de recreio dos Estados Unidos.

Suas simpatias, "calorosas como os raios do sol, amplas como o mundo", estavam sempre do lado dos "amargurados e deslocados", das crianças cuja possibilidade de educação e oportunidade de serem felizes tinham sido prematuramente frustradas. No seu profundo e delicado livro *O Espírito da Juventude*, ela chama a atenção para o fogo divino que se mantém latente no coração de cada criança. "Podemos ou abafar êsse divino fogo, ou atiçá-lo. Podemos ficar estùpidamente contemplando como êle se apaga no escuro cinzeiro do crime... ou podemos avivá-lo em límpidas chamas capazes de aclarar e iluminar as nossas ruas sombrias". E em milhares de casos pessoalmente cuidou de fazer o fogo divino bruxulear em vivas labaredas. Crianças de muitas nacionalidades vinham a Hull House. Algumas, guiadas por ela, passaram pelas universidades preparando-se para uma profissão. Um número maior delas entraram no mundo dos negócios ou se fizeram operárias. Mas quase tôdas, através da mágica personalidade de Jane, transformaram-se em melhores, mais felizes e mais compreensivos cidadãos americanos.

Americanos compreensivos — êsse era o objetivo fundamental que tinha em vista na sua vida. Paz através da compreensão. Os naturais de muitos países imigravam para a América e nela mantinham relações entre si. Aprendiam a se conhecer e admirar mútuamente. *E a cooperar uns com os outros*. Embora não se pudessem entender nas suas línguas diversas, sabiam interpretar a linguagem dos corações uns dos outros. Perceberam que suas intolerâncias, ódios, falsidades e temores do Velho Mundo nada mais eram do que fantasmas de crianças tôlas. Russos, francêses, italianos, judeus, inglêses, polacos, noruegueses, lituanos, checos, todos possuiam o mesmo desejo, a mesma ânsia comum de sentir o quente aconchego da fraternidade entre um e outro homem. Jane Addams demonstrou o fato de uma centena de nações turbulentas poderem se unir numa comunidade de amigos. Por que não poderia ensinar essa lição vital às nações da Europa, do mundo inteiro? Tratou de iniciar seu novo ensino. Tornou-se um dos mais apaixonados advogados americanos da boa vontade internacional. Parecia-lhe às vêzes uma tarefa sem esperança, mas nunca desanimou. Nem mesmo em 1914, quando viu o mundo imerso em ódio. Nem nos anos seguintes, ao ver o colapso da civilização e o ressurgimento das ditaduras bárbaras e as ameaças fascistas. Porque tinha a paciência do verdadeiro filósofo. Sabia que o caminho para o entendimento entre os homens é íngreme, penoso e demorado. Mas sabia também que, convenientemente guiado, o mundo aprenderia por fim a lição. Era sustida pela imorredoura fé na

"continuidade e na interdependência do gênero humano".

Com o propósito de repartir sua imorredoura fé com os seus compatriotas, pronunciou uma série de conferência contra o barbarismo dos agressores militares e seus assistentes financeiros. Uma de suas amigas descreveu-a então: "Uma mulher um tanto pequena, de rosto moreno, gestos delicados e voz suave... Veste um traje azul acinzentado, simples e elegante... Curva-se levemente enquanto está de pé com as mãos cruzadas nas costas, numa atitude patèticamente infantil, correndo o olhar pelo auditório... Seu rosto é tristonho, embora os olhos sejam luminosos, e os lábios se adaptem prontamente ao sorriso". Uma mulherzinha frágil e pálida, insignificante em tamanho, tremenda em poder magnético. Sua modéstia pecava pelo excesso. Numa de suas conferências, o presidente da assembléia apresentou-a como "o primeiro cidadão de Chicago, o primeiro cidadão da América, o primeiro cidadão do mundo!" Quando ela se levantou para falar, ergueu a mão para silenciar os aplausos; e em seguida, com um tímido sorriso, disse:

— Sinto muito, mas o nosso presidente deve ter querido dizer outra coisa.

VI

Por algum tempo durante a Grande Guerra ela permaneceu quase só. Porque previra, e ousara proclamar, que a entrada dos Estados Unidos na guerra levaria a uma paz provisória. Estigmatizaram-na como sendo pró-Alemanha. Claro que ela não era nada disso. Era simplesmente pró-humanidade. Mas ficou "espiritualmente exilada" dos seus semelhantes pelo pecado de os amar muito. Êsse isolamento espiritual foi para ela como uma prisão. Porque por natureza era uma mulher incapaz de viver na solidão. Sua existência mesma precisava do arrimo do convívio social. Sentiu-se, no seu próprio país, como uma estrangeira. Seus próprios amigos começaram a vigiá-la como se ela fôsse uma criminosa.

Mas ela recebeu os golpes e continuou a proclamar a nova ética internacional. "A nova ética", afirmou num dos seus discursos durante a guerra, "é uma ética impopular". E atraindo essa impopularidade, sentiu-se participante de uma cruzada não menos sagrada do que a feita pelos homens que se alistavam nas fileiras. Os valentes soldados das trincheiras estavam prontos a morrer pela guerra. O fraco soldado da Hull House estava pronto a sofrer pela paz. A êles cabia a coragem de um suplício compartilhado em camaradagem. A ela cabia o heroísmo de um martírio suportado na solidão. Dos dois sacrifícios, qual era o mais duro?

Quando a guerra terminou Jane se deu conta que sua cruzada recém tinha começado. Ela organizara, antes da guerra, a União das Mulheres Americanas Pró-Paz. No turbilhão da guerra, êsse movimento se esfacelara. Com o retôrno dos tempos calmos, porém, os fios foram novamente reunidos, e Jane Addams tratou de os reatar num conjunto mais amplo e em novos moldes. A União se aliou à Liga Internacional Feminina pró Paz e Liberdade, e Jane Addams tornou-se presidente e guia dessa liga. "Os ditadores do mundo vos levarão à luta", afirmou ela, "mas as mulheres do mundo vos levarão à liberdade". Metade dessa profecia veio a ser tràgicamente verdadeira. Mas a outra metade viria a ser, em data não muito distante, *gloriosamente* verdadeira; Jane estava convencida disso. Em 1931 compartilhou, com Nicholas Murray Butler, o Prêmio Nobel da Paz. Doou tôda a sua parte, cêrca de dezesseis mil dólares, à Liga Internacional Feminina. "A causa real da guerra", disse ao fazer a doação, "é a discórdia. Que êste dinheiro seja pôsto a serviço do entendimento entre as nações". Entendimento decorrente da compreensão de que as nações só podem viver em paz se se unirem para se desembaraçarem dos seus agressores individuais.

Êsse pensamento era como um estribilho dentro da sinfonia da sua vida. As crianças da família humana têm sido muito tempo relegadas. O egoísmo dos seus condutores tem se impôsto por muito tempo à ignorância delas. Elas devem ser irmanadas, devem ser educadas, devem aprender a se conhecer umas às outras. "Já é tempo", disse ela, "de têrmos mais familiaridade entre nós".

VII

Na primavera de 1935, ela sentiu uma súbita dor no lado. Os doutores, suspeitando que se tratasse de uma séria infecção, aconselharam uma imediata intervenção cirúrgica. Quando a ambulância chegou para a levar ao hospital, Jane pediu aos médicos que esperassem uns poucos minutos.

— Antes de ir gostaria de terminar o romance que estou escrevendo. Faltam poucas páginas.

E, sorrindo em meio ao sofrimento, acrescentou:

— Seria horrível morrer sem saber como ia terminar o enrêro.

— Deixe de bobagem! Há de viver!

Mas quando a operaram, foi achado um tumor maligno. Quatro dias depois ela morria.

Enquanto estava exposta em câmara ardente, sua "família" — cinqüenta mil americanos natos e naturalizados — veio despedir-se da sua protetora. Muitos choravam e rezavam ao conduzirem o caixão, pois estavam levando para longe deles a Mãe dos Homens que a todos abraçara. Como um de seus "filhos", um trabalhador grego, o expressou: "Ela não de um povo, ela não de uma religião. Ela todos povos, tôdas religiões".

E alguns julgaram ver um tímido e arisco esbôço de sorriso no rosto dela. "Sinto muito, mas êsse bom homem deve ter querido dizer outra coisa".

O HOMEM...

(Cont. da pág. 14)

à hora da Ave-Maria, na Rádio Tamoio. E' uma das mais belas páginas do grande místico e que damos aqui numa antecipação exclusiva.

★

ORAÇÃO DO NATAL

"Jesus, derramai sôbre os homens da terra as vossas bênçãos, neste dia de festas para as almas cristãs; fazei que as vossas lições de afeto sejam melhor compreendidas por tôda a humanidade; que as mães posam ter, nesta data máxima da cristandade, a certeza de vosso amparo para os filhos, que se encontram ausentes; que os filhos, possam sentir na lembrança do sacrifício da Virgem Santíssima, a dor do coração das mães, quando sofrem pela desventura dos filhos; dai a todos a vossa proteção; na choupana ou no palácio, seja uma só a compreensão do amor nos exemplos divinos das vossas sublimes lições; aos que se desesperam, dai calma; semeai amor aos que se uniram pelos laços sagrados do matrimônio, que a luz da esperança se irradie aos desanimados, que o entendimento entre os homens seja confirmado nas bases da vossa filosofia; estabelecei justiça ampla entre os que julgam, para que não se revoltem os julgados; que todos nós possamos meditar profundamente, para que sejam menores as nossas culpas; e que não precipitemos em condenar, sem primeiro perguntar a nós mesmos que é que faríamos no lugar do acusado; que a alegria que desejamos para nós, seja a mesma que o nosso semelhante possa ter; levai a todos os enfermos coragem, para que sôbre êles possam chegar os milagres da fé, que "remove montanhas"; que não faltem aos órfãos a vossa misericórdia para que, no sagrado apostolado da solidariedade — apanágio do vosso coração de pai — novas graças possam ser obtidas.

Jesus, enquanto, na terra, comemoramos o vosso nascimento, inspirai a todos os protegidos da sorte, para que não faltem nos sapatinhos das crianças pobres as lembranças que farão com que haja menos lágrimas na face da terra, pelo menos no dia de Natal e que todos, sem exceção, possam cantar felizes neste dia de união e felicidade para os povos, assim seja Jesus — nosso pai que estais no céu."

CESAR LADEIRA...

(Cont. da pág. 4)

dormido... E' cantarolar baixinho uma canção de amor para o seu filhinho dormir; é dizer poemas com uma ternura na voz que só mesmo as mães sabem ter, tal qual fazia a sra. Renata Fronzi Ladeira, quando chegávamos ao seu lar.

"Dorme filhinho,
Dorme meu amor,
A faca que corta
Dá golpe sem dor."

Dorme filhinho... a noite já acendeu no céu o doce milagre das estrêlas... E sôbre a terra tôda o poder das trevas já baixou triunfante.

Dorme filhinho... teu leito é tão macio e tépido... não têm igual as avezinhas mimosas, não possuem melhor as borboletas frágeis.

"Dorme filhinho,
Dorme meu amor..."

Dorme meu amor... Que importa lá fora a escuridão rasteje como visão disforme... A pouco e pouco no firmamento os anjinhos escondidos descerram as pupilas meigas e douradas.

Dorme meu amor... tu és a vida mesma de tua mãe, seus olhos te fitam, seus lá-

(Cont. na pág. 51)

ESTÁ À VENDA

O Album de "A CENA"

CINEMA-RÁDIO-TEATRO E MÚSICA

À Venda em tôdas as Bancas de Jornais

O ÁLBUM CONTÉM:

— Muitas fotografias coloridas e muitas outras numa só côr, porém tôdas em tamanho grande.
— Fichário completo dos artistas, biografias e curiosidades a respeito dos mesmos.
— Artigos especiais escritos por Alex Viany, Salvyano Cavalcanti de Paiva, Alberto Conrado e Leon Eliachar.

PREÇO: Cr$ 25,00

Pedidos pelo Reembôlso Postal, mediante vale do Correio à Cia. Editora Americana
R. VISCONDE DE MARANGUAPE, 15
RIO DE JANEIRO

BANCO DO COMERCIO S. A.
FUNDADO EM 1875
O mais antigo da praça do Rio de Janeiro
Sede:
RUA DO OUVIDOR, 93-95
TEL. 43-8966
Agência no: DISTRITO FEDERAL e ESTADO DE SÃO PAULO
Seção Especializada para Guarda de Títulos e Valores
★
Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio.



Cristais da Bohemia!

O MAIS SUNTUOSO SORTIMENTO ATÉ HOJE!

Magníficas exposições de cristais, porcelanas, faianças e serviços de mesa

LUSTRES DE CRISTAL DA BOHEMIA

E OBJETOS DE PRATA PARA PRESENTES

Visite as incomparáveis exposições da

Princesa dos Cristais

SETE DE SETEMBRO, 97 e ASSEMBLÉIA, 90.

A 10 metros da Avenida

"Uma caça noturna"...

...sòmente por causa de uma única pulga — é uma grande maçada!



Não se aborreça... Polvilhe sôbre o lençol e o próprio corpo NEOCID em pó... e continue seu sono, tranquilo. Use o pó, que não irrita a pele e não deixa cheiro.

Para pequenas aplicações prefira a latinha de NEOCID em pó

NEOCID

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos

CESAR LADEIRA

(Cont. da pág. 49)

bios te embalam, seus braços te acalentam, seu coração te adora.

"Dorme filhinho,
Dorme meu amor,
A faca que corta..."

O prego que lacera, a pedra que esmaga, o veneno que mata não chegarão ao abrigo rosado de teu berço risonho...

A faca que corta, a inveja que corrói, tudo que fere e faz sangrar a carne, *tudo que punge e devora o coração*... bem longe está, porque sôbre ti vela, incansável e atento, níveas asas abertas, o carinho de tua mãe.

"Dorme filhinho,
Dorme meu amor,
A faca que corta
Dá golpe sem dor."

Dá golpe sem dor... o mau que te pretenda alcançar, a vida se te quiser magoar. Bem protegido estás... bem defendido te sinto...

Dá golpe sem dor a desgraça que te consiga atingir porque, meu filhinho, a dor ficará no coração de tua mãe... no coração que te adora...

"Dorme filhinho,
Dorme meu amor,
A faca que corta
Dá golpe sem dor."

★

Se não nos falha a memória foi Humberto de Campos quem disse que: "— um filho é uma flor humanizada. E um lar sem filhos é como uma casa sem lume". Êste pensamento já não atinge o lar de César Ladeira e sua espôsa, sra. Renata Fronzi Ladeira, pois há precisamente 80 dias que êle se acha enriquecido com o nascimento de uma robusta e vivaz criança — que desde então passou a ser o enlêvo da casa.

Dona Renata deixou o teatro para se dedicar ao lar. Tão sòmente ao lar. E tem sido uma espôsa modêlo — disse-nos César Ladeira. E eu — acrescentou o famoso locutor — jamais pensei que tivesse tanto jeito para lidar com criança. Imaginem vocês que gosto mesmo de mudar as fraldinhas, de dar banho... e de brincar com meu filho.

— Oxalá seja sempre assim — interveio a espôsa. Receio que depois do segundo você mude... como quase sempre acontece com os pais. Nós, as mães, é que não mudamos nunca! Quanto mais aumenta o número de nossos filhos mais cresce o nossa dedicação.

— E como se chama o garôto? — perguntamos.

— César Fronzi Ladeira — respondeu D. Renata. — Foi batizado na mesma igreja em que nos casamos, isto é, no Outeiro da Glória, no dia 7 de outubro próximo passado. Foram padrinhos, minha mãe, Yolanda Fronzi e meu cunhado Paulo Ladeira, irmão do César.

★

Quando chegávamos D. Renata ora cantarolando, ora recitava o poema "Barcarola", de Silvia Serafim, cujo enrêdo é dolente e embalador. E o pequerrucho dormiu logo em seguida. Tivemos que esperar uma hora e vinte minutos até que êle acordasse, para fotografá-lo. Êsse tempo, no entanto, passou depressa e nos deu oportunidade de ver o grande material fotográfico que César Ladeira possui, além das suas excêntricas coleções de cachimbos e raridades. O nosso entrevistado é um fotógrafo-amador notável. O homem entende mesmo de fotografia. Possui três máquinas das melhores marcas, inclusive uma Rolley-Flex. A sua coleção de fotografias é espantosa. Parece até o arquivo de uma grande revista. Em verdade êle tem mesmo um arquivo, onde traz tudo catalogado. Além de um projetor cinematográfico, possui também uma máquina da marca *Kodasli* para pôr em foco as fotos coloridas.

De sua recente viagem à Europa, onde teve ocasião de visitar 8 países, trouxe abundantes flagrantes. E todos bons. Em quase todos aparece a sua espôsa — que até então fôra o seu modêlo. Mas, agora, essa profissão foi outorgada ao filho. E constantemente o anjinho está sendo assustado com os clarões dos "flashs".

Entre os presentes que o recém-nascido ganhou destacam-se uma figa de dente de jacaré que o casal Paulo Magalhães e Heloisa Helena trouxe da Bahia; um ursinho que geme como gente, presente dos artistas Colé e Celeste Aída; uma banheira, lembrança da atriz Beatriz Costa, e um calçãozinho, oferta da loura-atômica Mara Rúbia.

★

Depois, enquanto tomávamos um cafèzinho que a sua espôsa gentilmente nos ofe-

(Cont. na pág. 52)

TERREMOTO!!!

NO MERCADO DE PERFUMES

NOVA TABELA

TIPOS DE PERFUMES	Essências 10 gr. Cr$	Extratos 50 gr. Cr$	Lo- ções ¼ Cr
Crepe A — Super	12,00	22,00	30,0
Madeiras A — Super	12,00	22,00	30,0
Rosa Natural — Super	13,00	22,00	30,0
Jasmin — Super	10,00	22,00	30,0
Violeta B — Super	13,00	22,00	30,0
Q. Fleurs — Super	15,00	25,00	35,0
F. Amor — Super	15,00	25,00	35,0
Mitziko — Super	18,00	25,00	35,0
Arp. S — Super	20,00	35,00	40,0
Tabac B — Super	21,00	35,00	40,0
Tabul — Super	25,00	35,00	40,0
Chan 5 — Super	25,00	35,00	40,0
Nuit N — Super	25,00	35,00	40,0
Cuir R — Super	25,00	35,00	40,0
Narciso N — Super ..	25,00	35,00	40,0
Pretx. Super	35,00	45,00	55,0
Rumores — Super	35,00	45,00	55,0
Escândalo — Super ...	35,00	45,00	55,0
Tabul GR — Super.	35,00		
Flor Maçã LF	50,00	70,00	90,0
Souppless LF	50,00	70,00	90,0
Biarritz LF	50,00	70,00	90,0
Monte Carlo LF	50,00	70,00	90,0
Arabesque LF	60,00	80,00	100,0
Heno del Campo LF ...	60,00	80,00	100,0
Casino LF	60,00	80,00	100,0
Violette Feuilles LF ...	85,00	105,00	125,0
La Rose Rougeatre LF	85,00	105,00	125,0
Champagne LF	60,00	80,00	100,0
Despesas Reembolso ..	9,00	9,00	9,0

Não aceitamos pedidos menores de Cr$ 100,00. Os perfumes marcados LF são legítimos franceses

VENDAS PELO REEMBOLSO POSTAL

A Feira das Essências

Av. Marechal Floriano, 67 — Sob

RIO DE JANEIRO

DEZ CADEIRAS VAZIAS

(Cont. da pág. 20)

de sua senhora mãe, dona Nuta, também derrotada na sua candidatura a deputado. Barlett James possui tudo o que um político de ordinário precisa para se reeleger sempre.

Nas vésperas do pleito, êle dizia, numa roda, que estava reeleito sem sombra de dúvida. Sua derrota foi uma surprêsa, não só para êle, como para muita gente, pois sempre cuidou de manter boa conduta no recinto, e, se não tratou com muita assiduidade das suas relações com o eleitorado, como as urnas mostraram, sempre fez alguma coisa. Tinha escritório montado, alistou, foi autor de boa porção de projetos, ocupou a 1.ª secretaria da casa, fez discursos veementes.

Ora, todos êstes ingredientes é que formam a argamassa de um político, de um candidato, de um eleito. E, para que não se diga que afinal deixou de fazer uma campanhazinha, vale acrescentar que até mesmo uma campanha êle fêz. Quando se pretendeu construir a ponte de Ana Nery, disse muitas vêzes da tribuna que não era possível dar o crédito para tal obra, tendo em vista certos fatos trazidos a seu conhecimento. Os negociantes da localidade teriam influenciado os autores da planta primitiva a ponto de conseguirem que uma segunda fôsse elaborada, substituição que, no dizer do vereador, obedecia aos desejos de uma *caixinha* corrida pela porta dos fartos cofres da localidade. A denúncia pôs o nome do sr. Bartlett James nas manchetes vespertinas e levou o sr. Marques Pôrto, secretário da Viação, a comparecer à Câmara.

Mas sempre foi coisa mais ou menos assente no mundo polít que política não é coisa que se entenda, pelo menos para explic derrota, uma vez que para a vitória geralmente as razões sã aceitas mais depressa.

O fato é que o sr. Bartlett James não foi reeleito. Disse êle e pode ser que tenha razão, o seguinte, à guisa de justificati "Fui vítima de uma notícia divulgada pela imprensa, na véspe da eleição". Os jornais teriam noticiado que as cédulas dobrad anulavam o voto. Suas cédulas eram grandes, não cabiam na sobrecartas sem dobra, e isto levara os seus eleitores a lançar mão à última hora, de outras cédulas, na tentativa de perder os voto Afinal, é uma explicação, mas o sr. Bartlet James, na certa, nã deve estar muito seguro de que sua derrota venha daí. Todavia como tudo é possível em política, talvez algumas sentenas de votos tenham lhe escapado realmente por êsse motivo. Na ver dade, os jornais noticiaram, por engano, que as cédulas não podia ser dobradas.

ARI BARROZO TAMBÉM

Mas o Rio praticou uma grande injustiça, sim, foi deixado de reconduzir à Câmara o sr. Ari Barrozo, um dos bons vere dores de passagem na casa. Para a não reeleição de Ar qualquer tentativa de explicação redunda em nada. Êle foi eleito com mais de seis mil votos, quando ninguém sabia a que espécie de comportamento se entregaria como legislador, uma vez que era até então o dono das mais belas composições musicais de nosso tempo, e o locutor cheio de personalidade, capaz de prender o ouvinte como nenhum outro, quer animando o clássico pro grama dos calouros, quer irradiando as não menos clássicas par tidas de futebol.

Que espécie de vereador seria, ninguém imagina. Seus ano de vereança entretanto convenceram. Foi uma revelação como p lamentar. Ninguém até hoje descobriu onde êle buscava tem para estudar os projetos com tamanha dedicação, e, sendo rela de muita matéria importante, bastando salientar a celebrada re truturação dos oficiais administrativos, revelou perfeito conhe mento de tôdas as questiúnculas existentes no seio de uma da clásses mais numerosa e descontente do funcionalismo público. Apr sentou dezenas de projétos e requerimentos, fêz centenas de di cursos, e por fim não conseguiu se reeleger.

Êle também ficou atónito e quis descobrir uma razão. Soub que nas vésperas do pleito, espalharam subrepticiamente entre o motoristas, dos quais esperava melhor tratamento pelo seu trab lho em benefício da clásse, que fôra o autor de um projéto con o interêsse dessa mesma clásse, projéto êsse que vinha criand sérios embaraços a todos, principalmente aos que não dispunha de garage ou vinham a enguiçar no meio da rua.

Só quem vive em contacto direto com o ambiente político sab o efeito que pode ocasionar um boato maldosamente espalhado par estragar um candidato. À primeira vista não parece nada, c

BILHETE À MARQUESA DE SANTOS

(Cont. da pág. 38)

P.S. Dezejava saber aonde aqui esta a Imperatriz."

Todos os bilhetes são dêsse teor — tanto no que respeita ao amor, como no que diz com a gramática. E um dos detalhes mais curiosos que tive oportunidade de notar, nesta correspondência amorosa, é o de que o Príncipe apaixonado fala quase sempre de um presente, um mimo, uma jóia, que mandou ou está mandando à sua formosa Marquesinha...

Grande e generoso sempre, êsse Pedro I, que tudo conquistou galharda e heròicamente para tudo dar aos outros: fêz o Império e entregou-o ao filho, conquistou a coroa de Portugal, a D. Miguel, para colocá-la sôbre a cabeça da filha, deu ao Brasil a Independência e a Carta, deu à história portuguêsa a página épica da Revolução do Pôrto e deixou à nossa história, com a lembrança de suas estroinices de Imperador Galante, a legenda dêsse romance que é uma rara e apaixonada página de amor na crônica do efêmero império bragantino no solo americano.

LYSE

Para qualquer ponto do Brasil e a Buenos Aires



estranho ao meio poderia imaginar a inocuidade da intriga, mas na verdade há razões de sobra para os políticos militantes se acautelarem de todo e qualquer malentendido a respeito de si mesmos, principalmente quando êsse político pertence a categoria do Ari.

Êle não era um candidato de paroquia, não tinha o que alguns alguns chamam de *sua zona*, não era um condidato no qual o eleitor vota porque foi *trabalhado*. Não. Ari Barroso era um candidato de todo o Rio, porque não há um só habitante que desconheça a sua existência. Contava com os eleitores chamados livres. Quem votou nele da primeira vez não tinha nenhuma razão para deixar de votar na segunda, porque, se em 1946 era desconhecido como parlamentar, em 1950, era por demais sabido que sua atuação só merecia encômios. Mas inexplicavelmente Ari não conseguiu voltar. Foi uma pena.

O HOMEM DO ORÇAMENTO

Outras derrotas eleitorais só vieram empobrecer a Câmara dos Vereadores. O nome de Tito Lívio, por exemplo, se bem que nunca tenha aparecido envolto em sensacionais revelações ou marcada atuação no plenário, como ocorreu com outros sem nenhum mérito, por uma porção de motivos, leva tôda a gente que acompanhou a atividade dêle naquela casa a lamentar sua derrota. Êle é outro que perdeu a cadeira. Mas Tito Lívio foi o homem que acirradamente defendeu os interesses da cidade, muito embora tenha feito isto de um modo mais ou menos anônimo. Foi sempre o vigia do Orçamento.

Tito Lívio é engenheiro, mas se revelou um técnico na feitura da Lei de Meios, e, na presidência da Comissão de Finanças, foi capaz de trabalhar noite e dia para colocar todos os pedidos de crédito no devido lugar, tarefa que lhe valeu sérios dissabores em plenário, principalmente quando tinha de justificar seus pareceres contrários, em meio daquela agitação apaixonada. Andava em busca da melhor solução para os interêsses da cidade e dentro da mais aconselhavel doutrina orçamentária. O trabalho era insano.

As muitas notícias espalhadas nos cabeçalhos da imprensa, falando de sôcos, empurrões e puxadas de revólver em pleno recinto, correra por conta do Orçamento. Uma verba pedida, quando ameaçada de não ser nada, fazia muita gente perder o juizo. Tito Lívio é do norte, sua voz compassada e forte ia respondendo aos apartes com o vigor necessário, mas êle, de natural combativo, nunca saia fora da ética parlamentar bem difícil de ser mantida naquêle recinto. Não descia a retaliações pessoais, como tantos outros, nem prometeu nunca quebrar a cara de ninguém. A história com êle se resumia em saber se a dotação orçamentária era ou não possível de ser dada, permanencia dentro do assunto em discussão, sem fugir à materia. Mas o eleitor comum não sabe nada sôbre essas coisas passadas nos bastidores das lides parlamentares.

OUTROS QUE NÃO VOLTAM

Mas o não das urnas atingiu ainda o sr. Bento Braga, que entrou como suplente do sr. Carlos Lacerda, mas depois se passou para o P. S. D. Homem de atitudes ríspidas e de temperamento um tanto nervoso, o sr. Bento Braga não teve uma atuação muito serena, apesar de ser tido como boa pessoa. Sustentou uma série de debates com o energúmeno Paes Leme, quando êste, apresentou um substitutivo ao projéto que reestruturava a carreira de vigilantes, substitutivo que lhe deu a votação daquêles funcionários. O sr. Bento Braga teve de suportar a conhecida parlapatice do vereador udenista, até que um dia, perdeu a calma, e, apesar de muito mais velho, foi obrigado a dar algumas bofetadas no toefelo P. Leme.

Outro que não conseguiu se reeleger foi o sr. Jorge de Lima, um dos intelectuais que mais se tem desdobrado no trabalho diuturno de tentar todos os gênros. Sua atuação na Câmara foi discreta, e, raramente, tomava parte nas discussões. Comparecia regularmente às sessões. Ocupou a presidência da casa em 1948.

O trabalho do sr. Geraldo Moreira pela sua reeleição chegou a impressionar. Tendo nas mãos um dos jornais mais mal feitos do mundo, mas de qualquer modo um jornal, seria de esperar a sua volta à vereança, ainda mais quando se sabe que êle é um dos getulistas da casa, e o seu jornal publicava todos os dias o rerato do sr. Getúlio Vargas em grandes tamanhos. Alistou milhares, *trabalhou* o eleitorado e foi autor de diversos projétos, indicações e requerimentos. Afinal, seria de esperar que viésse a se reeleger. Mas isto não se verificou.

A sra. Mercedes Dantas, que entrou na vaga deixada pelo sr. Cesário de Melo, está agora de fora. Ela disputava os votos da professoras, pois, sendo catedrática da Escola Normal, sempre se revelou uma entendida em assuntos do magistério local. Foi sempre laboriosa. Apresentou um projéto, conceituando a cegueira para fins profissionais, que trouxe o plenário em longas discussões. Pronunciou grande número de discursos e defendeu proposições diversas com muito espírito público. Nas vésperas da eleição, foi vítima de uma campanha torpe, difundida por meio de prospectos anonimos, que lhe cobriam de insultos. Perdeu, mas, no seu último discurso, confessou que espera voltar em 1955.

MACUMBA

(Cont. do número anterior)

Tonho no esconderijo, com os olhos entupidos de mêdo. O coração decompassado no peito, parecendo querer competir com o batuque dos tambores. Êle sabia que pai de santo tem raiva de branco. Desde o tempo da escravatura branco tem o ôlho da piedade vazado. Branco caçava negro forte na Africa e enterrava negro magro no Brasil. Feitor sentava chicote nas costas de escravo doente. Branco só via com o ôlho da ruindade. Por isso, pai Cipião faz malvadeza para se vingar.

Se o macumbeiro cismasse, o matava ali mesmo. Mas êle tinha de encaminhar a mandinga ao pai de santo. Era o único que dava jeito. Se não o fizesse, a filha do coronel casava com doutor. Êle tinha de arriscar-se.

Tonho afastou os pensamentos maus e foi até onde o fogo devorava a lenha. Pai de santo ergueu o braço cessando o zoeiro. Tinha os olhos miúdos e faiscantes mergulhados no dêle. Parecia querer ler o pensamento do vaqueiro.

Deu uma ordem que foi executada por uma preta velha

Mães carinhosas... e previdentes

confirmam com orgulho:

para as crianças do Brasil só o TÔNICO INFANTIL





Tudo que o delicado organismo infantil exige no período de crescimento... cálcio, fósforo, sais minerais e vitaminas — está incluído na fórmula especial do TÔNICO INFANTIL! Para que seus filhos cresçam sempre fortes, alegres e sadios, dê-lhes o fortificante certo e eficaz: TÔNICO INFANTIL!

O único de fórmula especial para crianças

LUSTRES DE CRISTAL de 26 das melhores fábricas européias para todo o Brasil

Nilo Ribeiro seleciona cuidadosamente, para sua importação diréta o que de mais moderno, elegante e artístico a Europa produz em lustres de cristal fino para ornamentar a sua residência.

VENDAS A VAREJO POR PREÇO DE ATACADO — FACILITA-SE O PAGAMENTO —

Não comprem sem visitar nosso exposição, onde encontrarão técnicos para qualquer orientação.

EXPOSIÇÃO DAS 8 ÀS 22 HORAS

DEPOSITO E EXPOSIÇÃO:

GALERIA SÃO PEDRO

AV. PRINCÊSA ISABEL, 126-D ★ FONES 37-1200 E 37-3428

JUNTO AO TÚNEL NOVO

de turbante na cabeça. Não demorou muito, a "jibonan" voltou com uma tijela de barro contendo alimentos sagrados. Era para êle comer, dar provas de intenções boas, de visita de paz. Continha xinxim de bode, bicho de pena mal assado (ainda com penugem no corpo), tudo recheado com farofa de dendê picando de pimenta. Tonho foi engolindo a comida ràpidamente para não sentir o gôsto. O "babaloxá" não tirava o ôlho dêle. O silêncio doia nos ouvidos, catucava a lingua. Tonho engoliu o entravo e deitou saudação, conforme ensinara o compadre:

— Grande "babalaô", filho de Ogun, valei-me! Valei-me os orixás de Umbanda! — e curvava a espinha em reverências.

A voz grave e cortante do pai de santo estourou nos ouvidos do vaqueiro:

— Fala, Cipião te escuta.

Tonho pigarreou e foi encomendando:

— Pai Cipião, gosto da filha do coronel. Quero me casar com ela. Moça rica não casa com pobre. Quero um remédio para ela gostar de mim. Quero que ela fuja comigo. Compadre Lério me mandou vir aqui. Disse que és um grande "babaloxá". Dava um jeito.

O pai de santo meditou por instantes, sempre com os olhos metidos nos dêle. Por fim, tomou uma resolução:

— Ifá num é deus de branco. Santo de negro só proteje gente dêle: gente desnuda, morrendo de fome. Lério é "cambono" — já foi "cavalo de orixás". Êle pediu, vou "saravá". Mas branco tem de fazer sacrificio. Tem de fazer o despacho antes do sol trazer o dia. Tu tem de pegar chifre de garrote bravo e cortar boneco de gente. Derrama dendê numa cuia e joga chifre dentro. Apois, acende uma vela e reza assim até a vela se apagar na raiz:

"Ifá faz ela me querer
faz ela me querer
ela me querer
me querer
querer".

Faz como mandei e a mulher é tua.

As palavras do macumbeiro eram repetidas em ecos sucessivos, pela mata. Os negros dizem que é Oxalá que faz as árvores falarem.

Muda de tom:

— Agora vorta no pé, Ifá com Ocê!

O vaqueiro olhou ao redor de si. Os "ogans" rigidos como rocha. Só as "feitas" suarentas têm vida. Distribuidos em circulo, torneando a fogueira, negros hercúleos seguram com suas mãos calosas os "caxixes", "xaquexaques", "atabaques" e "cabaças".

Tonho tentou esboçar um gesto de agradecimento. A voz possante do feiticeiro admoestou encurtando a consulta.

Os atabaques soaram como despedida...

Tonho meteu pé ligeiro de volta por uma trilha que êle conhecia na outra banda da mata. Veio pinoteando de alegria, a bôca rasgada num sorriso de satisfação. O caminho desembocava bem em cima do curral. Tonho tomou da ferramenta e adiantou o serviço que a noite já ia alta, o dia não tardava a chegar.

As reses escutavam atentas os cantos chorosos que vinham da bôca dos negros do terreiro. Prendeu Babaô, boi matreiro e temido, de armas assassinas, no poste de sacrificio. A fome comera suas carnes, só tinha osso entumecendo o couro roido de berne. Com o chifre na mão, dendê numa cuia, velas no bôlso, o vaqueiro tocou para a beira do riacho.

A batucada lamurienta dos negros, penetra nos ouvidos, faz fantasmas nos olhos, dá sornice no corpo. Mas branco tem de fazer sacrificio, pai de santo falou. Êle tem as mãos talhadas de faca, os músculos doendo, o coração batendo na cabeça, mas não se arrenega da sorte porque a mandinga está quase pronta e sua vida será acomodada pelo amor da filha do coronel.

Recorda tempos passados, quando seu pai na beira da morte deitou benção na sua cabeça, deixou por sua conta o trabalho na fazenda, a vida dura na lida do curral. O tempo foi passando, êle pegando corpo, a voz metendo respeito à boiada. Ganhou fama de invencivel no desafio, o melhor tocador 40 léguas ao redor.

Nas noites enluaradas, as moças se assanhavam com sua voz quente, profunda, que entrava pelos ouvidos e ficava dentro do corpo, bulindo no coração. Onde quer que Tonho estivesse, havia sempre uma cabrocha requebrando os olhos para seu lado, botando olhares cheios de amor, de quem quer juntamento. Mas êle tinha figa no pescoço, estava protegido de tentação de mulher.

Quantas mulheres o vaqueiro fêz chorar por sua causa, e até homens!?

Foi com o antigo capataz da fazenda. O homem vivia embirrando com êle por coisas à-toa. Fuxicava aos ouvidos do coronel qualquer deslize seu. Fôsse uma vaca perdida, o atraso na entrega do leite, um novilho sem tratamento. O capataz estava tomando conta dêle, era preciso dar um jeito de acabar com aquilo. Mas o cabra era influente, nada se resolveria com palavras. Ficou, assim, uns tempos, matutando como se livrar do homem. Vai lá um dia, a idéia chega na sua mente.

O capataz era casado com uma mulata que conhecera para o Norte. A mulher era um braço no trabalho. Melhor achado êle não podia encontrar. Sua vingança, era botar a mulher de cabeça-virada.

Nos tempos em que o capataz viajava com o coronel, êle ia amolecendo o coração da mulata com sua voz cheia de versos de amor. Compunha cantigas para ela, dedicava-lhe solos de violão.

Dai para diante, a mulher passou a negacear o corpo ao marido, cheia de dengues, um inferno para o capataz. O homem não compreendia a transformação. Tudo tornou-se claro, quando êle a viu nos braços do vaqueiro.

Foi uma noite em que o céu piscava de estrêlas, a lua fazia dia na terra. Tonho, como sempre, marcara encontro com a amante, perto do pé de umbu, junto à cêrca da fazenda. Nos seus colóquios, não perceberam a montaria do capataz, que voltava em missão do coronel, com homens recrutados para o trabalho na fazenda.

Tonho, de uma vez só, desgraçou duas vidas. A mulata morreu com sete espetadas nas costas por obra do marido. O capataz tomou rumo incerto com a policia em seu encalço.

Agora veio a paga. Começou tudo, quando Dalva chegou da capital com anel de pedra preta enfiado no dedo, diploma metido no quadro. Tonho, um dia, viu o corpo da moça se banhando no riacho, e foi como se tivesse visto a mãe d'água — a mulher mais bonita que Deus pôs no mundo. Sentiu uma coisa dentro dêle... (Merecia era apanhar; pobre botando pensamentos em filha de rico). Mas o amor foi crescendo, tomando pé, ficando dono de seu corpo. Hoje, Tonho pena mais com a coisa lá por dentro do que com a sêca que encovou suas faces.

(Cont. no próximo número)

CESAR LADEIRA

(Cont. da pág. 50)

receu, César Ladeira vai até o berço e traz o seu filho, que já havia acordado; dá-lhe um beijo na face e diz:

— Andam dizendo por ai que meu filho vai ser isso... vai ser aquilo. E' bom que esclareça: meu filho será na vida o que desejar ser, isto é, a sua vocação não será contrariada. Poderá ser um advogado, um médico... ou mesmo um locutor — acrescentou sorrindo. A nossa felicidade é imensa! Desejávamos ardentemente que o nosso primeiro filho fôsse homem. E assim aconteceu. Temos ou não razão para estarmos felizes e agradecidos a Deus?

Todavia, D. Renata disse-nos que, embora não tivesse dito ao marido, tinha *quase certeza* que o filho era homem.

A essa confissão que escapou dos lábios de uma *espôsa ainda ingênua* (pois é mãe pela primeira vez) lembramo-nos de Dona Chiquinha — uma senhora lá do interior de Minas e que é mãe de 18 filhos, sendo 10 homens e 8 mulheres.

D. Chiquinha é parteira, ou melhor, "curiosa". Quando *vai pegar* o filho de uma senhora sua conhecida, que é mãe pela primeira vez, e quando a criança é do sexo masculino, ela diz: — "Então, eu não lhe disse?!... Eu sabia que era homem!... pelo que você me disse... Pois quem dá pontapés no ventre das mães são, geralmente, os filhos homens. E eu já levei muitos... já tive 10!"

Não há como a experiência. Que valem as teorias de um Freud, de um Fritz Kahn ou de um Mantegazza ante a experiência de uma mulher que já foi mãe 18 vêzes?!

Elas conhecem, elas sabem que a masculinidade, a virilidade do homem, são manifestadas desde o ventre materno.

Ante o exposto, é preciso que concordemos com o cidadão que, interpretando a Biblia, disse: "O homem é rude, tôsco, grosseiro, porque chegou primeiro ao paraiso; a mulher veio depois, por isso é delicada, terna, aperfeiçoada."

SETE DIAS EM...

(Cont. da pág. 33)

êla mesma, dona Ketty, procura tirar, espumante e «sem colarinho», do barril mais próximo. E nas carcomidas escadas de madeira que vão dar nas águas salobras do rio, grupos de embarcadiços fumam o seu cigarro, discutem questões de serviço e não ligam a menor importância às ocorrências do mundo. Para êles tudo vai na melhor das marés.

À noite, os botecos da Boca oferecem outro aspecto: iluminam-se, estão mais frequentados, aparecem os últimos remanescentes dos gaúchos com as calças bombachas, o lenço de nó-cego ao pescoço e o chapelão de abas-largas na cabeça. Mas são escassos os sons harmoniosos de um tango, porque o tango argentino cedeu a vez ao bolero, à rumba, à ranchera, à música americana. E em vez de guitarradas e concertinas, o que nos chega aos ouvidos é o som estridente das vitrolas elétricas, multicores, com o repertório do dia à vista do freguês, que escolhe o seu programa a trôco de alguns centavos.

Nada de «bas-fond», de perturbações da ordem, de balbúrdia. Tudo regulamentado, disciplinado, limpo. Tal como não o desejaria encontrar um repórter ávido de excentricidades.

Donde se conclui que a Bôca das zaragatas, do mulherio estridente e das serenatas românticas à maneira de Carlito Gardel, amigos, só existe agora nos filmes e nas novelas. Pura ficção. Reminiscências. O que foi — foi, não volta mais.

A Bôca que o repórter encontrou é familiar, bem-comportada, deitando-se cedo porque o labor da manhã seguinte espera a cada um. E o labor é duro!

LÁUREA NO SALÃO...

(Cont. da pág. 27)

humanamente possível para receber a láurea, aproveitar o ensejo que lhe é oferecido e não desmerecer os mestres e o país que o enviam ao estrangeiro.

Dissemos no principio da modéstia de Armando Pacheco, pois até nas fotos evitou ao máximo o cunho de publicidade que poderiam ter, resistindo até o fim para permitir uma pôse na porta de casa, para não despertar a curiosidade da vizinhança. Sempre que podia, pedia o auxilio de sua senhora, d. Marilda ou da filhinha, Vera Lúcia. Seu acanhado atelier, que serve também de quarto de brinquedo para a filha, a sala, onde era preciso desarrrumar tudo para pintar o grande quadro que lhe deu o prêmio, a poltrona amiga, sentado na qual ouvia as primeiras lições de piano de Vera Lúcia e de onde partiu a idéia do quadro, o ambiente eminentemente familiar, simples, e feliz, isso êle quis realçar. Nada de ostentação, de propaganda. Meiguice, amor filial e paternal, enfim, o que os modernistas chamariam depreciativamente de ambiente burguês. Sôbre como sentiu sua vitória, respondeu-nos que maior satisfação intima lhe deu a filha quando, em dias do mês passado, se apresentou pela primeira vez em público, no Conservatório Nacional de Música, sob a competente direção da professora d. Helena Guimarães.

— Quando rapaz, conta-nos, comecei a estudar violino, o instrumento que mais gosto. abandonei-o por gostar mais ainda da pintura. Não sei se fiz bem. O meu desejo é portanto que pelo menos minha filha consiga com o piano encher o vazio que me ficou no coração com respeito à música.

E d. Marilda, a dedicada espôsa reitera que fará qualquer sacrificio para incentivar o marido em sua carreira artística, para corrigir a filha, na mesma atitude severa do quadro, para amparar enfim os dois entes mais caros que possui na terra e ver um dia compensados seus esforços. E' a presença benfazeja da mulher, o anjo da guarda, o esteio de tôda família.

Quanto à pintura, Armando Pacheco revelou-nos que o que mais admira são os realistas espanhóis, de quem segue a orientação. Sôbre o modernismo, respeita-o, mas confessa com tôda a sinceridade que não lhe compreende a «filosofia», por mais que se esforce. Pinta por necessidade intima, quase um vicio, e procura não apenas empregar a técnica de que é posuidor, como também dar todo o sentimento de que é capaz. Sôbre a viagem ainda não fêz plano algum, prefere estabelecer na hora, conforme as circunstâncias. Para satisfazer o pai não deixará de visitar Portugal. Dividirá seu tempo maior na Espanha, por causa dos realistas do Prado, e na França, que monopolisa as atenções mundiais. Pretende visitar a Itália, por considerá-la a base de tudo o que fêz em Artes até hoje, e se houver tempo irá até à Inglaterra ou onde lhe fôr permitido. Reconhecido a quantos o apoiaram na obtenção do prêmio, procurará não deslustrar a confiança que nêle foi depositada, e fará que o Brasil não se arrependa do dinheiro gasto na bolsa que lhe entregou. Só nos resta felicitá-lo pelo sucesso e desejar-lhe felicidade e alcance integral de todos os seus ideais pela Arte, pela Familia, pelo Brasil.

MOMENTOS TRÁGICOS...

(Cont. da pág. 22)

transformavam-se em fantasmas implacáveis; as grandes e pesadas cortinas agitavam-se movidas por um sôpro lento, regular. Seu instinto advertia-lhe que ali havia um perigo espiando com atenção. Imagens aterrorizantes passaram pelo seu cérebro febricitante. Tentou um esforço para dominar a sua agitação.

— E se fôsse examinar as cortinas? — pensou procurando coragem. . Nunca terei tal ousadia.

Onze horas bateu num relógio longinquo.

— Falta ainda uma hora para dar o remédio

(Cont. no próximo número)

ESCOLA SENTIMENTAL...

(Cont. da página 36)

Desta maneira, só cinco permaneciam ao meu lado, quando receberam os diplomas e eu fechei a escola por falta de alunas.

Amava-as como se fossem minhas filhas, pois, moralmente, as considerava geradas por mim. Possuiam tôdas as cinco quase que os mesmos atributos da natureza; eram belas, jovens, inteligentes, pertenciam a boas familias, desprovidas de todos preconceitos, portadoras, porém, de maneiras distintas e incomparavel compreensão da vida.

(Cont. no próximo número)

MULHERES CÉLEBRES

(Cont. da pág. 28)

— Espere um pouco — aconselhou aquêle que tinha mais idade.

E Chiang, ainda na sua juventude, evidenciou-se um mestre na estratégia. Impulsivo e arrojado por índole, jogou com o tempo, esperou quase dez anos. E ao se tornar uma das personalidades proeminentes do mundo asiático, alcançou a vitória.

(Cont. no próximo número)

GRIPES
RESFRIADOS
NEVRALGIAS
DÔRES de CABEÇA
TRANSPIROL

"Ele depende da Sra..."

e a Sra deve confiar na

ÁGUA INGLÊSA

GRANADO

o tônico das lactantes



A SAÚDE DO BEBÊ

O MELHOR "REMÉDIO" DA CRIANÇA DE PEITO

DR. SABOIA RIBEIRO

É sempre preccupação das mães acudir com "remédios" às costumeiras desordens do aparelho digestivo da criancinha acreditando que com isso terá feito o melhor.

Com inteira ligeireza muitas privam o bebê, sob pretextos vários, de seu próprio leite, esquecidas de que, nesse alimento prodigioso, preparado pela sábia natureza, é que está o melhor remédio do pequenino, não só curativo, mas principalmente preventivo. De fato, no leite materno se encerra uma série de recursos que protegem, com grande eficácia, a criancinha contra quase tôdas as doenças conhecidas.

Criada com êsse leite vê-la-emos crescer livre das desordens intestinais, livre das moléstias, ou pelo menos, enfrentando-as sem complicações, tudo isso, de um lado, graças a uma perfeita correspondência do alimento e o organismo do bebê e, de outro lado, a uma boa imunidade assegurada por êsse alimento, rico de principios imunizantes transmitidos pela própria mãe.

Na fase, portanto, da criação, pròpriamente, do petiz, a importância do alactamento ao seio se reveste de uma dupla significação: é alimento e é remédio.

Assegurada, nos primeiros meses, a secreção láctea do seio à criancinha, e cercada esta de certas medidas de proteção, notadamente em relação às infecções acrégenas (hoje m grande parte possivel, com a vacinação profiláctica); dando-se ao petiz ambiente saudável, de ar, luz e sol — terá a criancinha seu desenvolvimento garantido, independente dos remédios que, aliás, na primeira idade devem ser sempre usados com grande discreção, mas, sobretudo, sempre com perfeita segurança e conhecimento.

E por que costuma parar a secreção dos seios, privando a criança de seu melhor alimento?

Múltiplos fatôres podem concorrer para isso, devendo-se notar, aliás, que o preparo do bom funcionamento dessa secreção convém ser cuidado ainda na fase da gestação, e êsse funcionamento mantido, principalmente, já pela boa-alimentação da nutriz, já pela perfeita observância dos horários das mamadas e sua duração. Infelizmente, porém, alguns contratempos, ligeiros incidentes, conduzem não raro a muitas mães a suspender a amamentação do filhinho sem mais aquelas, esquecidas que, no curso dos três primeiros meses, nenhum alimento existe melhor apropriado, e removidos os obstáculos, de ordinário de solução fácil, nenhum gênero de alimentação excede ao natural em comodidade e perfeita adaptação a seu organismo.

Entre os cuidados visando o preparo da amamentação, está, pelo sétimo mês da gravidez, a ablução diária dos seios com água fria e álcool, e ligeira tração sôbre o bico, a fim de fazê-lo melhor adaptável à bôca do pequenino.

E' de si evidente que a gestante desnutrida não se apresenta, ulteriormente, no periodo da amamentação, com uma secreção láctea, quantitativa e sobretudo qualitativa — boa. E' assim, absolutamente necessário, nessa fase, um regime alimentar satisfatório. Nesse período é costume aparecerem os conselhos, criando restrições absurdas, com exclusão de muitos e muitos alimentos. Nada disso. A alimentação da gestante nada prejudica o leite, e exceção feita das bebidas alcoólicas, sòmente facilitará o trabalho dos seios na sua ação secretória futura, no alactamento do pequenino.

Pronunciados estados carenciais da criancinha, ao nascer, são devidos, ùnicamente, ao fato de uma alimentação carenciada da mãe na fase da gestção. Durante o periodo da lactação, a alimentação da mulher exerce a mesma ação primordial sôbre a secreção dos seios. Alimentação variada, a que não faltarão pão (400 gramas mais ou menos), carne (150), leite (meio litro), farináceos (200), verduras (400), frutas (150), algumas gorduras, compotas, etc.

O leite de peito é uma secreção e não uma excreção. Do mesmo modo que não passam nas lágrimas as substâncias que ingerimos, os condimentos, certas comidas fortes, assim também não passam no leite ditas substâncias. Vinagre, alho, pimenta, o pimentão recheado, a lagota, o camarão, saladas diversas, nada disso modifica as qualidades do leite, nem por êle passa, como não passa nas lágrimas. Só as bebidas alcoólicas conta, seja com que nome for. Mas seria êrro pretender aumentar a secreção do leite exclusivamente com o aumento desordenado das refeições ou seu número. Uma das medidas que auxiliam extraordinàriamente isso, é a instituição das mamadas em horas certas.

Criança que mama a tôda hora é criança que acaba fazendo do seio uma espécie de brinquedo ou objeto de vício. Por isso, mal acaba de mamar já o reclama de novo.

Ora, sabe-se que é a sucção enérgica do bebê que excita a secreção do seio, e isso sòmente a criança mamando em horas certas, de maneira que possa sentir, em intervalos regulares, a sensação de fome. Na hipótese, portanto, de a amamentação não ser conduzida com o devido método e observância do horário, verifica-se muita vez o estarrecimento dos seios, o que se dá, com muita frequência, no decurso de poucos dias apenas.

"Desde a primeira mamada, o horário deve ser fixo e inflexivel. A experiência demonstra que, entre nós, os intervalos de 3 horas são os mais acertados, portanto: 7, 10, 13, 16, 19 e 22 horas.

A disciplina é tudo no sistema de alimentação dos primeiros meses. Fazemos nossas estas palavras de um especialista:

"Se o teu filhinho estiver dormindo, deves acordá-lo na hora certa; procedendo assim, terás ao cabo de poucos dias um relógio em casa."

Se fizeres o "corpo mole" nos primeiros dias, haverá poucas probabilidades de recuperares o tempo perdido.

Durante a noite não mamará sob nenhum pretexto.

No verão, em noites muito quentes, é permitido dares um pouco de água ou chá sacarinado para mitigares a sêdo do pequerrucho" (Chiaffarelli).

E' incrivel como uma criança se subordina depressa ao nosso plano alimentar e é inverossimil como ela adquire todos os vícios com rapidez vertiginosa. Se a dominarmos na primeira semana, a sua existência passará, por assim dizer, despercebida; se ela conseguir impor suas vontades estaremos irremediàvelmente perdidos e nunca mais teremos um minuto de sossêgo, passando a viver em pleno estado-de-sítio.

CORRESPONDÊNCIA DAS MAES

J. F. Barra Mansa — O tempo de cada mamada é quase sempre regulada pelo próprio bebê: fim de uns 15-20 minutos êle larga espontâneamente o seio e adormece. Nos 5 primeiros minutos o bebê mama 2/3 da quantidade total do leite, nos 5 minutos seguintes 1/4, e mais 10 minutos completa o restante. Além, portanto, de 20 minutos não deve ir a mamada, no máximo.

M. C. — Nesta — Dê apenas um seio em cada mamada, se tiver leite abundante, ou os dois, se o leite não fôr demasiado (10 minutos cada). Lembre-se que o esvaziamento incompleto do seio contribui para a rápida estagnação do leite e consequente diminuição da secreção. Sentindo que o leite aumentou, faça por dar um seio sòmente.

S. M. Nesta — Se o seu filhinho costuma vomitar durante a mamada, a causa pode ser uma deglutição de ar ao mesmo tempo. Experimente, portanto, fazê-la arrotar, pondo-a em posição erecta uma ou duas vêzes durante a mamada.

Se o vômito vem após as mamadas, faça o mesmo que também costuma dar bons resultados. No regime de mamadeiras aplica-se igual procedimento.

CORREIO DA REVISTA

Walter B. Maia — Pôrto Alegre — Queira ter a bondade de citar os nomes dos seus trabalhos, pois os catalogamos pelos títulos e não pelos autores.

Gilvan Lemos — Recife — Recebemos o seu conto «Ave Maria» e o entregamos à Comissão Julgadora. Aguarde.

Antônio Andrade de Oliveira — Capela — Sergipe — As poesias de sua autoria chegaram ao nosso poder: mas, como esta Revista não tem nenhuma seção de versos, deixam de ser publicadas. Em virtude de possuir o amigo inclinação poética, recomendamos que procure adquirir cultura literária, primeiramente, a fim de conseguir produção eficaz.

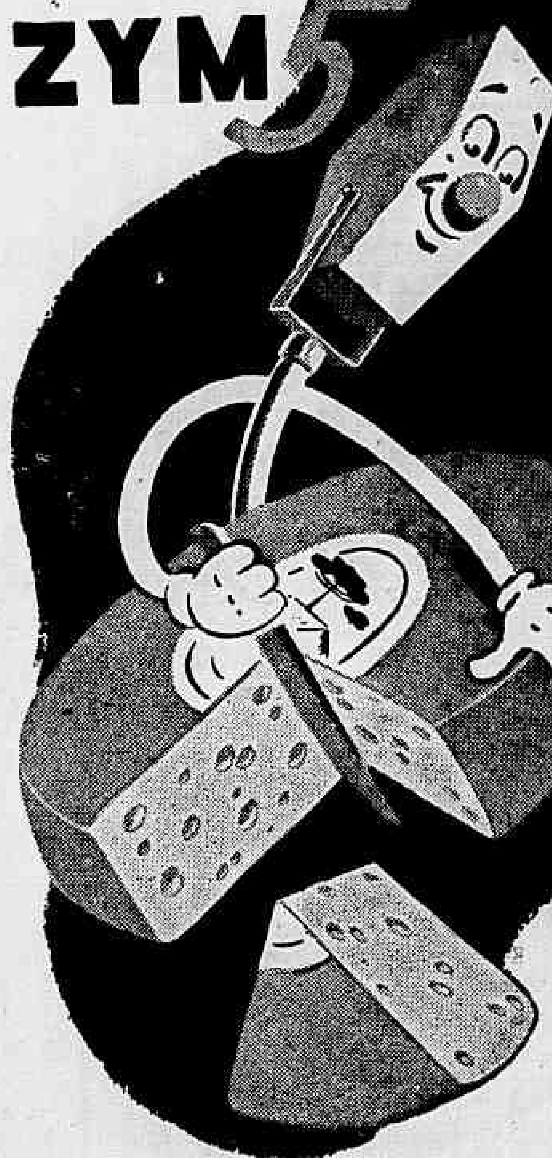
F.D.G. — Manaus — Não foi adiante o seu «Prodigalidade». O argumento não ajudou.

J. de M. — Rio — Não foi possivel conseguir aprovação para «Uma lufada os separou». Recomendamos fazer um curso de língua vernácula, a fim de que a forma literária não seja prejudicada. Não basta a inspiração.

H.S. — Rio — Interessante o seu conto «Relato». O que o prejudicou foi o português muito cheio de erros. Não descure do seu idioma pois um trabalho literário que deixa má impressão no leitor, é «amigo da onça» contra o autor.

F.P. — Rio — Não procure dar aos seus contos os tons eruditos que seriam toleráveis na oratória e em certos «momentos solenes». Mas não há de ser nada. Refunda o «Alma metamorfoseada» (a começar do título) e volte, querendo.

ZYM 5



No Rádio de CURITIBA, 75,7% dos ouvintes de Rádio são da

RÁDIO GUAIRACÁ

Sim senhor, isto é o que se chama estar com a faca e o queijo na mão!

Recente pesquiza de audiência levada a efeito em Curitiba, demonstrou que a ZYM 5, Rádio Sociedade Guairacá, possue 75,7% dos ouvintes da importante capital do Paraná.

Não para aí a influência e a preferência da ZYM 5, pois seus 10 Kw. de potência levam seus excelentes programas a todo êsse Estado sulino. E tal é a soma de seus serviços radiofônicos e o conceito de suas opiniões, que em S. Paulo e outros Estados, embora em menor intensidade, conta também a ZYM 5 numerosos e assíduos ouvintes.

Curitiba é hoje uma das mais importantes capitais brasileiras, cujo desenvolvimento em rítmo acelerado, tem suas bases na sólida prosperidade da produção e exuberância das terras de todo Estado.

Por essas razões, a Rádio Guairacá põe ao seu alcance milhões de consumidores numa das mais ricas regiões do país.

Representantes no Rio de Janeiro
«SEURADICO» — Rua do México, 41
Fones: 32-1086 e 32-0356

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº .....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

A NOIVA QUE NÃO QUERIA CASAR





Como não poderia relembrar-me daquele primeiro beijo. Mas a notícia da morte de minha pobre amiga Marcia me gelava o coração. A recordação daquele beijo me enchia de emoção, e, por uns momentos, aquela lembrança me emocionou um pouco.





ESTA INDIFERENÇA DE KAREN ERA SINTOMA DE QUE OUTRO AMOR JÁ ESTAVA À VISTA?













Tudo isto aconteceu

...primeira vêz em céus sul-america... filme cinematográfico foi proje... para os passageiros de uma nave aé... fato ocorreu no dia 4 de novembro a bordo de um «Strate» clipper da American World Airways que faz o ... «O Presidente» (avião de dois an... entre Nova-York e Buenos Aires. ... pavimento superior, teve lugar a «première» do filme argentino «Na...», da Sonofilmes Argentina, produ... em Buenos Aires com interpretes nor...ricanos. Quando o luxuoso clipper ... a róta Montevidéo-Rio a seis mil de altitude (18.000 pés), e depois ... lauto banquete, foi dado início à ...ão. Estavam presentes, como con...s especiais, René Petit de Murat, «La Nacion», Patricia Palmes, de «El ...», Margarita Payne, de «La Razon», ...o Covarrubias, de «Clarin», Hugo Ro... de «El Dia», e entre os confrades bra...s, o redator-chefe da REVISTA DA ...NA. Também se encontravam a bor... Richard Wright, autor do «best seller» ...originou o filme e protagonista da pe... Glória Madison, «estrêla» do mes...lme e Joan Wallace, que integra o ... assim como os produtores Jaime ...s e Attilio Mentasti, que acompanha... «Native Son» até os Estados Unidos ... vai ser lançado.

CINEMA A SEIS MIL METROS



A téla, para projeção em 16mms., fica na parte frontal da cabine superior, por onde passa a tripulação com destino às suas dependências. O equipamento de som está no corredor.

Ao contrário do que se poderia esperar, o ruido dos motores de nenhum modo prejudica o som do filme: o primeiro é amortecido naturalmente a grande altura, e o segundo, afinado para êsse fim especial, dominava por completo qualquer outro barulho. A projeção transcorreu com a mesma regularidade que se fôsse feita em um salão cinematográfico, e alguns passageiros que desconheciam essa inovação, fôram com ela muito agradavelmente surpreendidos. A partir de agora, os passageiros dêssa linha aérea serão habitualmente distinguidos com sessões cinematográficas no curso da viagem entre os Estados Unidos e o nosso Continente. Não deixa de ser aprasível, para quebrar a monotonia dessas excursões, a novidade que agora lhes oferece a Panamerican, embora muitos atrativos se encontrem a bordo, inclusive um excelente «bar» americano no pavimente inferior. Nêle se reúnem em tertúlia amável senhoras e cavalheiros, fumando e servindo-se de «coocktais», lendo as últimas edições dos jornais de ambos os continentes e admirando, através das amplas janelas de bordo, o panorama sucessivamente renovado. Em menos de quatro horas depois de «O Presidente» ter levantado vôo de Montevidéo, os convidados da Panamerican eram surpreendidos com outro espetáculo, também arrebatador e êsse feérico, imponente: a visão noturna, luminosa e invejavel, da baia da Guanabara. Nessa altura ainda o filme estava longe da parte final, motivo por que a tripulação viu-se na contingência de sobrevoar uma vêz mais a cidade para dar tempo a terminar a projeção. Convém frisar que desde quando o colar luminoso da Guanabara foi distinguido de bordo, alguns passageiros-espectadores viram-se atordoados, sem saber a qual dos espetáculos dar as preferências: na pequena téla da «cabine», solucionava-se o drama angustioso de Richard Wright, enquanto lá em baixo repontava a visão arrebatadora da mais bela capital do mundo...



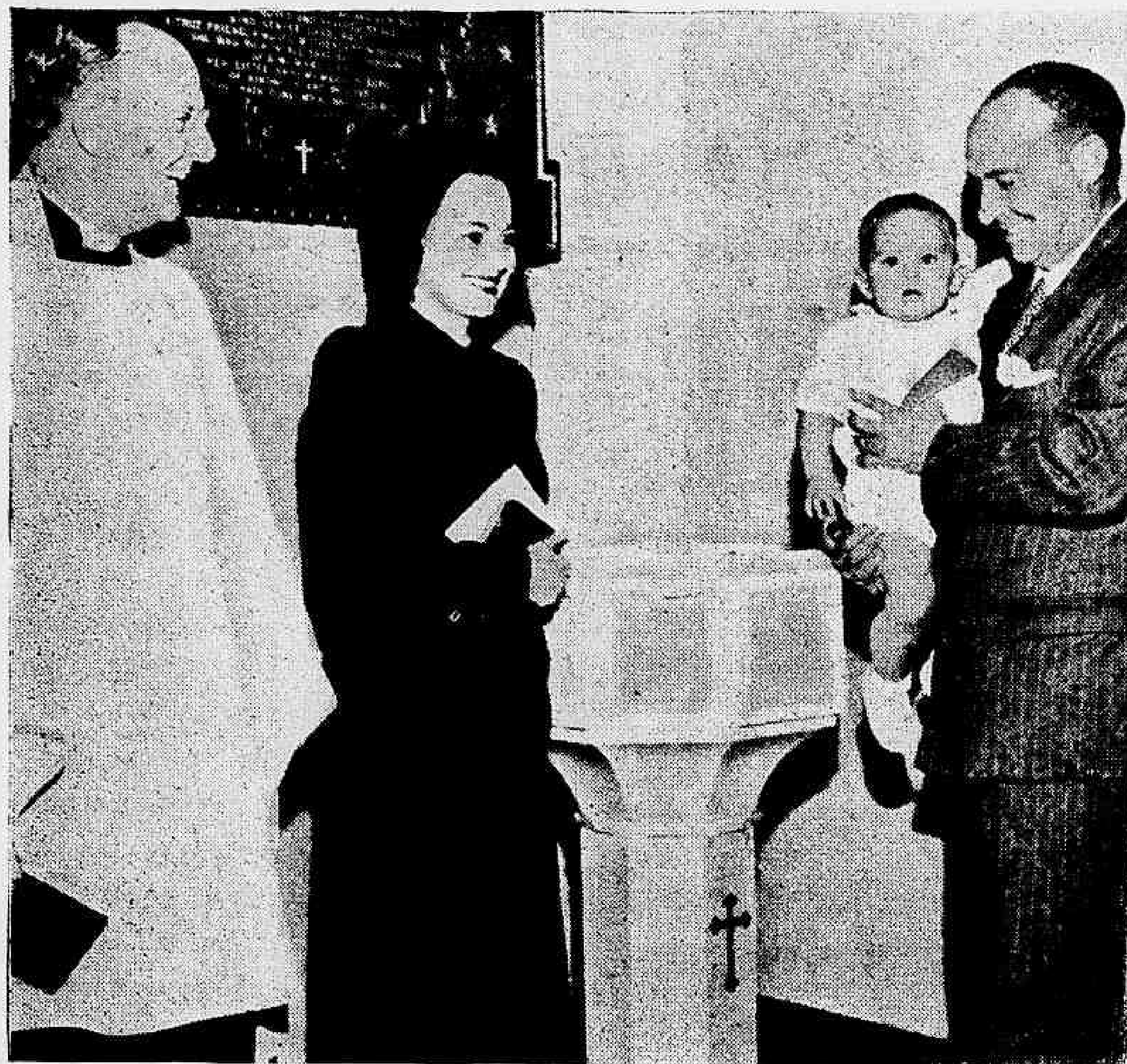
...quina de projeção é situada bem ao centro da cabine, de modo a não prejudicar a vi... dos passageiros, que se instalam em cômodas poltronas. Mas ninguém ferrou no sôno.



Attilio Mentasti e Jaime Prados, produtores de «Native Son», viajaram de Buenos Aires a Nova-York junto ao filme que vai ser ali estreado. E as aéro-moças gostaram do espetáculo.



Quatro horas depois de «O Presidente» ter levantado vôo de Montevidéo, repórteres e cinematografistas desembarcavam no Galeão, depois de um lauto jantar regado a «champagne e uma sessão de cinema.

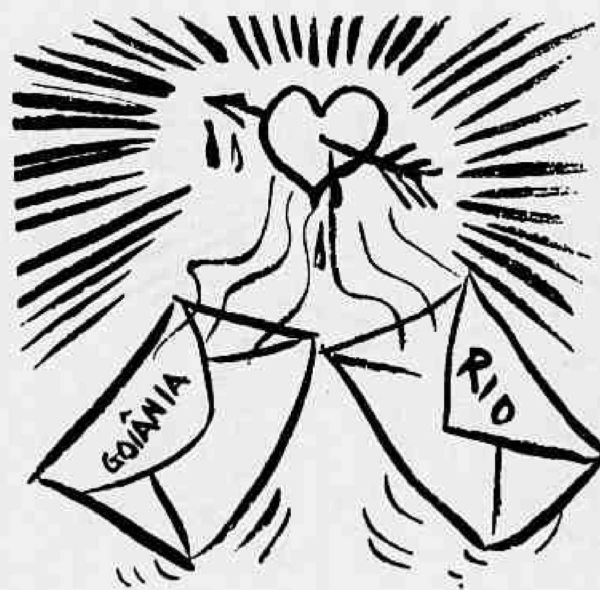


A FORMOSA E GRANDE ESTRÊLA de Hollywood Olívia de Havilviland numa igreja de Santo Antônio, no Texas, em companhia do espôso, o escritor Marcus Goodrich, leva à pia batismal o seu pimpôlho Beniamino Briggs Goodrich, já de um ano de idade. Olívia não teve muita pressa em batizar o garotinho; mas, como o padre que vemos à esquerda é tio do «bambino» e vivia insistentemente a reclamar o batismo do garôto que continuava pagão. E' interessante lembrar, porém, que isso é muito de uso na América, isto é, só batizar na igreja católica, as crianças com um ano ou mais.



UMA FOTO DO EX-CAMPEÃO mundial de box, Joe Louis, na trágica noite de 27 de Setembro p.p. no tablado do Yankee Stadium, em Nova York. O afamado «Ídolo do Harlém», depois de conservar-se invicto no ring pelo espaço de onze anos, derrubando gregos e troianos, encontrou quem lhe tirasse a vantagem do título de campeão mundial. Foi o outro negro de nome Ezzard Charles, que lhe arrebatou a láurea e deixou a cara do «Dinamitador de Detroit» no estado deplorável em que a vemos: um ôlho fechado e nariz e boca a sangrar abundantemente...

AMOR POR CORRESPONDÊNCIA



CERTA vez, um jornalista, viajando num trem, ao lado de um cego de nascença e homem de seus quarenta e tantos janeiros bem escuros, perguntou-lhe se já amara a alguém na vida. O cego esboçou um sorriso e respondeu que sim. Como seria o amor de um cego? Que idéia poderia êle fazer da côr dos olhos de sua amada, da beleza de seus cabelos, do sorriso, do andar, do todo físico como base para o ideal? Então o jornalista indagou de tudo isso. O cego, por fim, respondeu-lhe: "E' verdade que não vejo nada, vivo em plena e permanente escuridão. Não vejo o rosto, o sorriso, a côr dos olhos e dos cabelos dela, mas imagino tudo isso como sendo a maior expressão de beleza. Quem pode competir com um cego imaginoso, o que seja a verdadeira Beleza?" Grande filosofia a daquele ceguinho viajor! E disse uma grande verdade. O Amor pode nascer pela simples ideação do ser amado. Querem exemplos? Vejam êste caso passado recentemente em Goiânia. Uma jovem professora, filha de modesto funcionário federal residente na capital de Goiás, passou a manter correspondência com um moço residente no Rio. Jovem também idealista e romântico, em pouco tempo se deixou fascinar pela epistolografia de sua amada platônica e nasceu entre ambos um amor irresistível. Um dia teve a curiosidade de visitar a cidade de Goiânia. A beleza panorâmica, o traçado das ruas, praças e avenidas, o magnífico planalto em que assenta, tudo isso o encantou. Mas, o que o deslumbrou foi a jovem professorinha. Os dotes intelectuais da moça, sua educação, seu espírito, dominaram de uma vez o coração do rapaz. Houve o pedido de casamento e o par amoroso cujo amor nasceu através do Correio, é hoje o mais feliz dêste mundo!

★

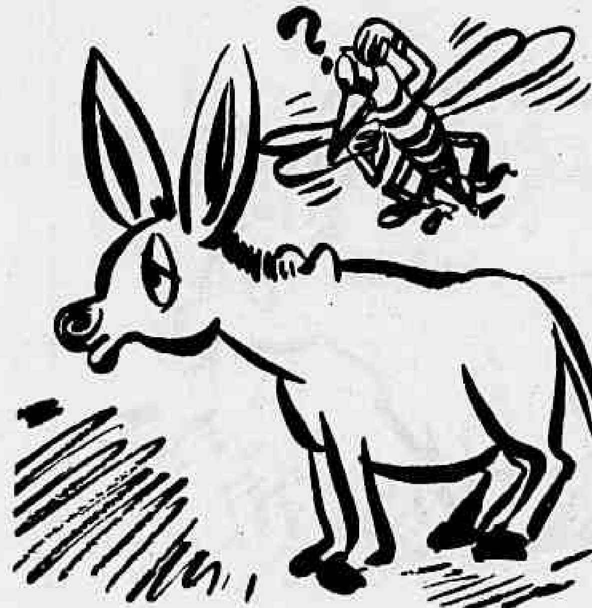
ENGULIU A NOTA!

MARIA Cândida Moreira é uma preta de 27 anos (diz ela...) solteira, senhora de condenável profissão: gatuna. A polícia não a perde de vista, e, onde é ela surpreendida, tem que ser conduzida ao Distrito mais próximo para pôr em dia seu "Diário" de ladroagens em série. Há poucos dias estava ela nas imediações da Central do Brasil, em companhia de outros "colegas" da classe, quando um investigador, desconfiado das atitudes suspeitas de Maria Cândida, levou-a à presença da autoridade. Ouvida em cartório, a ladra, num movimento rápido, levou qualquer coisa à boca. Que seria? Veneno? Será que ela estava assim tão "honesta" que se sentisse humilhada com aquêle interrogatório e preferisse a morte a enfrentar a desmoralização à sua pessoa? Nada disso, leitor! O que Maria engulira fôra, nada mais, nada menos, do que uma notinha nova em folha, de Cr$ 500,00 (quinhentos cruzeiros) cujas origens iam apurar naquele momento! E ela preferiu metê-lo de esôfago a dentro, num gesto heróico e perigoso. Êsse recurso extremo de engulir papéis comprometedores é muito comum entre os vendedores de "bicho". Sempre que a polícia persegue os transgressores da lei contra o jôgo do bicho, os bicheiros pçrocuram destruir as listas do crime. Se não conseguem fazê-lo por um meio mais fácil, fazem de tudo um pastel e engolem a papelama, sem sal e sem manteiga. Assim fêz Maria Cândida Moreira, a preta ladra. Estava com quinhentão na bolsa. Era aquilo que ia dar-lhe cadeia, na certa. Para não fornecer provas contra ela, enguliu a nota! Se fôsse na Itália, ela morreria de indigestão!



★

JUMENTOS X MOSQUITOS



NÃO sabemos se o leitor já andou pelos sertões adustos do nordeste brasileiro. Se já andou, deve lembrar-se do papel empolgante que ali desempenham os "jegues", êsses jumentinhos de tamanho de bonecos de gente rica, a atravessar léguas e léguas conduzindo às costas, cargas de meninos, caçuás de víveres, latas dágua, tijolo, lenha, o diabo que lhe ponham no espinhaço. São resignados, humildes, obedientes e leais amigos do homem. Comem qualquer coisa. Jamais reclamam o "menu". Até pedra êles engolem... Pois agora os jericos estão sendo transportados dos sertões do Ceará para o Rio, por iniciativa do Serviço Nacional de Febre Amarela, a fim de que prestem serviços contra tudo o que é trabalho de mosquitos transmissores de endemias, especialmente os senhores anofelíneos, por conta de quem tanta gente morre de malária. Num dos cargueiros da ITAÚ, chegaram à capital da República vinte e cinco jumentos, pesando nada menos de 2.000 quilos. Daqui irão êles trabalhar aí pelas baixadas e alagadiços onde os mosquitos têm seu quartel general. Habituados a uma vida de grandes sacrifícios, capazes de subir em baraúna se o dono mandar, os jegues acharão "sopa" êsse negócio de caminhar em planícies e alagadiços aqui pelo sul. A curiosidade que houve na travessia do avião carregado de burrinhos do nordeste, foi a de que os animais se portaram com tôda a dignidade de sua espécie. Entraram no aparelho e dele saíram sem protestar, nem exigir maior confôrto. Só um houve que enjoou. Ao atingir o poderoso "Curtiss-Comando" "C-46, a altura de 3.500 metros, um dos "passageiros" não se sentiu bem. O frio era muito e êle estava habituado a suportar 40° à sombra. Mas logo se refêz, que cearense nasceu mesmo para furar mundo...

NO CEARÁ NÃO TEM DISSO NÃO...



AO tempo do Brasil-Colônia, as autoridades policiais aplicavam aos negros e ladrões, castigos aviltantes, dentre êstes o de chicotadas em praça pública, amarrados os delinqüentes ao pelourinho, à vista do povo. Diziam que aquilo era para servir de "escarmento" a todos os que tivessem idéias de furtar o que era alheio. Mas, com o desenvolvimento do conceito de pena, tais processos bárbaros foram sendo condenados até que chegamos ao estado atual, quando os castigos físicos são terminantemente proibidos em qualquer criminoso. Mas o mundo tem suas esquisitices em matéria de evolução e agora mesmo o Egito, pela boca de seu Ministro do Aprovisionamento acaba de dar êste incrível exemplo: a surra pública no lombo e na cara dos ladrões que prejudicam a economia popular foi restabelecida na velha terra dos Faraós. Qualquer comerciante que desrespeitar o tabelamento de preços estabelecidos pela C.C.P. de lá, será prêso e surrado em plena luz do dia na praça pública, levando chicotadas fortes na cara. As razões dessa violenta reação do Govêrno egípcio estão na luta que travam as autoridades daquele país contra as explorações do câmbio negro e dos espertalhões que não têm pena da situação do povo e os escorcha nos preços altos dos artigos de primeira necessidade. O encarecimento da vida no Egito é um dos maiores problemas, e tabelas são postas em estabelecimentos comerciais regulando o preço das utilidades mais essenciais à vida do povo. Entretanto, negociantes inescrupulosos fraudam a lei. Contra êles vai ser aplicado o chicote. Pois não é que, aqui no Rio, o promotor Frederico Muller, também quer o sistema?



GALINHA GORDA



MAIS uma modalidade para enganar os de boa fé. E' a venda de "galinha gorda a domicílio", como dizem os meliantes. Pessoas desonestas, que desejam arranjar dinheiro seja como fôr, imaginaram êste processo: — adquirem dos importadores de galinhas as que estão doentes e que não servem para o mercado, e vão vendê-las às donas de casa em seus domicílios. Não há residência que não deseje possuir em seu quintal ou depósitos algumas galinhas boas para os dias de canja. Sabendo disso, espertalhões se abastecem de aves atacadas de gôgo ou exaustas pelas viagens do interior até o Rio, compram-nas por pouco dinheiro e vão revendê-las às casas de família como "galinhas gordas", a baixo preço. E' uma modalidade de conto do vigário, o "conto da galinha". O bairro mais visado pelos finórios é o da Tijuca, onde diversas famílias foram prejudicadas pelos chantagistas inventores dêsse sistema de iludir a boa fé alheia. Na rua Martins Pena, uma casa foi vítima dos meliantes. Adquirindo na mão dos mesmos uma boa quantidade de galinhas, a dona da casa ficou radiante com a compra. Eram mais de quinze as cabeças, entre frangas e galinhas vistosas, muitas delas a botar ovos de gema fortemente carregadas de vitaminas... A casa possui excelente quintal arborizado. As galinhas teriam ali ótimo "habitat" para viver e engordar para os domingos e dias de festa. Mas, quando o dono da casa chegou do trabalho e a convite de madame foi ver a boa compra que ela fizera, não escondeu sua indignação. Tratava-se de uma descarada chantagem! A espôsa tinha sido vítima de espertalhões, pois as penosas estavam na última lona e, no mesmo dia, esticaram a canela!



UM NASCIMENTO POÉTICO

NADA mais natural do que o desejo que todos pais têm de cercar do mais absoluto confôrto o nascimento dos seus pimpolhos, especialmente quando se trata de primogênito. O enxoval para um filho que está já em caminho no bico da cegonha ou do pinguim, como seria o caso de nascimentos na Groenlândia, é uma coisa muito séria e merece cuidados extremos por parte dos genitores. Mas, nem sempre sucede o que desejamos em matéria de natalidades. Veja o leitor o que acaba de suceder com a sra. Amelia Cruzat Undurraga, da sociedade chilena. Já em adiantado estado de gravidez, Madame Undurraga teve necessidade de fazer longa viagem pelos ares. Precisava ir a Lima, no Peru, tendo escolhido o avião por ser muito mais rápido, embora o seu estado não oferecesse segurança para realizar essa viagem com absoluta tranqüilidade. Um vôo pela região das mais altas montanhas da América, quase sempre perturbadas pelas tempestades de neve e chuva gelada, não é brincadeira que se recomende a uma senhora em estado interessante.. Mas, como tinha mesmo que realizar a viagem, a sra. Amelia Cruzat Undurraga não teve mais considerações e voou. A bordo de qualquer dêsses aviões de transporte, temos a impressão de que estamos deitados nas nuvens, tão macia é a coisa. Entretanto, ao passar pela linha do Equador, madame se sentiu mal e se deu a "delivrance". A jovem mãe foi assistida lá nas alturas pela aero-moça peruana Violeta Laureys e pelo capitão Frederick Mermann, de Michigan. Que nome terá o bebé? Não se esqueçam padrinhos e pais, de lhe darem um nome evocativo dêsse nascimento poético...

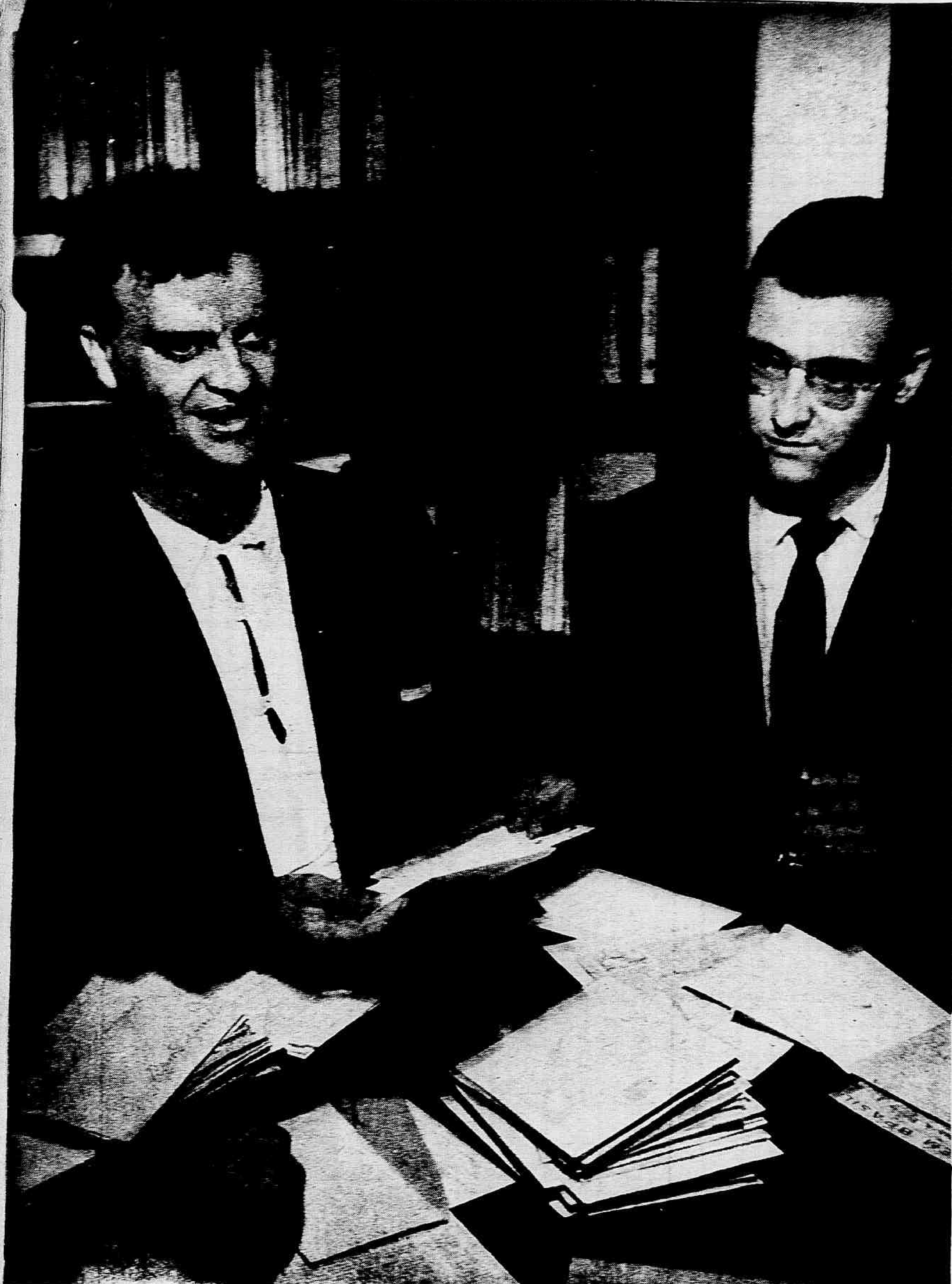




E JÁ QUE FALAMOS NA DERROTA DE JOE, apreciemos a vida boa do seu vencedor, Ezzard Charles, a gozar as delícias de tão grande triunfo numa «vila» poética nos arredores de Nova York. O novo campeão de box tem 29 anos de idade, pesa 83 quilos, nasceu em Cincinnati e era tocador de saxofone. Por êsse motivo é um apaixonado da música e muito religioso. Charles gosta de tomar seu chàzinho às cinco da tarde, especialmente após algum exercício esportivo para não perder a forma. Como se trata, o moreno!



OS RECURSOS DA GUERRA MODERNA são inúmeros e cada vêz mais se aperfeiçoam. Aqui vemos um soldado norte-americano em plena luta na Coréia, conduzindo um aparelho de radiotelefonia portatil que funciona com uma bateria. Embora na última grande guerra o Exército norte-americano tenha pôsto em uso centenas dêsses aparêlhos, o modêlo que êste soldado apresenta é muito mais aperfeiçoado e eficiente. Seu raio de ação ultrapassa a um quilômetro e tem prestado memoráveis serviços às tropas da ONU na guerra coreana. Veja a expressão dos combatentes.



NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

César Ladeira é um pai [illegible]
O homem só é grande quando de joelhos (Abdias Rodrigues)
Dez Cadeiras vazias (Daniel Caetano)
Prêmio de Viagem à Europa (Sabino Canali)
Sete dias em Buenos Aires (Celestino Silveira)

LITERATURA

A Sombra de Mussolini (Leonardo Conti)
Momentos Trágicos (Eli Marçal)
A vida de mme. Chiang Kai-Shek (Henry - Dana Lee Thomas)
Escola Sentimental Para Moças (Tinoco de Miranda)
Semana Literária (Edmundo Lys)

ATUALIDADES

A mulher que mata de amor

HUMORISMO

Este mundo é o outro (Darcy)
A Maioria (Théo)
O Pecado (Nicodemus)

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista
Personagem da Semana
Puxe pelo cérebro
A Saúde do Bebê (Dr. Sabóia Ribeiro)
Tudo isto acontece

MODAS

Maillots de Hollywood
Em Tafetá
Variações da Moda
Tailleurs
Modelos para Cocktails
Week-End na Cozinha

FOLHETIM

A noiva que não queria casar

CINEMA

Eles fora da tela

ILUSTRAÇÃO

Oswaldo da Cunha

BONECOS

Rafael

F O T O S

Walter Morgado — Sabino Canali — Celestino Silveira — Avulsas.

NA CAPA:

Ann Blyth

(Foto Universal-International)

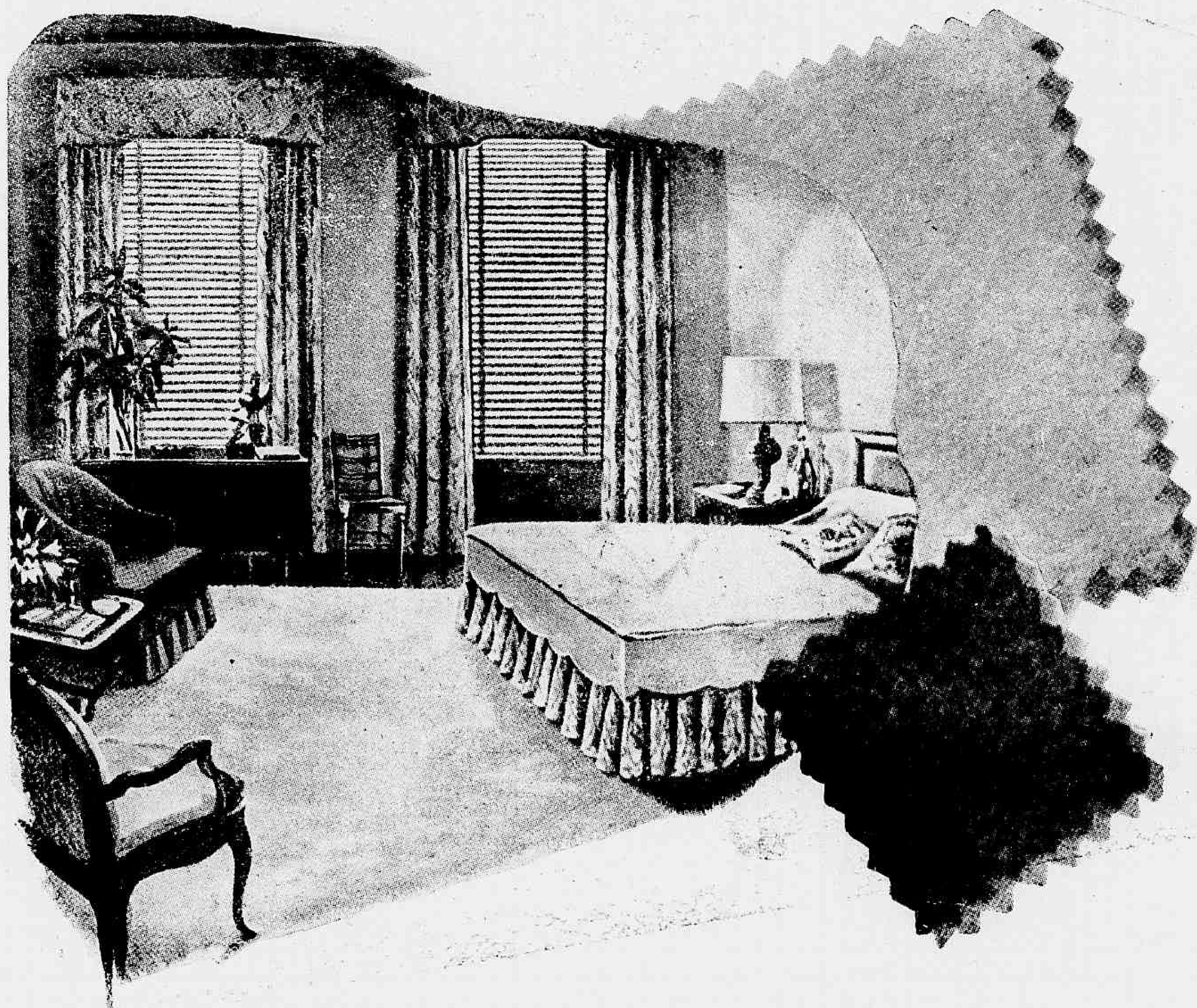
Respostas ao teste

1—Argentina
2—Incendiou o templo de Diana em Éfeso
3—Os conjurados da volta de Pedro I
4—As farpas que os toureiros cravam nos touros
5—O que era pombos-correio
6—De um verso de Virgílio
7—Ratier
8—Pôrto dos Casais
9—Leão XIII (1900)
10—Ter nascido a 7 de Setembro (1880)
11—Nevralgia
12—Por ter vencido Cartago
13—Scolopendra
14—Advogado
15—Do latim **sedes**
16—A que secreta substância da seda **animal**
17—Tumulto popular
18—Cavaleiro trovador
19—Selene
20—Ao primeiro dia de cada mês

NA MÉCA DO ESPIRITISMO

AINDA uma vez esteve a REVISTA DA SEMANA em Pedro Leopoldo, acêrca de hora e meia de Belo Horizonte, para ouvir a palavra do médium espírita Francisco Cândido Xavier. Motivou a ida da reportagem a lugar tão distante, o recebimento de numerosas cartas de todo o Brasil, pedindo detalhes sôbre a vida e a personalidade do médium de Pedro Leopoldo e maiores esclarecimentos sôbre a doutrina espírita como ciência. Louvando nosso serviço anterior, isento de partidarismo ou do menor comentário pessoal, na ocasião em que foi abordado o "caso Humberto de Campos", simples curiosos, simpatizantes ou mesmo estudiosos da matéria, pediram-nos para que, usando do legítimo direito que tem a imprensa de abordar qualquer assunto sem "parti-pris", sensacionalismo ou chantagem, realizássemos uma reportagemmais completa sôbre o assunto. Foi o que fizemos. Registramos o que vimos e o que ouvimos, sem nada alterar. Bastante desiludidos ficarão os que esperarem fotografias escandalosas ou comprometedoras, declarações perigosas e inoportunas. Repetimos, não foi êsse nosso intuito, e por isso fomos atendidos. Sôbre a intimidade da vida de Chico Xavier, bem pouco diremos, pois mais uma vez êle se escusou em sua modéstia, de ser focalizado particularmente. Quanto ao espiritismo na teoria, na prática e na sua finalidade, relataremos o que nos foi dado saber, sem querer acusá-lo, pois nada vimos de condenável sem fazer propaganda, pois não somos pagos para isso. Em nosso país, assim como se pode escrever sôbre variados assuntos, uma reportagem tem o direito e o dever de registrar qualquer manifestação de religiosidade na sociedade humana, para documentar a evolução de nossas gentes, para esclarecer a quem nos pede, para contribuir no aperfeiçoamento das coisas materiais e espirituais de nossos contemporâneos. Êsse o assunto que será abordado no próximo número da REVISTA DA SEMANA.

MÓVEIS e DECORAÇÕES

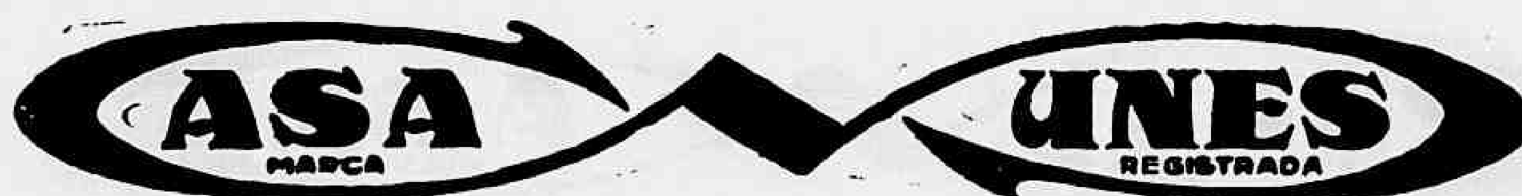


GRUPOS ESTOFADOS

— UMA ESPECIALIDADE DE NOSSAS OFICINAS —
PRONTOS PARA ENTREGA IMEDIATA

TAPETES E PASSADEIRAS

EM TODOS OS TAMANHOS E CÔRES
DE FORRAÇÃO, LISOS E COM FLORES



65 Rua da CARIOCA 65 — RIO



A coerência é um atributo das pessoas de bom gosto. Quem sabe apreciar uma sonata de Beethoven, um prelúdio de Debussy, também dá valor a um bom cigarro... Por isso Hollywood é hoje uma tradição da sociedade brasileira. Tabacos finos, rigorosamente escolhidos, harmoniosamente combinados, deram a Hollywood esta posição ímpar. Hoje, Hollywood conta com mais fumantes que todas as outras marcas da mesma categoria combinadas — e você, como pessoa de bom gosto, também aprecia Hollywood.



cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

H-88.066

um produto SOUZA CRUZ